POESIAS LYRICAS

SELECTAS

POESIAS LYRICAS
SELECTAS

DE

Luiz de Camões

PUBLICADAS

PELA

V. de V. M.

COIMBRA

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE

1876

AO

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

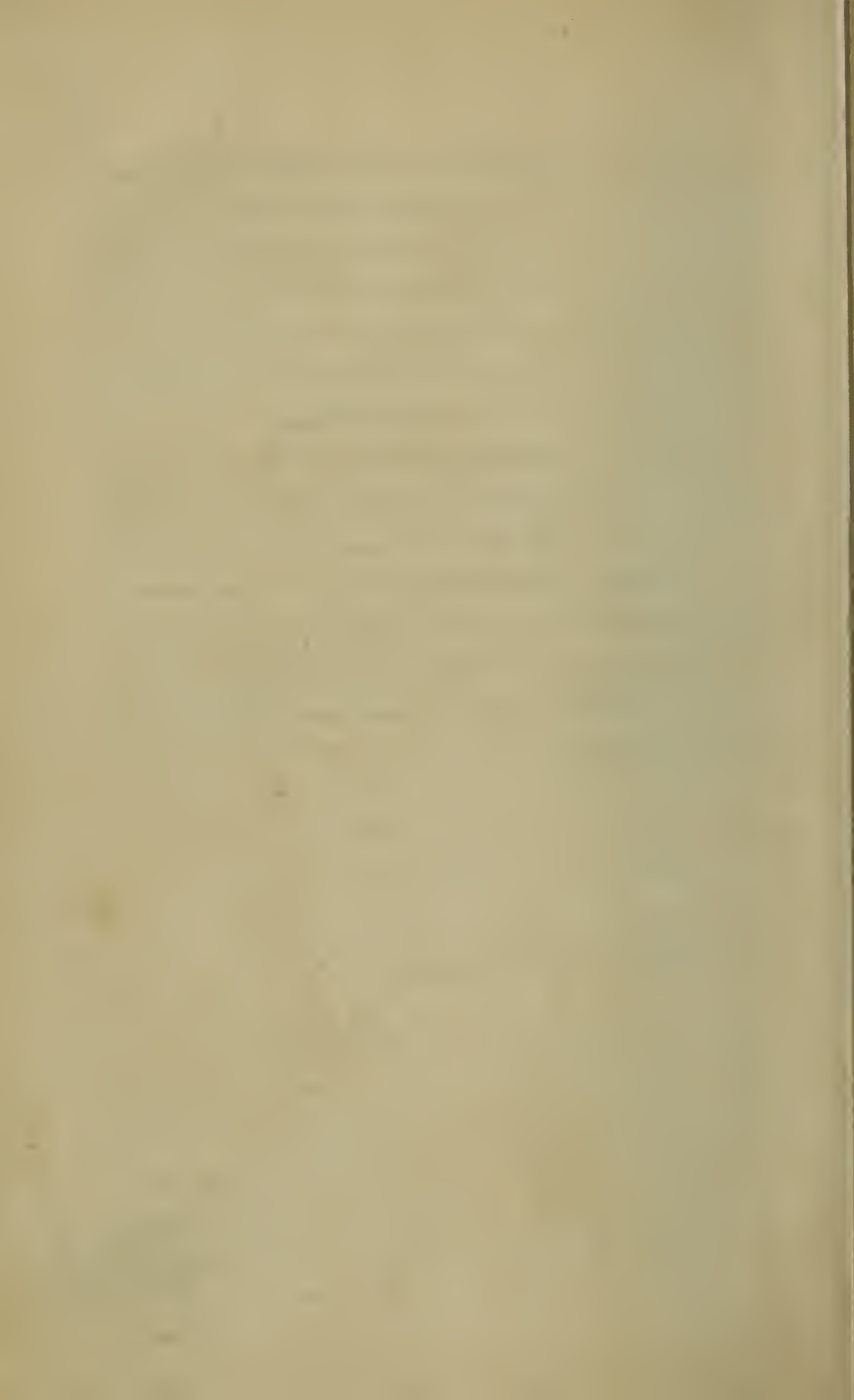
VISCONDE DE JERUMENHA

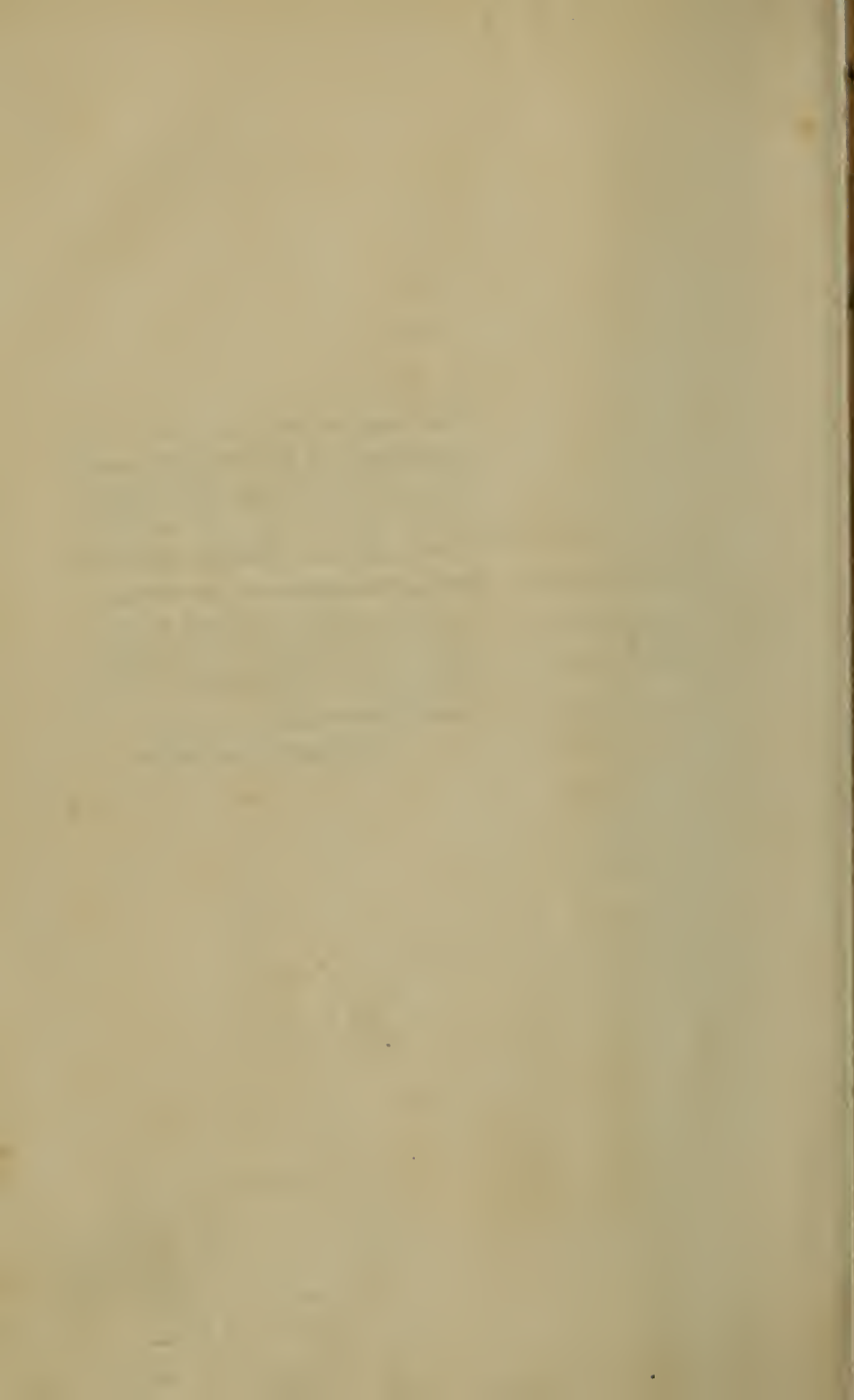
A par de um valioso trabalho, e em quanto uma consciencia honesta investigou muito para muito saber, a fim de proseguir em seu nobre intento; em quanto a mais escrupulosa verdade sujeitou um delicado sentir, um enthusiasmo sincero, afastando assim a natural parcialidade; em quanto se formava um livro, que justamente devemos admirar, já pelo elevado assumpto que tracta, já por ser escripto num estylo facil, que agradavelmente convida a ser lido, e ao qual não faltam os adornos e preceitos da arte, nem o sentimento que a alma move e prende; em quanto se escrevia, confessamol-o, a melhor biographia do nosso poeta Camões: alguem, que por todo estudo só imaginava no que lia, que só reflectia e

aguardava no mais claro de seu espirito essas impressões, que se lhe infiltram formando uma especie de oasis, sempre rica de verdura e frescor, neste requeimado turbilhão da existencia! alguem, digamos, a quem pezava ver que seu pensamento havia de passar tão rapido como a vida, lançou sobre umas folhas ainda brancas as côres que, por vivas, lhe feriram mais a vista, e as lembranças que, por dolorosas, lhe cahiram mais no coração. Se ousámos escrever uma noticia, e fazer uma apreciação livre da vida e caracter de Luiz de Camões, esperamos que a mais profunda admiração sirva de salva-guarda a tamanha ousadia, e nos resgate do atrevimento. Depois tentámos ainda mais: fizemos selecção do mais apurado das poesias lyricas do nosso immortal Poeta, formando d'ellas um só volume, por julgar que assim ficam mais ao alcance de muitas intelligencias, que têm sem duvida a capacidade de as entender, mas não a paciencia necessaria para indagar, por entre milhares de versos, quaes os seduzem e lhes agradam mais.

Se um bom exito favorecer nosso desejo, se a propagação de mais um bom exemplar podesse servir de correctivo contra algumas imperfeições de linguagem e abusos de fórma: se a leitura d'aquellas paginas, bem devéras portuguezas, podesse adquirir, para imaginações muito novas ainda, um gosto mais

severo que presidisse ás suas obras, tornando-as assim menos ephemeras para quem escreve e mais uteis para os que lêem: teriamos então alcançado muito do que ambicionamos, levando nós, obreiro humilde, tambem uma pedra para a grande obra da civilisação: por alheia não acharemos que nos pese, e por pequena não será menos preciosa.

Lisongeiro é sempre marchar a par de um nome respeitavel, ainda que por differentes veredas: e, sem duvida, do Sr. Visconde de Jerumenha esperamos favor e desculpa, lembrando-se elle que o peregrino, que a distancia o seguia, lançava algumas flores sobre o caminho que ambos trilhavam para chegar ao mesmo fim, pagando assim o tributo por nosso pensamento requestado.

Moi aussi, en jetant les yeux sur la terre entière, si je ne voyais plus un seul point où je pusse placer une espérance, un seul flot où je pusse aborder sans y trouver mon maître, une seule chance de salut pour ma pensée, un seul élément de vie pour y respirer, un seul pic de rocher pour y être moi-même, je ferais comme l'Océanien. Je m'assiérais sur la rive et je me laisserais mourir.

E. QUINET — *La Création.*

Ao Leitor

Através das vicissitudes da existencia, no meio dos mais dolorosos transes, sentimos quasi sempre alguma esperança que nos soccorre, vemos alguma luz que nos guia, e achamo'-nos ligados ao mundo não só pelos laços da familia, da amizade, mas tambem por essa occulta e invisivel sympathia, que é um dos imans da vida, que mysteriosamente nos attrâe, e nos leva a crêr — que as lagrimas sinceras são as perolas que Deus acceita, que um echo responde pelo mundo a nossos lamentos, que as idéas se reproduzem de espaço em espaço, formando essa magica cadeia que liga um pensar a outro pensar, um sentir a outro sentlr, e que nos dá a certeza de que ao nosso espirito correspondem outros, silphos bemfazejos que não vimos, mas que presentimos! D'ahi nos vem esta necessidade da palavra escripta, que vai, qual semente levada pelo Oceano, procurar um

abrigo onde fructifique, quer seja porque um pensamento a decifrou, ou porque um coração lhe deu alento. Assim, nada mais natural e perdoavel do que esta expansão dos que soffrem, já pelos revézes da sorte, ou pelos padecimentos que lhes vão roubando depressa a vida; e não menos por esta natural aspiração da alma, que sempre ao longe tenta procurar o seu infinito!

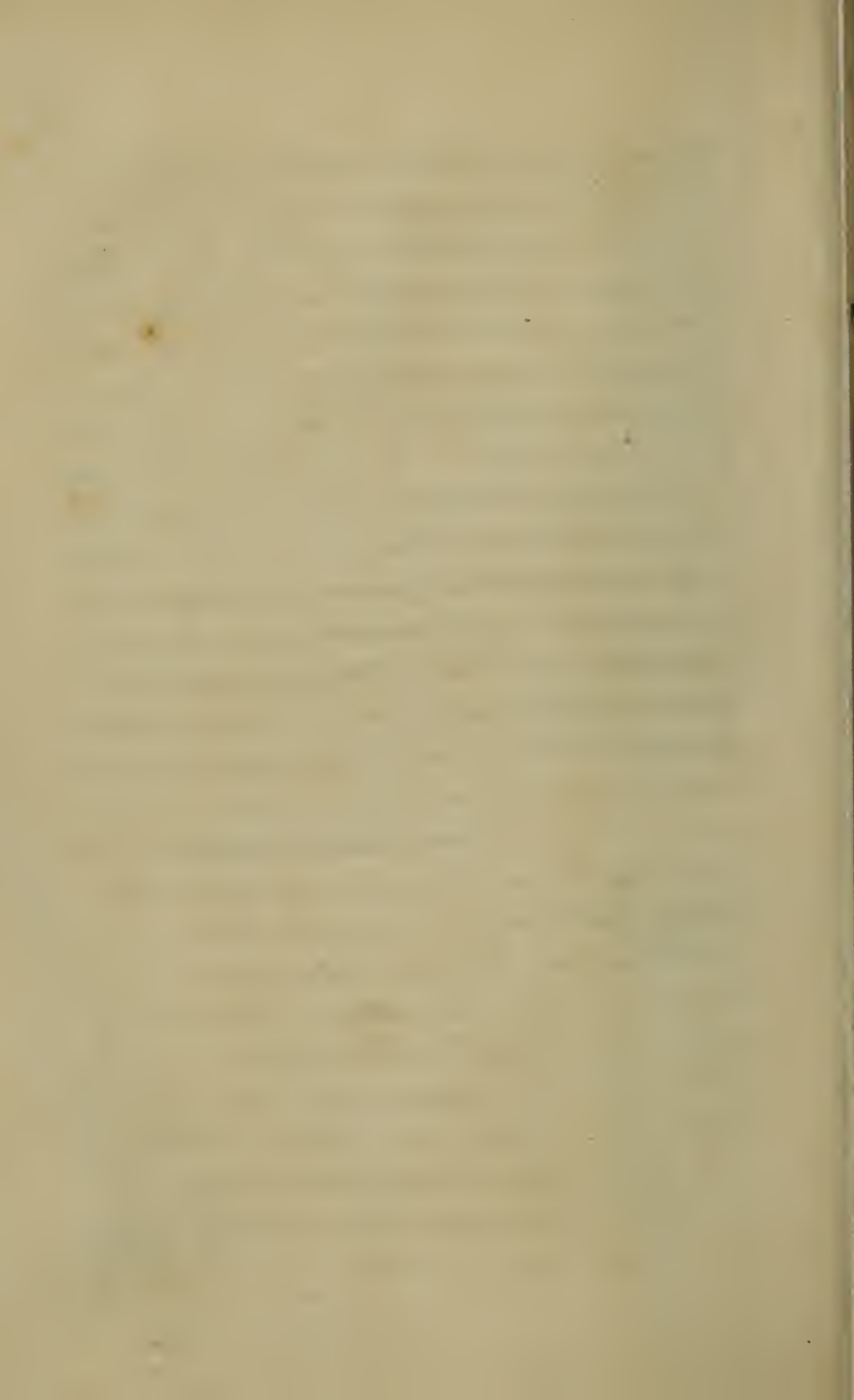
Na breve noticia que adeante damos da vida de Luiz de Camões, e na selecção que fizemos de suas poesias, desejamos sinceramente que ninguem veja um estudo: e se a critica nos fôr por extremo severa, diremos—os criticos têm razão, porque pouco diz quem pouco sabe; e se com benevolencia fôr acolhida a nossa tentativa litteraria, tanto mais nos lisongeia, que neste pequeno trabalho a inspiração é tudo, a sciencia acanhada.

Na nossa primeira viagem á Provincia de Trás-os-Montes, alguem de familia, a quem devemos e retribuimos muita estima e amizade, nos brindou com uma edição das obras de Camões, por Manoel de Faria e Sousa. Por esse tempo nada conheciamos das lyricas do grande Poeta; e, como se nos despertára a curiosidade sobre todas as suas obras, começámos de as lêr com mais attenção do que seguimento; e meramente por um habito, que desde a infancia con-

trahimos, íamos marcando folha a folha, e dia a dia, qualquer poesia que mais apreciavamos.

Depois de terem decorrido muitos annos, e quando justamente se começava a fallar no apparecimento da Obra do sr. Visconde de Jerumenha, occorreu-nos a idéa de fazer uma selecção e de escrever a breve noticia que hoje apparece a publico, e que o mais acerbo padecimento, e os mais profundos golpes, nos tinham feito desleixar e esquecer. E agora, para não imitar de todo o viajante, que, ao cahir do dia, vendo o sol a sumir-se no horizonte, sentado junto á cruz, que no seu caminhar encontra e lhe indica a redempção, erguendo tambem singela prece, aqui deixamos inscripto um nome, que elle por ventura gravaria no pó, e que o mais leve sopro varreria!

Viscondessa de Villa-Maior.

Coimbra, 24 de Julho
de 1875.

Introducção

I

Vai-se o pensamento calmando, aquietando logo que se deixam os grandes tumultos, as grandes cidades, os grandes fócos da civilisação — campo vasto, immenso, onde tudo se elabora, onde as intelligencias lutam, soffrem, e sahem victoriosas da incessante fusão do espirito humano, fazendo surgir as grandes maravilhas da arte, as descubertas da sciencia, e por fim mostrando ao mundo os fachos luminosos do progresso. Porém, como diziamos, ao passo que nos desprendemos do turbilhão, e quando já se alarga o circulo de idéas alheias e extranhas, que nos rodeavam, então claramente sentimos renascer uma outra ordem de sensações. Á medida que nos isolamos cresce o sentimento da nossa individualidade; á medida que nos concentramos, surgem mais fortes as nossas impressões. A reflexão torna-se mais intima, a analyse mais descuidada para o homem

que caminha pelo mundo, de espaço em espaço, de terra em terra. Segue-o comtudo a incançavel curiosidade, despertadora da imaginação, transporta-lhe o pensamento que revôa então livremente, encontrando, quasi sem as buscar, mil idéas que o assaltam. Sombras tristes do passado, inquietações no presente, esperança ou duvida no porvir! E pouco a pouco se lhe vai infiltrando um sentimento que em si abrange todos os outros — sentimento que diz humanidade, que diz fraternidade, que diz familia, que diz amor, que diz maldição n'um grito de vingança, que diz morte n'um grito doloroso, que diz céu, patria, liberdade, n'um grito de enthusiasmo e sentimento, que nos faz amar as terras, os lares de nossos irmãos, ainda os mais remotos e afastados; sentimento grandioso e sublime quando o generalisamos e que fica sempre sublime e grande, ainda circumscripto á nossa nacionalidade!

Assim temos para nós que o melhor modo de estudar a historia de um povo, de um paiz, de um rei, de uma epocha, que a melhor maneira, digamos, de personificar a historia, de conhecer os grandes vultos que a enobreceram, é, e será sempre, o estudo dos monumentos, e o conhecimento dos sitios, das localidades aonde se practicaram acções notaveis. Os crimes, as cobardias tendem a esconder-se: e a posteridade, pelo dó e vergonha dos que

foram, vai destruindo pouco a pouco os instrumentos do mal, e lançando fóra de si o que na memoria de todo quizera apagar. Porém os livros e as tradições succedem-se: com espanto lemos e ouvimos o que foi cruel, vil e abjecto; mas, d'essa maneira, o mal nos passa rapido pela vista, resvala pelo pensamento, que vai sacudindo, como inportunas, essas horrendas visões; não succede assim ao que a providencia guardou: similhante ao astro, que, inda depois de apagado, deixa após si um rasto luminoso, a memoria das grandes glorias, dos grandes sacrificios, e os grandes e sublimes infortunios não se offusca nem envilhece com os seculos, e de contrario nos parece que a fama da virtude é chamma, que, no mais durar, se apura e brilha. Deus diz á pedra: não te desfaças em pó até que outro padrão se alevante; — diz á pintura: não te apagues em quanto não brilharem outras côres; — diz ao cedro: sustenta-te para que o mundo te contemple.

II

O nosso paiz, ainda hoje um pouco excepcional na Europa, conservava ha vinte annos, apezar das guerras que o tinham dilacerado, ou talvez mesmo em virtude d'ellas, uma originalidade, um cunho de an-

tiguidade, que surprehendia quem pela vez primeira transpozesse os muros da capital. Embora a impressão recebida fosse agradavel para uns, curiosa para outros, não é menos verdade que a mudança era notavel e a transição rapida. Tudo conservava seus vestigios, aqueductos, pontes e vias romanas: torres e castellos mouriscos, situados pelas alturas e servindo de guarda e ornamento elegante a cada cidade e a cada villa: innumeraveis mosteiros mostrando epochas de crenças vivas e até de fanatismo: edificios historicos, padrões levantados em epochas felizes ás nossas glorias: palacios, casas abandonadas, cujas ruinas attestavam as guerras que ultimamente haviam desunido as familias, queimado e devastado os lares. Tudo jazia quieto ahi por esse Portugal, aonde silencioso vivia um povo, que, pobre e ho[illegible] guardava as reliquias do seu paiz, esperando pelas bençãos do porvir.

III

No anno de 18... caminhavamos pois pela estrada de Coimbra, e ao terceiro dia de jornada, por uma madrugada do mez de março, iamos chegando á capella de S. Jorge. Á esquerda nos ficava Alcobaça e Aljubarrota, que as inflexões do terreno encobriam. Mal nos vai talvez o ter de revelar agora o que tão

intimamente sentimos; porém, quem ha isento de gratidão para os sitios ou objectos, que lhe causaram como uma revelação do seu proprio sentir? A hora em que despertou para nós mais uma idéa ou um sentimento, é hora que devemos abençoar, porque á intelligencia deu mais uma garantia, ou ao coração mais uma ternura para amar. S. Jorge, os campos de Aljubarrota, a legenda da setta que D. João Primeiro atirara, o voto que fizera de edificar o mosteiro, onde fosse parar aquella setta, que, pelo abrigo que buscou, mais parecia pomba do que ferro; aquelles nomes, confessamos, foram para nós faisca electrica.

Desde alli até á Batalha descemos com o espirito involto em um sentimento, de mistura, guerreiro e [illegible]. Ia surgindo o sol, quando chegámos a Sancta Maria da Victoria, que se nos mostrou n'aquelle momento como sendo pagina sagrada que realça a historia portugueza.

Não queremos aqui traduzir e explicar as bellezas de architectura que compõem aquelle maravilhoso edificio: notaveis escriptores o têm feito, mostrando a arte com vantagem alheia, e revelando assim seu proprio merecimento. Porém o valle verdejava e estendia-se até a vista se perder: o povo sahia da missa d'alva, e os ares estavam atroados com os alegres sons de uma musica militar: entrâmos na

egreja com o coração cheio e alterado de sensações, e assim fomos seguindo de surpreza em surpreza, de admiração em admiração. Ao tocar na espada de D. João Primeiro, ao contemplar o altar de Aljubarrota, sentimo-nos mais portuguez do que nunca. Parecia que as cinzas de nossos avós nos turvavam a vista, e nos ouvidos se assimilhavam gritos de guerra e sons de clarins, e ouviamos o proprio rei accudindo e exclamando:

> Defendei vossas terras: que a esperança
> Da Liberdade está na vossa lança.

D'aquelle instante repetimos o nome do poeta que immortalisou sua patria, e na memoria nos ficou gravado para jámais se apartar. E, como se a Providencia nos quizesse favorecer, em Coimbra recebemos as mesmas impressões, porém mais intimas e suaves. Era no tempo em que o lilaz em flor esparge seus perfumes: esta flor de côr melancolica, que a cada passo se mostrava, a belleza da paizagem a recordação continua dos amores de Ignez, faziam balbuciar junto aos cedros *lagrimas*, junto ao penedo *saudade*, e tudo repetia Camões.

Seguiremos esse grande vulto passo a passo, tentando dar breve mas egual noticia do coração do homem e da vida do poeta.

IV

Camões nasceu em Lisboa no anno de 1524. Foram seus paes Simão Vaz de Camões, e Anna de Sá e Macedo. Era de ascendencia illustre; seu quarto avô foi Vasco Peres de Camões, que em tempo de el-rei D. Henrique de Castella passou da Galliza a Portugal: n'este reino casou com uma filha de Gonçalo Tenreiro, general das armadas de Portugal e mestre da Ordem de Christo. Digamol-o com magua, Camões deixou a posteridade ignorando inteiramente seus laços de familia. Aos chronistas coube o fallarem do luzimento e grandeza de seus antepassados, e D. José de Sousa Botelho, por mais caridoso, lhe elogia seus paes. Pois que! poeta; nem uma voz para esses que te deram o ser, a quem devias teu nome, teu saber, teu nobre caracter, teu elevado espirito? Embora se procure, nem uma palavra de gratidão ou de saudade: pae, mãe, são nomes que não têm echo em suas poesias, e tudo responde silencio. Porém era impossivel que esta offença á natureza passasse de apparente, e impossivel cremos que fora não vibrar sentimento tão sublime quão natural e espontaneo, a par de outros sentimentos, por vezes mais raros, de que era dotado o coração do poeta.

*

Contava Luiz de Camões apenas treze annos quando passou á Universidade de Coimbra. Lançado em tenra edade entre extranhos, fez-se logo defensor de seus proprios brios. Seus estudos causaram surpreza e espanto, e facil e natural lhe foi medir-se com as sciencias e tomal-as como suas. Cedo acceitou o desafio do mundo, em que entrava, com poesia para ser um genio, com tendencias para heroe, com firmeza para martyr.

Porém, que destinos secretos tem a Providencia? Em quanto se cultivava aquelle grande ingenho, em quanto o homem moço e alegre esquecia os tristes presagios da infancia, de que fala com dôr tão repassada; em quanto recebia nesses verdes campos do Mondego o composto de impressões fortes e suaves, que depois legou ao mundo no episodio de Ignez, surgia no horizonte a estrella que o devia arrebatar a si mesmo, levando-o de esperança em esperança, de desengano em desengano; e arremessando esse colosso ao Oceano, a fim de que seus cantos tivessem por echos os espaços celestes e por pedestal o mar.

D. Catharina de Athayde é para Camões o symbolo da perfeição, e ousamos dizer que poeta algum na antiguidade elevou o culto do amor a tão brilhante esphera. Nos retratos, que Luiz de Camões faz de sua dama, se misturam sempre virtudes e graças,

assim em grinalda de flores, belleza e perfumes. E tal foi o respeito e pureza de sua affeição, que hoje ainda aquelle nome é lindo mysterio que vemos brilhar através de um prisma.

Foi em Coimbra que ao immortal poeta appareceu essa visão que para sempre o deslumbrou.

Comparando a canção IV

> Vão as serenas aguas
> Do Mondego descendo,

e o soneto que começa:

> O culto divinal se celebrava, etc.,

não se duvida em reconhecer esta verdade. A indole do soneto é mais mysteriosa; comtudo cremos que no recinto divino teve maior desinvolvimento a affeição já esboçada no coração do poeta, e a belleza, contemplada assim por entre o trémulo brilho das luzes do sanctuario, lhe fazia fluctuar a imaginação entre a mulher e o anjo. E foi tão certa em Camões a vibração d'esta idéa fixa, que, no decurso de sua agitada vida, não achou tréguas a tão acerbo mal.

No revolver de sanguinolentas guerras, no meio de alterosas procellas, já soldado ferido, já naufrago, offerecendo o peito ás ondas, cumprindo desterros,

de mais em mais crueis por afastados, quer nos amenos campos de Santarem, onde a esperança ainda lhe podia sorrir, quer já no desengano sob o formoso luar dos tropicos, embalando sua dôr com o melancolico canto dos malaios, embora pisando terras, que por alheias pareciam rejeital-o, embora soffrendo insultos e affrontas, o mesmo nome, a mesma imagem o seguia e se reflectia em sua alma formosa e pura; seu norte era sempre estrella.

V

Findos os seus estudos, voltou Luiz de Camões a Lisboa, e, depois de residir um anno na côrte, proseguindo sempre em seu infeliz amor, foi mandado sahir para Santarem. Alli o exilio não lhe seria ainda muito penoso, porque talvez tivesse juncto a si familia e amigos; e não menos grato lhe devia ser tambem achar-se rodeado de uma natureza tão rica em paizagens. Ao longe campinas esmaltadas, odoriferos pomares subindo pelas encostas, aguas aniladas reflectindo o azul do céo, tudo lhe inspirou aquella saudosa mas suave elegia, na qual nos diz:

> O curso das estrellas contemplava
> E aquella ordem com que descorria
> O céo, e o ar, e a terra onde estava.

Aos vinte annos de edade não ha desengano que caiba no animo do homem, e ainda menos no coração do poeta. Embora a morte lhe roube affeições, renascem outras com egual força: embora lhe tolham a liberdade, seu primeiro instincto, sua maior e mais vehemente necessidade, doma os ferros ou expira na lucta: embora o pranto lhe offusque dourado horizonte, em breve tenta vêr ao longe a nuvem entre azul e verde do seu futuro, e assim busca decifrar no céo a esperança que lhe promettera.

O poeta, que sentia em sua alma tão nobres aspirações, não cedeu deante de falsas e erradas exigencias, e, curvando-se unicamente perante o objecto do seu culto, aguardou com firmeza o castigo que o ameaçava. O mal não tarda, e não tardou este em chegar: na praça de Ceuta foi cumprir segundo e mais longo desterro.

Esperava ainda Camões que seu valor o fizesse realçar e lhe obtivesse mais conceito de seus proprios inimigos; porém todos os esforços eram inuteis. Pelejou contra infieis, soffreu a perda de um dos seus olhos, arriscou mil vezes a vida, tudo foi perdido e baldado. Regressando a Lisboa, ahi encontrou o mesmo rigor, talvez o mesmo desprezo. Vivendo entre homens, que não tinham alcance para presentir tanto merecimento; tolhido na expansão de seu delirante amor; vendo já a felicidade como cousa que lhe não

fôra destinada; depois de combater pelo espaço de alguns annos com os seus mallogrados cuidados, o animo varonil de Camões sahiu victorioso d'esta extranha guerra, que o homem faz ás paixões que o involvem, como o *simaun* no deserto, para com ellas submergir tambem sua virtude.

Demasiado não é o curto espaço de uma existencia para legar ao mundo as obras que atravessam os seculos, impondo-se tanta duração como aquelles vão vencendo; e muito fragil é o vaso onde reside o espirito humano, para que em si possa conter toda a inspiração de um grande genio: por isso cremos que do berço á sepultura a harmonia que tudo rege dá ao homem, assim como á planta, egual desenvolvimento: flor, perfumes, fructos, tudo se succede, se liga e prende por laços que a vista não alcança, mas que a intelligencia póde abranger. Acreditamos, pois, como certa a opinião de alguns escriptores, quando dizem que Luiz de Camões, indo para a India, levava já traçado o plano do seu poema: e assim o poeta, desterrando-se agora voluntariamente, obedecia áquella voz interior, que todo o homem sente vibrar em si e que mais clara se ouve e escuta nos grandes conflictos da existencia; voz quasi sempre severa e rude; voz por vezes branda, e que parece implorar; voz sempre sancta e libertadora: mal vai a quem a não seguir.

O poeta ouviu, pois, este aviso da Providencia; mas, ainda com mágua, no ultimo e doloroso adeus, repetia estas palavras, já proferidas outr'ora por Scipião — *ingrata patria ossa mea non possidebis* — não antevendo que o céo conservasse a vida a quem tão pouco apreço d'ella fazia.

VI

No anno de 1553, partindo para a India Fernão Alvares Cabral, governando quatro náus, embarcou-se Luiz de Camões na *São Bento*, em que ia o almirante: dispersadas e afastadas todas por um temporal horrivel, esta náu foi a unica que naquelle anno chegou ao seu destino. O vice-rei D. Affonso de Noronha, que desde largo tempo tinha determinado guerrear o rei de Pimenta, aproveitou o ensejo, junctando á sua esquadra, com o fim de a reforçar, a náu commandada por Fernão Alvares Cabral. O valoroso poeta seguiu os seus companheiros, e com elles partilhou os perigos da guerra, porque dois mezes de repouso tinham bastado a soldados de tão firme vontade.

Regressando a Goa, alli compoz a elegia em que refere quanto soffrera por agua e terra (*a*): é admi-

(*a*) O poeta Simonides falando.

ravel a singeleza da parte narrativa, e a grandeza da descripção. Camões punha as imagens, as comparações grandiosas no que fosse alheio, e parecia esquecer de ornar o que lhe era proprio, como sendo offensa á natural elevação. Não lhe soffria o animo inquieto um prolongado descanço, e, vendo que o capitão-mór Manuel de Vasconcellos apparelhava outra armada, quiz logo o poeta tomar nella parte. Em 1555 partiram a demandar o estreito de Méca, com o fim de perseguir o corsario Safar; porém, esquivando-se este ao castigo que tão justamente merecia, e tendo já passado o tempo propicio da monção, voltaram os portuguezes juncto a Mascate, e alli passaram a estação invernosa.

Sentindo mais pesada e insoffrida a sua amarga saudade, escreveu Camões, naquellas paragens, uma maravilhosa canção, inspirada pela mais profunda dôr, mas sempre livre dos effeitos que trazem soberbos juizos; diz o poeta:

> Sómente o céo severo,
> As estrellas, e o fado sempre féro,
> Com o meu perpetuo damno se recream;
> Mostrando-se potentes, e indignados
> Contra um corpo terreno,
> Bicho da terra vil, e tão pequeno.

Na India escreveu Luiz de Camões grande cópia

de suas poesias, e a fóra as odes, que são por extremo delicadas, e nas quaes se deixa ver a melancolia matizada ainda de alegre verdor, consideramos que naquelle longo exilio attingiu o poeta a sua maior grandeza, reflexo de outras que seus olhos viram, que sua alma sentia e que em seu pensamento se debuxaram. Todavia, Camões nem sempre é egual a si proprio; e como, e quem jámais o podia ser?

Se a inspiração do poeta nasce dos factos que o rodeiam, se o seu sentir se illumina, se abate, se desespera com os diversos lances, que a sorte lhe tece, como podia então existir uniformidade nos seus cantos? No seu carpir de rôla magoada nos legou milhares de versos, queixa sentida, mas por vezes monótona. Comtudo foi poeta lyrico dos primeiros da epocha; fervoroso admirador de Virgilio, irmão nato dos poetas italianos, filho do mesmo sol que a fronte lhes banhava em ondas de viva luz; pintor fiel da natureza, grande na descripção e fino no colorido.

A gruta de Macau, *soidão querida*, foi o logar onde Camões compoz seu poema epico, e neste é sempre mais egualmente feliz. A epopéa pertence a outras epochas, a outros seculos: por isso Camões pôde, desassombrado, medir-se, rivalisar com os grandes nomes da antiguidade, sem que depois nenhum outro lhe podesse offuscar o valor. Embora sua lyra cantasse num idioma pouco sabido, os bardos pelo universo

ainda repetem seus louvores. Portugal, pequeno na Europa, mas sentinella avançada sobre o Oceano, devia necessariamente ser o berço d'esses heroes que descobriram para o mundo novos mares, novas terras, novos céos. E as aguias, tomando alto vôo, cahiram sobre suas presas, derrubaram-as, salpicando a terra de um e outro sangue; e a morte a todos involveu e tudo confundiu. Depois de esforçada viagem, depois de esforçados combates, pouco a pouco, de anno em anno, tudo ficaria quasi sepultado no esquecimento, se um poeta, outra aguia mais forte, lhes não valesse, tomando sobre as azas o peso da sua fama e gloria.

Notamos no poema dos *Lusiadas* tres partes distinctas: narração de feitos, louvor de heroes, descripções de occorrencias extraordinarias. Na primeira parte é Camões singelo na idéa, mas firme em seu dizer e proposito. No elogiar assoberbou-se na phrase, engrandeceu por tal modo os nomes que tocava com sua magica penna, que d'elles apartou para sempre a possibilidade do esquecimento. Na pintura dos quadros, emfim, assombram suas idéas. Qual será o pensamento tão altivo, que não recúe e pasme ao apparecimento do Adamastor? Que espirito tão subtil haverá que fuja a enamorar-se da deusa que tão lindamente intercede pelos portuguezes, e quer graciosa coroal-os de louros? Aos fataes amores de Ignez deu

o poeta sobrenatural ternura, que fez divino o que só era terrestre, e, purificado por tão alto e compadecido estylo, só vemos alli a chamma do amor brilhante e pura. Pelo fim tragico gela-se o coração, mas os olhos choram e assim o alliviam.

VII

O governador Francisco Barreto, querendo afastar Camões por um acto de vingança, e mandando-o servir um emprego em Macau, foi todavia a mão da Providendia que encaminhou o poeta a cumprir sua alta missão. Alli descançou das fadigas da guerra; alli lhe sorriu mais a fortuna, dando algumas tréguas a seus importunos revézes; alli seu espirito se tornou mais placido, sua saudade menos acerba; alli triumphou sua vasta intelligencia, e por algum tempo impoz silencio ao tumulto das paixões; alli por fim terminou seu poema epico, brazão das glorias portuguezas. Mas não terminaram ainda os infortunios do poeta: mais um passo, mais uma prova para experimentar tão grande valor. Um caracter cheio de altivez, nascido de uma grande independencia de idéas, não sujeita pela força, e superior a todo o receio, devia necessariamente grangear a Camões muitos louvores e sympathias entre pessoas das mesmas

condições moraes; mas, ao tempo que se formavam estes nobres enlaces nasciam ao lado torpes invejas, filhas quasi sempre da mediocridade de alguns e da cubiça de outros.

Luiz de Camões, tendo noticia de que havia entrado no governo da India o vice-rei D. Constantino de Bragança, resolveu voltar a Goa. De tão illustre pessoa e de seu successor, D. Francisco Coutinho, conde de Redondo, recebeu grandes mercês e favores; comtudo não foram estes tão valiosos, que o impedissem de ser preso, e o livrassem de vexames, acreditando-se geralmente que todo o castigo involve uma culpa. Para nós nada ha de positivo e preciso sobre tal assumpto; por isso caminhamos de consciencia segura e sem ouvir nem querer distinguir um brado mal soante por entre factos que achamos regidos pela mais perfeita harmonia.

Na viagem, que seguia de Macau para Goa, naufragou, perto do rio Mecon, o navio em que ia Camões. Não era bastante ter visto o mar tornar-se em horrendas serras, formando cumes que são enganos e valles que são abysmos! O poeta, que se assombrava pela grandeza d'estes phenomenos da natureza, não resfriou de animo quando essas mesmas aguas o tomaram para com ellas luctar. Bradou ao céo, implorando a vida para si, e para a sua patria uma memoria eterna; e assim foi concedido: salvou-se

Camões e com elle os *Lusiadas*, unico thesouro que das ondas quiz livrar.

É opinião seguida que depois d'este naufragio compoz o poeta aquellas admiraveis redondilhas, nas quaes vemos sua queixa fazer certa mudança: nellas se encontra um espirito profundamente religioso, que tenta desatar a alma das terrestres prisões, uma consciencia arrependida não tanto de sua culpa como de seu desperdicio, um grande desalento infiltrado em toda a poesia; mas nada nos faz crer que aquelles versos fossem escriptos nesta ou noutra paragem, senão que têm cunho de quem triste vivia e só em tristezas se empregava.

VIII

Pouco nos consta dos ultimos annos que Luiz de Camões residiu na India; porém todos os biographos combinam em dizer que, achando-se o poeta em pobreza extrema, o embargaram esses mesmos a quem pedia auxilio. Era devedor a Miguel Rodrigues Fios Seccos, que por um tempo o teve preso em Goa, e só pela muita protecção do vice-rei pôde ser solto. Já por desleixo de quem a existencia pouco estimava, já por sahir de algum modo de tamanho apuro, que não soffre quieto quem em si conhece elemen-

tos para luctar e valor para vencer, resolveu-se Camões a seguir Pedro Barreto, que para Sofála partia com o posto de capitão, e lhe fazia convite para nesta viagem o acompanhar. Mas que extranha sorte era a de um homem que depois de um mal via sempre outro peior, e que mesmo com a constancia na adversidade não podia applacar sua avêssa fortuna!

Em Sofála experimentou horrivel tractamento, de tal modo que, aportando alli umas naus da India, que vinham para o reino, tentou separar-se de quem o acobardava, diligenciando logo sahir em uma d'ellas; mas alguem lhe havia contado o pão de cada dia, e por este preço lhe tolhia a liberdade. E que anciedade não seria a do seu coração, temendo ver partir as naus e largar aquellas velas, como quem lhe desprendia sua ultima esperança? Aqui torna-se a nossa missão mais consoladora, tendo de trasladar uma vez ainda os nomes de alguns dos cavalheiros que generosamente, em lance tão cruel, resgataram a Luiz de Camões: nomes que nunca lemos sem emoção, e que transcrevemos com reconhecimento. Foram estes — Heitor da Silveira, Antonio Cabral, Luiz da Veiga, Duarte de Abreu, Antonio Ferrão, D. Pedro da Guerra, D. João Pereira, Ayres de Sousa de Santarem, Manuel de Mello, Gaspar de Brito, Fernão Gomes da Graça, Lourenço Vaz Pegado e Diogo do Couto.

E será a patria em que nascemos melhor sepultura, e será mais descançado o somno eterno que nella dormimos? Mysterio, diz o rumorejar dos cyprestes; mysterio, diz o clarão da lua nas campas; mysterio, diz a saudade immensa da grande voz da natureza!

Porém, fundado na razão ou no sentimento, não é menos verdade que este desejo de acabar onde foi o nosso berço é um sentimento commum a todos que, ausentes, choram a patria, e que se torna mais vehemente num coração onde trasborda a poesia: por isso em Camões foi tão constante essa pungente dôr, e esse iman que á patria o attrahia!

Em abril do anno de 1570 dava fundo na bahia de Cascaes a nau *Sancta Clara,* vinda da carreira da India, e trazendo a seu bordo o poeta dos *Lusiadas*. Mas, para que se cumprisse a mais lastimosa sorte que Deus creára, viu Luiz de Camões a morte mais uma vez dilacerar-lhe a alma, e embargar seu contentamento! Em vista já d'esse esplendido Tejo, d'essa sempre graciosa serra de Cintra, morria Heitor da Silveira, amigo de Camões: «e, como elle, pobre, poeta e guerreiro, e com tão ruim agouro se avisinhava da patria» (*a*). E entrava em Lisboa, onde a maior desventura o esperava; mas cumpria o seu

(*a*) Visconde de Jerumenha.

destino, legando á posteridade mais um trophéo, a Portugal um nome que o ennobrecia, e emfim impondo aos vindouros a admiração, esse pedestal que melhor sustem a fama que um outro de bronze ou marmore.

Corria porém o seculo, e o mundo como que se abalava com a sua grandeza! E tal era o impulso dado pela sciencia, pelas artes, pelos descobrimentos de novos mares, mundos e gentes, que nunca se víram factos eguaes e um egual assombro!

O poema mesmo de Camões procede d'aquelle raio de luz que Deus fez cahir sobre o mundo das trevas, e que no meio da mais completa confusão, do mais completo despotismo, das mais nefandas guerras, da mais nefanda perseguição feita ao espirito humano, o fazia surgir por entre *as chammas* e brilhar de todos os brilhos, para até hoje nos seguir o rasto luminoso de tanta memoria illustre!

Comtudo não apreciamos o auctor dos *Lusiadas* como um pensador profundo, e de contrario vemos nelle um heroe, um genio, mas não um sabio descortinador do futuro: nem mesmo as obras do poeta tendem, como tantas outras, a rasgar esse véo, através do qual se vê surgir a lei que rege os factos, e que por varios e escabrosos caminhos conduz a humanidade ao seu progresso moral.

Camões foi o homem da sua epocha, e, sem ir

além, deu-lhe um brazão immortal, e com elle immortalisou seu nome. A sua idéa politica era quasi limitada á patria, e em torno d'ella agrupava umas outras idéas, que todas se concentravam no justo desejo de exterminar, ou pelo menos expulsar da Europa esse imperio turco, que ainda hoje é estorvo, senão vergonha, de uma politica irresoluta, fraca e errada. Porém, ainda restricto á sua nacionalidade, que vehemencia de sentimento não tinha o nosso Poeta! Aquella alma, toda abrazada de enthusiasmo, foi na sua ultima hora dilacerada pela terrivel catastrophe, que lhe fez ver, já á beira do tumulo, a sua patria escrava e jazendo a seu lado. Ó sonhadores de imperios, de mandos, de poderios, que atais com laços acanhados esses direitos, que julgais eternos, e que não passam de ephemeros! porque o mundo os tem visto sempre quebrar e destruir, quando um poder immenso quer abranger e sujeitar os povos que Deus creara livres e diversos.

A epocha do regresso de Camões á patria era pois grande pelos commettimentos de uns e pelas loucuras e crimes de outros, que até no mal ha grandeza, tal é o erro do juizo humano! Filippe II, essa figura sinistra, cheia de astucia, de ambição e poder, agrilhoava então a Hespanha sob o mais fero despotismo. Em Inglaterra reinava Elisabeth, rainha

sanguinaria e de falsa virtude; mas que, tendo a fortuna de dirigir uma nação, que começava a constituir-se e engrandecer, para depois da mais atroz guerra civil, e de seculos de discordia, sahir livre e poderosa, não do alheio, mas no que lhe era proprio, e mostrar hoje ao mundo o raro exemplo de um povo que tudo respeita e tudo alcança,— ficou sendo entre os seus um grande vulto, ainda que este seja odioso na analyse para o historiador severo e justo. Carlos IX reinava em França: espirito fraco, que o remorso dilacerou, e que tinha por genio fatal o mais negro caracter que veio ao mundo em sua mãe Catharina de Medicis. A Allemanha ardia em guerras religiosas, ou naquellas que os interesses de principes e povos cobriam com esse falso manto e nome. No Vaticano Gregorio XIII festejava o *massacre* dos Huguenotes, practicado em dia de S. Bartholomeu; não commentamos o facto, que a historia absolve talvez pelas tendencias da epocha, mas que as almas justas hão de vir a apreciar um dia, quando Deus permittir que a *luz se faça* em todos os entendimentos. Assim da Europa toda sahia um immenso clamor; e no meio das maiores violencias, e do choque de todos os poderes, surgia, para não mais se apagar, a lei que hoje nos rege — de liberdade e justiça.

A historia dos povos é tambem *monte erguido* e

aspero de subir, e nada ha mais triste do que o seu estudo! E só a fé no progresso, na civilisação, na perfectibilidade humana, podem dar animo a quem fizer, não só a narração dos factos, mas sim a sua apreciação conscienciosa.

No emtanto Portugal caminhava para o seu destino e fim, guiado pelo governo de um rei moço e generoso, mas impellido pela mais tenaz phantasia a procurar uma sonhada gloria n'uma guerra, na qual se aventurava cego, caminhando ao accaso, e encontrando por fim só a morte em premio da sua temeridade!

Comtudo D. Sebastião ficará sendo para os portuguezes um vulto sympathico, porque a bravura do principe guerreiro, que tinha por divisa «Um bel morrir tutta la vita onora» ha de resgatar por ventura a temeridade do monarcha. E não é muito que a legenda involvesse no mesmo sudario a patria e o rei, e que a fé de os ver resurgir um dia fizesse acreditar que a sombra do joven e infeliz mancebo andava errante por entre os palmares da Africa, para um dia vir trazer a corôa a Portugal, e com ella a sua autonomia.

A perda da independencia portugueza avisinhava-se pois, e era como que agourada pelos elementos e por terriveis calamidades!

Na noite de 13 de outubro de 1572 cahiu sobre

o Tejo um furioso vendaval, que dispersou a armada real, apparelhada contra os turcos, e todos os navios surtos no Tejo. As náus da armada em grande numero vinham dar ás praias, que se viam cheias de mortos e destroços!

No anno de 1573 houve tambem grandes tormentas e espantosas cheias. No seguinte anno veio a esterilidade ao reino, e, affluindo muita gente da Beira a Lisboa, desenvolveram-se graves doenças e uma geral miseria.

Aos 7 de junho tremia a terra com violencia, e a todos infundia pavor!

Em março de 1540 falleceu a infanta D. Maria, princeza muito illustrada, protectora das sciencias, e muito estimada dos portuguezes.

No anno de 1576 morreu o duque de Guimarães, condestavel do reino, unico esteio da corôa de Portugal.

E emfim no anno de 1578 morreu a rainha D. Catharina, que do seu leito de morte clamava; «não passe el-rei á Africa.» Mas a sorte cumpriu-se, e no fatal dia 4 de agosto agonisava o joven monarcha no campo de Arzilla. No emtanto Camões arrastava a sua desgraça, que de tanto se compunha!

Com quanto D. Sebastião tivesse dado ao cantor dos Lusiadas a pensão de 15$000 réis, era esta apou-

cada e pouco generosa, como o reconhecem alguns biographos de Camões.

A sua penuria crescia a par das infermidades do corpo, e dos dolorosos trances da alma; e foi n'este estado de maior desventura que de certo compoz dois sonetos, nos quaes se nota pela primeira vez a desesperança em todo o seu horror!

Camões devia ter sabido na India que D. Catharina de Athayde fallecera no anno de 1556, e já n'alguns de seus versos allude com certeza a esta triste nova.

Mas que ermo não seria agora para o poeta aquella terra, que já não habitava quem tanto amara? Oh! a morte não vem uma vez como por erro se cuida! A morte vem mil vezes ceifar deante de nossos olhos a vida de que viviamos; arrancar do fundo da alma a esperança; espalhar todas as nossas mallogradas alegrias; dispersal-as ao vento, para que em nossos passos só encontremos cinzas para pisar.

Foi de certo n'esta terrivel situação de espirito, que se achou o poeta, ao ver aproximar o seu fim, e este não tardou em vir; porque aos 10 de julho de 1580 morria Luiz de Camões, escrevendo dias antes a D. Francisco de Almeida uma carta, na qual dizia: «Emfim acabarei a vida, e verão todos que fui tão affeiçoado á minha patria, que, não só me contentei de morrer nella, mas com ella.» Os exer-

citos de Castella aproximavam-se da fronteira portugueza!

A Camões faltava o que n'este seculo nos é dado a todos sentir, e guardar em nosso fôro intimo como reliquia sagrada — a fé no porvir da humanidade!

E esta crença, junta á esperança de um repouso eterno, dá a todo o justo que se abeira ao tumulo a serenidade precisa para vencer e passar o solemne momento, no qual se desprende a nossa alma immortal!

SONETOS

(ESCOLHIDOS)

3

XIV

Todo o animal da calma repousava,
Só Liso o ardor d'ella não sentia;
Que o repouso do fogo em que elle ardia,
Consistia na Nympha que buscava.

Os montes parecia que abalava
O triste som das mágoas que dizia:
Mas nada o duro peito commovia,
Que na vontade de outro posto estava.

Cansado já de andar por a espessura,
No tronco de uma faia, por lembrança,
Escreve estas palavras de tristeza:

Nunca ponha ninguem sua esperança
Em peito feminil, que de natura
Sómente em ser mudavel tem firmeza.

XIX

Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente;
Repousa lá no céo eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.

Se lá no assento Ethereo, onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças de aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.

E se vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dor, que me ficou
Da mágoa, sem remedio de perder-te;

Roga a Deus que teus annos encurtou,
Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
Quão cedo de meus olhos te levou.

XXIV

Aquella triste e léda madrugada,
Chea toda de mágoa, e de piedade,
Em quanto houver no mundo saudade
Quero que seja sempre celebrada.

Ella só, quando amena, e marchetada,
Sahia, dando á terra claridade,
Viu apartar-se de uma outra vontade,
Que nunca poderá ver-se apartada.

Ella só viu as lagrimas em fio,
Que de uns e de outros olhos derivadas,
Junctando-se, formaram largo rio.

Ella ouviu as palavras magoadas,
Que pudéram tornar o fogo frio,
E dar descanço ás almas condemnadas.

XXVIII

Está-se a primavera trasladando
Em vossa vista deleitosa, e honesta;
Nas bellas faces, e na bocca, e testa,
Cecens, rosas, e cravos debuxando.

De sorte, vosso gesto matizando,
Natura quanto póde manifesta;
Que o monte, o campo, o rio, e a floresta,
Se estão de vós, Senhora, namorando.

Se agora não quereis que quem vos ama
Possa colher o fructo d'estas flores,
Perderão toda a graça os vossos olhos;

Porque pouco aproveita, linda dama,
Que semeasse o amor em vós amores,
Se vossa condição produze abrolhos.

XXIX

Sete annos de Pastor Jacob servia
Labão, pai de Rachel, Serrana bella,
Mas não servia ao pai, servia a ella,
Que a ella só por premio pertendia.

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vêl-a:
Porém o pai, usando de cautela,
Em logar de Rachel lhe deu a Lia.

Vendo o triste Pastor que com enganos
Assi lhe era negada a sua Pastora,
Como se a não tivera merecida;

Começou a servir outros sete annos,
Dizendo: Mais servira, se não fôra
Para tão longo amor tão curta a vida.

XXX

Está o lascivo, e doce passarinho
Com o biquinho as pennas ordenando;
O verso sem medida, alegre, e brando,
Despedindo no rustico raminho.

O cruel caçador, que do caminho
Se vem callado, e manso desviando,
Com prompta vista a setta endireitando,
Lhe dá no Estygio Lago eterno ninho.

D'esta arte o coração, que livre andava,
(Postoque já de longe destinado)
Onde menos temia, foi ferido;

Porque o frécheiro cego me esperava
Para que me tomasse descuidado,
Em vossos claros olhos escondido.

XXXIV

Quando o Sol encoberto vai mostrando
Ao mundo a luz quieta, e duvidosa,
Ao longo de uma praia deleitosa,
Vou na minha inimiga imaginando.

Aqui a vi os cabellos concertando;
Alli co'a mão na face, tão formosa;
Aqui fallando alegre, alli cuidosa;
Agora estando quêda, agora andando.

Aqui esteve sentada, alli me viu,
Erguendo aquelles olhos, tão isentos;
Commovida aqui um pouco, alli segura.

Aqui se entristeceu, alli se riu;
E, em fim, nestes cansados pensamentos
Passo esta vida vã, que sempre dura.

XXXV

Um mover de olhos, brando, e piedoso,
Sem ver de que; um riso brando, e honesto
Quasi forçado; um doce e humilde gesto,
De qualquer alegria duvidoso:

Um despejo quieto, e vergonhoso;
Um repouso gravissimo e modesto;
Uma pura bondade, manifesto
Indicio da alma, limpo, e gracioso:

Um encolhido ousar; uma brandura;
Um medo sem ter culpa; um ar sereno;
Um longo e obediente soffrimento:

Esta foi a celeste formosura
Da minha Circe, e o magico veneno
Que pôde transformar meu pensamento.

XL

Alegres campos, verdes arvoredos,
Claras, e frescas aguas de crystal,
Que em vós os debuxais ao natural,
Discorrendo da altura dos rochedos:

Sylvestres montes, asperos penedos,
Compostos de concerto desigual:
Sabei que sem licença de meu mal
Já não podeis fazer meus olhos lédos.

E pois já me não vêdes como vistes,
Não me alegrem verduras deleitosas,
Nem aguas que correndo alegres vem.

Semearei em vós lembranças tristes,
Regar-vos-hei com lagrimas saudosas,
E nascerão saudades de meu bem.

LIII

Apartava-se Nise de Montano,
Em cuja alma, partindo-se, ficava,
Que o Pastor na memoria a debuxava,
Por poder sustentar-se d'este engano.

Por uma praia do Indico Oceano
Sobre o curvo cajado se encostava,
E os olhos por as aguas alongava,
Que pouco se doíam de seu dano.

Pois com tamanha mágoa, e saudade,
(Dizia) quiz deixar-me a que eu adoro,
Por testimunhas tómo ceo, e estrellas.

Mas se em vós, ondas, mora piedade,
Levai tambem as lagrimas que chóro,
Pois assi me levais a causa d'ellas.

LXXVII

O Culto divinal se celebrava
No Templo donde toda creatura
Louva o Feitor divino, que a feitura
Com seu sagrado sangue restaurava.

Amor alli, que o tempo me aguardava,
Onde a vontade tinha mais segura,
Com uma rara, e Angelica figura
A vista da razão me salteava.

Eu crendo que o logar me defendia,
De seu livre costume não sabendo
Que nenhum confiado lhe fugia;

Deixei-me captivar; mas hoje vendo,
Senhora, que por vosso me queria,
Do tempo que fui livre me arrependo.

LXXVIII

Leda serenidade deleitosa,
Que representa em terra um paraiso;
Entre rubjis, e perlas, doce riso,
Debaixo de ouro, e neve, côr de rosa:

Presença moderada, e graciosa,
Onde ensinando estão despejo, e siso,
Que se póde por arte, e por aviso,
Como por natureza, ser formosa:

Falla de que ou já vida, ou morte pende,
Rara, e suave; em fim, Senhora, vossa;
Repouso na alegria comedido:

Estas as armas são com que me rende,
E me captiva amor; mas não que possa
Despojar-me da gloria de rendido.

LXXXI

Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dóe, e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dôr que desatina sem doer;

É um não querer mais que bem querer;
É solitario andar por entre a gente;
É um não contentar-se de contente;
É cuidar que se ganha em se perder:

É um estar-se preso por vontade;
É servir a quem vence o vencedor;
É um ter com quem nos mata lealdade.

Mas como causar póde o seu favor
Nos mortaes corações conformidade,
Sendo a si tão contrario o mesmo amor?

LXXXIII

Que levas, cruel morte? Um claro dia.
A que horas o tomaste? Amanhecendo.
E entendes o que levas? Não o entendo.
Pois quem to faz levar? Quem o entendia.

Seu corpo quem o goza? A terra fria.
Como ficou sua luz? Anoitecendo.
Lusitania que diz? Fica dizendo.
Que diz? Não mereci a grão Maria.

Mataste a quem a viu? Já morto estava.
Que discorre o amor? Fallar não ousa.
E quem o faz callar? Minha vontade.

Na corte que ficou? Saudade brava.
Que fica lá que ver? Nenhuma cousa.
Que gloria lhe faltou? Esta beldade.

LXXXIV

Ondados fios de ouro reluzente,
Que agora da mão bella recolhidos,
Agora sobre as rosas esparzidos
Fazeis que a sua graça se accrescente:

Olhos, que vos moveis tão docemente,
Em mil divinos raios incendidos,
Se de cá me levais a alma, e sentidos,
Que fôra, se eu de vós não fôra ausente?

Honesto riso, que entre a mór fineza
De perlas, e coraes, nasce, e apparece;
Oh quem seus doces echos já lhe ouvisse!

Se imaginando só tanta belleza,
De si com nova gloria a alma se esquece,
Que fará quando a vir? Ah quem a visse!

CIV

Esses cabellos louros, e escolhidos,
Que o ser ao aureo Sol estão tirando:
Esse ar immenso, adonde naufragando
Estão continuamente os meus sentidos:

Esses furtados olhos tão fingidos,
Que minha vida, e morte, estão causando:
Essa divina graça, que em fallando,
Finge os meus pensamentos não ser cridos:

Esse compasso certo, essa medida,
Que faz dobrar no corpo a gentileza:
A divindade em terra, tão subida;

Mostrem já piedade, e não crueza,
Que são laços que amor tece na vida,
Sendo em mi soffrimento, em vós dureza.

CXII

Que doudo pensamento é o que sigo?
Após que vão cuidado vou correndo
Sem ventura de mi! Que não me entendo:
Nem o que callo sei, nem o que digo.

Pelejo com quem tracta paz comigo;
De quem guerra me faz não me defendo.
De falsas esperanças que pertendo?
Quem do meu proprio mal me faz amigo?

Porque, se nasci livre, me captivo?
E pois o quero ser, porque o não quero?
Como me engano mais com desenganos?

Se já desesperei, que mais espero?
E se inda espero mais, porque não vivo?
E se vivo, que accuso mortaes danos?

*

CXXXIII

Doces, e claras aguas do Mondego,
Doce repouso de minha lembrança,
Onde a comprida, e perfida esperança,
Longo tempo após si me trouxe cego.

De vós me aparto, si; porém não nego,
Que inda a longa memoria, que me alcança,
Me não deixa de vós fazer mudança,
Mas quanto mais me alongo mais me achego.

Bem poderá a fortuna este instrumento
Da alma levar por terra nova, e extranha,
Offerecida ao mar remoto, ao vento.

Mas a alma que de cá vos acompanha,
Nas azas do ligeiro pensamento
Para vós, aguas, vôa, e em vós se banha.

CLXVIII

Ai, amiga cruel! Que apartamento
É este que fazeis da patria terra?
Ai! Quem do amado ninho vos desterra,
Gloria dos olhos, bem do pensamento?

His tentar da fortuna o movimento,
E dos ventos crueis a dura guerra?
Ver brenhas de ondas? Feito o mar em serra,
Levantada de um vento, e de outro vento?

Mas já que vós partis sem vos partirdes,
Parta comvosco o céo tanta ventura,
Que se avantaje áquella que esperardes.

E só d'esta verdade ide segura,
Que fazeis mais saudades com vos irdes,
Do que levais desejos por chegardes.

CLXIX

Campo nas Syrtes d'este mar da vida,
Apoz naufragios seus táboa segura:
Claras bonanças em tormenta escura,
Habitação da paz, de amor guarida:

A ti fujo: e se vence tal fugida,
E quem mudou logar mudou ventura,
Cantemos a victoria; e na espessura
Triumphe a honra da ambição vencida.

Em flor, e fructo de verão, e outono,
Utilmente murmuram claras aguas:
Alegre me acha aqui, me deixa o dia.

Amantes rouxinoes rompem-me o sono
Que ata o descanso: aqui sepulto mágoas
Que já foram sepulchros de alegria.

CLXX

Ah, minha Dinamene! Assi deixaste
Quem nunca deixar póde de querer-te?
Que já, Nympha gentil, não possa ver-te?
Que tão veloz a vida desprezaste?

Como por tempo eterno te apartaste
De quem tão longe andava de perder-te?
Puderam essas aguas defender-te
Que não visses quem tanto magoaste?

Nem sómente fallar-te a dura morte
Me deixou, que apressada o negro manto
Lançar sobre os teus olhos consentiste.

Oh mar! Oh céo! Oh minha escura sorte!
Qual vida perderei que valha tanto,
Se inda tenho por pouco o viver triste?

CLXXIII

O céo, a terra, o vento socegado,
As ondas que se estendem pela arêa,
Os peixes que no mar o somno enfrea,
O nocturno silencio repousado:

O Pescador Aonio, que deitado
Onde co'o vento a agua se menea,
Chorando, o nome amado em vão nomea,
Que não póde ser mais que nomeado.

Ondas (dizia), antes que amor me mate,
Tornai-me a minha Nympha, que tão cedo
Me fizestes á morte estar sujeita.

Ninguem responde; o mar de longe bate;
Move-se brandamente o arvoredo;
Leva-lhe o vento a voz, que ao vento deita.

CLXXVII

Quando os olhos emprégo no passado,
De quanto passei me acho arrependido;
Vejo que tudo foi tempo perdido;
Que todo emprego foi mal empregado.

Sempre no mais damnoso mais cuidado;
Tudo o que mais cumpria mal cumprido;
De desenganos menos advertido
Fui, quando de esperanças mais frustrado.

Os castellos que erguia o pensamento,
No ponto que mais altos os erguia,
Por esse chão os via em um momento.

Que erradas contas faz a phantasia!
Pois tudo pára em morte, tudo em vento.
Triste o que espera! Triste o que confia!

CLXXIX

Os meus alegres, venturosos dias,
Passaram como raio brevemente;
Movem-se os tristes mais pezadamante
Apoz das fugitivas alegrias.

Ah, falsas pertensões! Vãs phantasias!
Que me podeis já dar que me contente?
Já de meu triste peito a chamma ardente
O tempo reduzio a cinzas frias.

Nellas revolvo agora erros passados,
Que outro fructo não deu a mocidade
A quem vergonha, e dor minha alma deve.

Revolvo mais de toda a mais idade,
Desejos vãos, vãos choros, vãos cuidados,
Para que leve tudo o tempo leve.

CLXXX

Horas breves de meu contentamento,
Nunca me pareceu quando vos tinha,
Que vos visse mudadas tão asinha
Em tão compridos annos de tormento.

As altas torres, que fundei no vento,
Levou, em fim, o vento que as sostinha:
Do mal que me ficou a culpa é minha,
Pois sobre cousas vãs fiz fundamento.

Amor com brandas mostras apparece;
Tudo possivel faz, tudo assegura;
Mas logo no melhor desapparece.

Estranho mal! Estranha desventura!
Por um pequeno bem, que desfallece,
Um bem aventurar, que sempre dura!

CLXXXVI

Os olhos onde o casto amor ardia,
Lédo de se ver nelles abrazado;
O rosto onde com lustre desusado
Purpurea rosa sobre neve ardia;

O cabello que inveja ao Sol fazia,
Porque fazia o seu menos dourado;
A branca mão, o corpo bem talhado,
Tudo aqui se reduz a terra fria.

Perfeita formosura em tenra idade,
Qual flor que anticipada foi colhida,
Murchada está da mão da morte dura.

Como não morre amor de piedade?
Não d'ella, que se foi á clara vida;
Mas de si, que ficou em noute escura.

CCLIV

Em uma lapa, toda tenebrosa,
Adonde bate o mar com furia brava,
Sobre uma mão o rosto, vi que estava
Uma Nympha gentil, mas cuidadosa.

Igualmente, que linda, lastimosa,
Aljofar dos seus olhos distillava:
O mar os seus furores applacava
Com ver cousa tão triste, e tão formosa.

Alguma vez na horrivel penedia
Os bellos olhos punha com brandura,
Bastante a desfazer sua dureza.

Com angelica voz, assi dizia:
Ah, que falta mais vezes a ventura,
Onde sobeja mais a natureza!

CCLVII

Qual tem a borboleta por costume,
Que elevada na luz da acesa vella,
Dando vai voltas mil, até que nella
Se queima agora, agora se consume:

Tal eu correndo vou ao vivo lume
De esses olhos gentís, Aonia bella;
E abrazo-me, por mais que com cautela
Livrar-me a parte racional presume.

Conheço o muito a que se atreve a vista;
O quanto se levanta o pensamento;
O como vou morrendo claramente.

Porém não quer amor que lhe resista,
Nem a minha alma o quer, que em tal tormento,
Qual em gloria maior está contente.

CCLVIII

Lembranças de meu bem, doces lembranças,
Que tão vivas estais nesta alma minha,
Não queirais mais de mi, se os bens que tinha
Em poder vêdes todos de mudanças.

Ai, cego amor! Ai, mortas esperanças,
De que eu em outro tempo me mantinha!
Agora deixareis quem vos sostinha,
Acabarão co'a vida as confianças.

Co'a vida acabarão, pois a ventura
Me roubou n'um momento aquella gloria,
Que quando tão grande é, tão pouco dura.

Oh se apoz o prazer fôra a memoria!
Ao menos estivera a alma segura
De ganhar-se com ella mais victoria.

CANÇÕES

(ESCOLHIDAS)

CANÇÃO III

Já a rôxa manhã clara
As portas do Oriente vinha abrindo,
Dos montes descobrindo
A negra escuridão da luz avara.
O Sol, que nunca pára,
Da sua alegre vista saudoso,
Traz ella pressuroso
Nos cavallos cansados do trabalho,
Que respiram nas hervas fresco orvalho,
Se estende claro, alegre, e luminoso.
Os passaros voando,
De raminho em raminho vão saltando;
E com suave e doce melodia
O claro dia estão manifestando.
A manhã bella, amena,
Seu rosto descobrindo, a espessura
Se cobre de verdura
Clara, suave, angelica, serena.
Oh deleitosa pena!
Oh effeito de amor alto, e potente!
Pois permitte, e consente,
Que ou donde quer que eu ande, ou donde esteja,
O seraphico gesto sempre veja,
Por quem de viver triste sou contente.
Mas tu, Aurora pura,

*

De tanto bem dá graças á ventura,
Pois as foi pôr em ti tão excellentes,
Que representes tanta formosura.
   A luz suave, e leda,
A meus olhos me mostra, por quem mouro;
Com os cabellos de ouro,
Que nenhum ouro eguala, se os remeda.
Esta a luz é que arreda
A negra escuridão do sentimento,
Ao doce pensamento:
Os orvalhos das flores delicadas
São nos meus olhos lagrimas cansadas,
Que eu chóro co'o prazer de meu tormento.
Os passaros que cantam,
Meus espiritos são, que a voz levantam,
Manifestando o gesto peregrino,
Com tão divino som, que o Mundo espantam.
   Assi como acontece
A quem a chara vida está perdendo,
Que em quanto vai morrendo,
Alguma visão sancta lhe apparece;
A mim em quem fallece
A vida, que sois vós, minha Senhora,
A esta alma que em vós mora
(Em quanto da prisão se está apartando)
Vos estais junctamente apresentando
Em fórma de formosa, e rôxa Aurora.
Oh ditosa partida!
Oh gloria soberana, alta, e subida!
Se m'o não impedir o meu desejo,
Porque o que vejo, em fim, me torna a vida.

Porém a natureza
Que nesta pura vista se mantinha,
Me falta tão asinha,
Como o Sol faltar soe á redondeza.
Se houverdes que é fraqueza
Morrer em tão penoso, e triste estado,
Amor será culpado,
Ou vós, onde elle vive tão isento,
Que causastes tão largo apartamento,
Porque perdesse a vida co'o cuidado.
Que se viver não posso,
Homem formado só de carne, e osso;
Esta vida que perco, amor m'a deu;
Que não sou meu: se morro, o damno é vosso.
Canção de cysne, feita em hora extrema,
Na dura pedra fria
Na memoria, te deixo em companhia
Do letreiro da minha sepultura:
Que a sombra escura já me impede o dia.

CANÇÃO IV

Vão as serenas aguas
Do Mondego descendo,
E mansamente até o mar não param:
Por onde as minhas mágoas
Pouco a pouco crescendo,

Para nunca acabar se começaram.
Alli se me mostraram
Neste logar ameno,
Em que inda agora mouro,
Testa de neve, e de ouro;
Riso brando, e suave; olhar sereno;
Um gesto delicado,
Que sempre na alma me estará pintado.
  Nesta florida terra,
Leda, fresca, e serena,
Ledo, e contente para mi vivia;
Em paz com minha guerra,
Glorioso co'a pena
Que de tão bellos olhos procedia.
De um dia em outro dia,
O esperar me enganava.
Tempo longo passei:
Com a vida folguei,
Só porque em bem tamanho se empregava.
Mas que me presta já,
Que tão formosos olhos não os ha?
  Oh quem me alli dissera,
Que de amor tão profundo
O fim pudesse ver eu algum'hora!
E quem cuidar pudera
Que houvesse ahi no Mundo
Apartar-me eu de vós, minha Senhora?
Para que desde agora,
Já perdida a esperança,
Visse o vão pensamento
Desfeito em um momento,

Sem me poder ficar mais que a lembrança,
Que sempre estará firme
Até no derradeiro despedir-me.
  Mas a mór alegria
Que de aqui levar posso,
E com que defender-me triste espero;
É porque nunca sentia,
No tempo que fui vosso,
Quererdes-me vós quanto eu vos quero.
Porque o tormento fero
De vosso apartamento,
Não vos dará tal pena
Como a que me condemna:
Que mais sentirei vosso sentimento
Que o que a minha alma sente.
Morra eu, Senhora, e vós ficai contente.
  Tu, Canção, estarás
Agora acompanhando
Por estes campos estas claras aguas:
E por mi ficarás
Com choro suspirando;
Porque ao Mundo, dizendo tantas mágoas,
Como uma larga historia
Minhas lagrimas fiquem por memoria.

CANÇÃO VI

Com força desusada
Aquenta o fogo eterno
Uma Ilha nas partes do Oriente,
De estranhos habitada,
Aonde o duro Inverno
Os campos reverdece alegremente.
A Lusitana gente
Por armas sanguinosas
Tem d'ella o senhorio.
Cercada está de um rio
De maritimas aguas saudosas.
De hervas que aqui nascem,
Os gados junctamente, e os olhos pascem.

Aqui minha ventura
Quiz que uma grande parte
Da vida, que eu não tinha, se passasse;
Para que a sepultura
Nas mãos do fero Marte
De sangue, e de lembranças matizasse.
Se amor determinasse
Que a troco d'esta vida,
De mi qualquer memoria
Ficasse como historia,
Que de uns formosos olhos fosse lida,
A vida, e a alegria,
Por tão doce memoria trocaria.

Mas este fingimento,
Por minha dura sorte,
Com falsas esperanças me convida.
Não cuide o pensamento
Que póde achar na morte,
O que não póde achar tão longa vida.
Está já tão perdida
A minha confiança,
Que de desesperado,
Em ver meu triste estado,
Tambem da morte perco a esperança.
Mas oh, que se algum dia
Desesperar pudesse, viviria!
De quanto tenho visto,
Já agora não me espanto,
Que até desesperar se me defende.
Outrem foi causa d'isto,
Pois eu nunca fui tanto
Que causasse este fogo que me incende.
Se cuidam que me offende
Temor de esquecimento,
Oxalá meu perigo
Me fora tão amigo,
Que algum temor deixára ao pensamento.
Quem viu tamanho enleio?
Que houvesse ahi esperança sem receio!
Quem tem que perder possa,
Só póde recear.
Mas triste quem não póde já perder!
Senhora, a culpa é vossa,
Que para me matar

Bastará um'hora só de vos não ver.
Puzestes-me em poder
De falsas esperanças,
E do que mais me espanto,
Que nunca vali tanto,
Que visse tanto bem como esquivanças.
Valia tão pequena
Não póde merecer tão doce pena.
  Houve-se amor comigo
Tão brando ou pouco irado,
Quanto agora em meus males se conhece.
Que não ha mór castigo
Para quem tem errado,
Que negar-lhe o castigo que merece.
Da sorte que acontece
Ao misero doente,
Da cura despedido,
Que o Medico advertido,
Tudo quanto deseja lhe consente;
O amor me consentia
Esperanças, desejo, e ousadia.
  E agora venho a dar
Conta do bem passado,
A esta triste vida, e longa ausencia.
Quem póde imaginar
Que houvesse em mi peccado
Digno de uma tão grave penitencia?
Olhai que é consciencia
Por tão pequeno erro,
Senhora, tanta pena.
Não vedes que é onzena?

Mas se tão longo, e misero desterro
Vos dá contentamento,
Nunca me cabe nelle o meu tormento.
  Rio formoso, e claro,
E vós, ó arvoredos,
Que os justos vencedores coroais;
E ao cultor avaro,
Continuamente ledos,
De um tronco só, diversos fructos dais;
Assi nunca sintais
Do tempo injúria alguma,
Que em vós achem abrigo
As mágoas que aqui digo,
Em quanto der o Sol virtude á Lua;
Porque de gente em gente
Saibam que já não mata a vida ausente.
Canção, neste desterro viverás,
Voz núa, e descoberta,
Até que o tempo em ecco te converta.

CANÇÃO X

  Juncto de um secco, duro, esteril monte,
Inutil, e despido, calvo, e informe,
Da natureza em tudo aborrecido;
Onde nem ave vòa, ou fera dorme,
Nem corre claro rio, ou ferve fonte,

Nem verde ramo faz doce ruido;
Cujo nome, do vulgo introduzido,
É Feliz, por antiphrasi infelice;
O qual a natureza
Situou juncto á parte,
Aonde um braço de alto mar reparte
A Abassia da Arabica aspereza,
Em que fundada já foi Berenice,
Ficando á parte, donde
O Sol, que nella ferve, se lhe esconde;
  O cabo se descobre, com que a costa
Africana, que do Austro vem correndo,
Limite faz, Arómata chamado:
Arómata outro tempo; que volvendo
A roda, a ruda lingua mal composta
Dos proprios, outro nome lhe tem dado.
Aqui, no mar, que quer apressurado
Entrar por a ganganta d'este braço,
Me trouxe um tempo, e teve,
Minha fera ventura.
Aqui nesta remota, aspera, e dura
Parte do Mundo, quiz que a vida breve
Tambem de si deixasse um breve espaço:
Porque ficasse a vida
Por o mundo em pedaços repartida.
  Aqui me achei gastando uns tristes dias,
Tristes, forçados, maos, e solitarios,
De trabalho, de dor, de ira cheios:
Não tendo, não, sómente por contrarios
A vida, o Sol ardente, as aguas frias,
Os ares grossos, férvidos, e feios,

Mas os meus pensamentos, que são meios
Para enganar a propria natureza,
Tambem vi contra mi;
Trazendo-me á memoria
Alguma já passada, e breve gloria,
Que eu já no Mundo vi quando vivi;
Por me dobrar dos males a aspereza;
Por mostrar-me que havia
No Mundo muitas horas de alegria.
  Aqui estive eu com estes pensamentos
Gastando tempo, e vida; os quaes tão alto
Me subiam nas azas, que cahia
(Oh, vede se seria leve o salto!)
De sonhados, e vãos contentamentos,
Em desesperação de ver um dia.
O imaginar aqui se convertia
Em improvisos choros, e em suspiros,
Que rompiam os ares.
Aqui a alma captiva,
Chagada toda, estava em carne viva,
De dores rodeada, e de pezares;
Desamparada, e descoberta aos tiros
Da soberba fortuna;
Soberba, inexoravel, e importuna.
  Não tinha parte donde se deitasse,
Nem esperança alguma, onde a cabeça
Um pouco reclinasse, por descanso:
Tudo dor lhe era, e causa que padeça,
Mas que pereça não; porque passasse
O que quiz o destino nunca manso.
Oh que este irado mar gemendo amanso!

Estes ventos da voz importunados
Parece que se enfream:
Sómente o Ceo severo,
As estrellas, e o fado sempre fero,
Com meu perpétuo damno se recream;
Mostrando-se potentes, e indignados
Contra um corpo terreno,
Bicho da terra, vil, e tão pequeno.
Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que algum'hora
Lembrava a uns claros olhos que já vi;
E se esta triste voz rompendo fóra,
As orelhas angelicas tocasse
De aquella em cuja vista já vivi;
A qual tornando um pouco sobre si,
Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos já passados
De meus doces errores,
De meus suaves males, e furores,
Por ella padecidos, e buscados;
E (posto que já tarde) piedosa,
Um pouco lhe pezasse,
E lá entre si por dura se julgasse.
Isto só que soubesse me seria
Descanso para a vida que me fica;
Com isto affagaria o soffrimento.
Ah Senhora! ah Senhora! E que tão rica
Estais, que cá tão longe de alegria
Me sustentais com doce fingimento!
Logo que vos figura o pensamento,
Foge todo o trabalho, e toda a pena.

Só com vossas lembranças
Me acho seguro, e forte
Contra o rosto feroz da féra morte;
E logo se me juntam esperanças
Com que a fronte, tornada mais serena,
Torna os tormentos graves
Em saudades brandas, e suaves.
  Aqui com ellas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte donde estais, por vós Senhora;
Ás aves que alli voam, se vos viram,
Que fazeis, que estaveis praticando;
Onde, como, com quem, que dia, e qu'hora
Alli a vida cansada se melhora,
Toma espiritos novos, com que vença
A fortuna, e trabalho,
Só por tornar a ver-vos,
Só por ir a servir-vos, e querer-vos:
Diz-me o tempo que a tudo dará talho:
Mas o desejo ardente, que detença
Nunca soffreu, sem tento
Me abre as chagas de novo ao soffrimento.
  Assi vivo; e se alguem te perguntasse,
Canção, porque não mouro;
Podes-lhe responder, que porque mouro.

CANÇÃO XII

Nem rôxa flor de Abril,
Pintor do campo ameno, e da verdura,
Colhida entre outras mil,
Foi nunca assi agradavel á donzella
Cortez, alegre, e bella,
De sua mãe cuidado, e gloria pura,
Como a mi foi a inculta formosura
Natural, que pudera
A Saturno render na sua Esphera.
Natural fonte agreste
Não lavrada de Artifice excellente,
Mas por arte celeste
Derivada de rustico penedo,
Não fez já mais tão lédo
Cansado caçador por sésta ardente,
Quanto o cuidado a mi me fez contente
D'o ver tão descuidado,
Que faz sereno a Jupiter irado.
Fructa que sem concerto
Naturalmente em ramos se pendura,
Achada por acerto.
A quem pintada a vê de sangue, e leite,
Não lhe dará o deleite
Que essa graça me dá sem compostura,
Ornamento da mesma formosura;

E o toucado sem arte,
Que tornára Pastor ao bravo Marte.
  A manhã graciosa,
Que derramando sahe de entre os cabellos,
A flor, o lirio, a rosa,
Se ajuda de ornato, ou de artificio,
Não faz o beneficio
Que faz a luz dos vossos olhos bellos,
A quem os vê tão puros, e singelos;
E esse innocente riso,
Por quem Apollo o Tejo torna Amphriso.
  Outeiros coroados
Das arvores que fazem a espessura
Com os ramos copados,
Alegre, que mão destra os não cultiva,
Graça tão excessiva
Não tem na sua natural verdura,
Quanta na de esses olhos, clara, e pura,
Deposita a esperança,
Com que amor gosto, a mãe tormento alcança.
  Dos simples passarinhos
A musica sem arte concertada,
De entre os verdes raminhos,
Tão suave não é, tão deleitosa,
A quem na selva umbrosa
Com mente ouvindo-a está toda elevada,
Quanto a mi essa falla doce agrada,
E o natural aviso,
Que roubam a Mercurio sceptro, e siso.
  De frescos rios agua,
Que clara entre arvoredos se deriva,

Cahindo de alta fragoa,
Esmaltando de pérolas no prado
O verde delicado,
Com brando som aos olhos fugitiva,
Não nos alegra quanto a graça esquiva
De essa luz soberana,
Qne faz cortez a rustica Diana.
  A tal luz (ó Canção, que ousaste vel-a!)
Vendo estás já prostrado
Saturno triste, Jupiter irado,
Bravo Marte, aureo Apollo, Venus bella;
E Mercurio, e Diana, e toda Estrella.

CANÇÃO XVI

  Por meio de umas serras mui fragosas,
Cercadas de sylvestres arvoredos,
Retumbando por asperos penedos,
Correm perennes aguas deleitosas.
Na ribeira de Buina, assi chamada,
Celebrada,
Porque em prados
Esmaltados
Com frescura
De verdura,
Assi se mostra amena, assi graciosa,
Que excede a qualquer outra mais formosa.

As correntes se vem que acceleradas
As hervas regalando, e as boninas,
Se vão a entrar nas aguas Neptuninas,
Por diversas ribeiras derivadas.
Com mil brancas conchinhas a aurea aréa
Bem se arréa;
Voam aves;
Mil suaves
Passarinhos
Nos raminhos
Acordemente estão sempre cantando,
Com doce accento os ares abrandando.
O doce rouxinol num ramo canta,
E de outro o pintasirgo lhe responde:
A perdiz de entre a mata, em que se esconde,
O caçador sentindo, se levanta:
Voando vai ligeira mais que o vento;
Outro assento
Vai buscando,
Porém quando
Vai fugindo,
Retinindo,
Traz ella mais veloz a sétta corre,
De que, ferida, logo cahe, e morre.
Aqui Progne de um ramo em outro ramo,
Co'o peito ensanguentado anda voando:
Cibato para o ninho indo buscando
A léda codorniz vem ao reclamo
Do sagaz caçador, que a rede estende,
E pretende
Com engano

*

Fazer dano
Á coitada,
Que enganada
De uns esparzidos grãos de louro trigo,
Nas mãos vai a cahir de seu imigo.
Aqui soa a calhandra na parreira;
A rola geme; palra o estorninho;
Sahe a candida pomba do seu ninho;
O tordo pousa em cima da oliveira:
Vão as doces abelhas sussurrando,
E apanhando
O rocio
Fresco, e frio,
Por o prado
De herva ornado,
Com que o aureo licor fazem, que deu
Á humana gente a industria de Aristeu.
Aqui as uvas luzidas penduradas
Das pampinosas vides resplandecem:
As frondiferas arvores se offrecem
Com differentes fructos carregadas:
Os peixes na agua clara andam saltando,
Levantando
As pedrinhas,
E as conchinhas
Rubicundas,
Que as jucundas
Ondas comsigo trazem, crepitando
Por a praia alva com ruido brando.
Aqui por entre as serras se levantam
Animaes Calidoneos, e os veados,

Na fugida inda mal assegurados,
Porque do som dos proprios pés se espantam.
Sahe o coelho, a lebre sahe manhosa
Da frondosa
Breve mata,
Donde a cata
Cão ligeiro;
Mas primeiro
Que ella ao contrario fervido se entregue,
Ás vezes deixa em branco a quem a segue.
Luzem as brancas, e purpureas flores,
Com que o brando Favonio a terra esmalta:
O formoso jacintho alli não falta,
Lembrado dos antiguos seus amores;
Inda na flor se mostram esculpidos
Os gemidos:
Aqui Flora
Sempre mora,
E com rosas
Mais formosas,
Com lirios, e boninas mil fragrantes,
Alegra os seus amores circumstantes.
Aqui Narciso em liquido crystal
Se namora de sua formosura:
Nelle as pendentes ramas da espessura
Debuxando-se estão ao natural.
Adonis, com que a linda Cytheréa
Se recrêa,
Bem florido,
Convertido
Na bonina,

Que Erycina
Por imagem deixou de qual seria
Aquelle por quem ella se perdia.
  Logar alegre, fresco, accommodado
Para se deleitar qualquer amante,
A quem com sua ponta penetrante
O cego amor tivesse derribado:
E para memorar ao som das aguas
Suas magoas
Amorosas,
As cheirosas
Flores vendo,
Escolhendo,
Para fazer preciosas mil capellas,
E dar por grão penhor a Nymphas bellas.
  Eu d'ellas, por penhor de meus amores,
Uma capella á minha deosa dava:
Que lhe queria bem, bem lhe mostrava
O bem-mequeres entre tantas flores:
Porém, como se fora mal-mequeres,
Os poderes
Da crueldade
Na beldade
Bem mostrou;
Desprezou
A dadiva de flores; não por minha,
Mas porque muitas mais ella em si tinha.

ODES

(ESCOLHIDAS)

ODE I

Detem um pouco, Musa, o largo pranto
Que amor te abre do peito;
E vestida de rico, e lédo manto,
Demos honra, e respeito,
Aquella, cujo objeito
Todo o Mundo allumia,
Trocando a noite escura em claro dia.
Ó Delia, que a pezar da nevoa grossa,
Co' os teus raios de prata,
A noite escura fazes que não possa
Encontrar o que trata,
E o que na alma retrata
Amor por teu divino
Raio, porque endoudeço, e desatino.
Tu, que de formosissimas estrellas
Corôas, e rodêas
Tua candida fronte, e faces bellas;
E os campos formosêas
Co' as rosas que semêas,
Co' as boninas que gera
O teu celeste humor na Primavera:
Pois, Delia, do teu Ceo vendo estás quantos
Furtos de puridades,
Suspiros, mágoas, ais, musicas, prantos,
As conformes vontades,

Umas por saudades,
Outras por crús indicios
Fazem das proprias vidas sacrificios:
  Já veio Endymião por estes montes
O Ceo suspenso olhando:
E teu nome, co' os olhos feitos fontes,
Em vão sempre chamando,
Pedindo (suspirando)
Mercês á tua beldade,
Sem que ache em ti um'hora piedade.
  Por ti feito Pastor de branco gado
Nas selvas solitarias,
Só de seu pensamento acompanhado,
Conversa as alimarias,
De todo amor contrárias,
Mas não como ti duras,
Onde lamenta, e chora desventuras.
  Para ti guarda o sitio fresco d'Ilio
Suas sombras formosas:
Para ti no Erymantho o lindo Epilio
As mais purpureas rosas;
E as drogas mais cheirosas
D'este nosso Oriente
Guarda a felice Arabia mais contente.
  De qual panthera, ou tigre, ou leopardo,
As asperas entranhas
Não temeram teu fero, e agudo dardo,
Quando por as montanhas
Mais remotas, e estranhas,
Ligeira atravessavas,
Tão formosa que a amor de amor matavas.

De castas virgens sempre os altos gritos,
Clara Lucina, ouviste,
Renovando-lhe as forças e os espritos:
Mas os de aquelle triste,
Já nunca consentiste
Ouvil-os um momento,
Para ser menos grave o seu tormento.
Não fujas, não, de mi. Ah! Não te escondas
De um tão fiel amante.
Olha como suspiram estas ondas,
E como o velho Atlante
O seu collo arrogante
Move piedosamente
Ouvindo a minha voz fraca, e doente.
Triste de mi! Que alcanço por queixar-me,
Por minhas queixas digo
A quem já ergueu a mão para matar-me
Como a cruel imigo?
Mas eu meu fado sigo,
Que a isto me destina,
E que isto só pretende, e só me ensina.
Oh quanto ha já que o Ceo me desengana!
Mas eu sempre porfio
Cada vez mais na minha teima insana.
Tendo livre alvedrio
Não fujo o desvario;
Porque este em que me vejo
Engana co' a esperança meu desejo.
Oh quanto melhor fora que dormissem
Um somno perennal
Estes meus olhos tristes, e não vissem

A causa de seu mal:
Fugir, a um tempo tal,
Mais que de antes proterva,
Mais cruel que ursa, mais fugaz que cerva!
  Ai de mi, que me abrazo em fogo vivo,
Com mil mortes ao lado,
E quando morro mais, então mais vivo!
Porque tem ordenado
Mais infelice estado,
Que quando me convida
A morte para a morte tenha vida.
  Secreta noite amiga, a que obedeço;
Estas rosas (por quanto
Meus queixumes me ouviste) te offereço;
E este fresco amaranto,
Humido inda do pranto,
E lagrimas da esposa
Do cioso Titan, branca, e formosa.

ODE II

  Tão suave, tão fresca, e tão formosa,
Nunca no Ceo sahiu
A Aurora no principio do Verão,
Ás flores dando a graça costumada,
Como a formosa mansa fera, quando
Um pensamento vivo me inspirou,
Por quem me desconheço.

Bonina pudibunda, ou fresca rosa,
Nunca no campo abriu,
Quando os raios do Sol no Touro estão,
De cores differentes esmaltada,
Como esta flor, que os olhos inclinando,
O soffrimento triste costumou
Á pena que padeço.
Ligeira, bella Nympha, linda, irosa,
Não creio que seguiu
Satyro, cujo brando coração
De amores commovesse fera irada,
Que assi fosse fugindo, e desprezando
Este tormento, donde amor mostrou
Tão próspero começo.
Nunca, emfim, cousa bella e rigorosa
Natura produziu,
Qu'iguale aquella fórma e condição,
Que as dores em que vivo estima em nada.
Mas com tão doce gesto, irado e brando,
O sentimento, e a vida m'enlevou,
Que a pena lhe agradeço.
Bem cuidei d'exaltar em verso, ou prosa,
Aquillo que a alma viu
Entre a doce dureza e mansidão.
Primores de belleza desusada;
Mas quando quiz voar ao Ceo cantando,
Entendimento e engenho me cegou
Luz de tão alto preço.
Naquella alta pureza deleitosa
Que ao Mundo se encobriu;
E nos olhos Angelicos, que são

Senhores d'esta vida destinada;
E naquelles cabellos, que soltando
Ao manso vento, a vida me enredou,
Me alegro e me entristeço.
Saudade, e suspeita perigosa,
Que Amor constituiu
Por castigo d'aquelles que se vão:
Temores, penas d'alma desprezada,
Fera esquivança que me vai tirando
O mantimento que me sustentou,
A tudo me offereço.
Amor isento a uns olhos me entregou,
Nos quaes a Deos conheço.

ODE V

Nunca manhã suave
Estendendo seus raios por o Mundo,
Despois de noite grave,
Tempestuosa, negra, em mar profundo
Alegrou tanto a náo, que já no fundo
Se viu em mares grossos,
Como a luz clara a mi dos olhos vossos.
Aquella formosura,
Que só no virar d'elles resplandece;
E com que a sombra escura
Clara se faz, e o campo reverdece;
Quando o meu pensamento se entristece,

Ella, e sua viveza,
Me desfazem a nuvem da tristeza.
  O meu peito, onde estais,
É para tanto bem pequeno vaso:
Quando acaso virais
Os olhos, que de mi não fazem caso,
Todo, gentil Senhora, então me abraso
Na luz que me consume,
Bem como a borboleta faz no lume.
  Se mil almas tivera,
Que a tão formosos olhos entregára,
Todas quantas pudera
Por as pestanas d'elles pendurára;
E enlevadas na vista pura, e clara,
(Postoque d'isso indinas)
Se andaram sempre vendo nas meninas.
  E vós, que descuidada
Agora vivereis de taes querelas,
De almas minhas cercada,
Não pudesseis tirar os olhos d'ellas;
Não póde ser que, vendo a vossa entr'ellas,
A dor que lhe mostrassem,
Tantas, uma alma só não abrandassem.
  Mas, pois, o peito ardente
Uma só póde ter, formosa Dama,
Basta que esta sómente,
Como se fossem mil e mil, vos ama;
Para que a dor de sua ardente flamma
Comvosco tanto possa,
Que não queirais ver cinza um'alma vossa.

ODE VI

Póde um desejo immenso
Arder no peito tanto,
Que á branda, e á viva alma, o fogo intenso,
Lhe gaste as nodoas do terreno manto;
E purifique em tanta alteza o esprito
Com os olhos immortaes,
Que faz que lêa mais do que vê escrito.
Que a flamma, que se accende
Alto, tanto allumia,
Que se o nobre desejo ao bem se estende,
Que nunca viu, o sente claro dia;
E lá vê do que busca o natural,
A graça, a viva côr,
Noutra especie melhor que a corporal.
Pois vós, ó claro exemplo
De viva formosura,
Que de tão longe cá noto, e contemplo
Nalma, que este desejo sobe, e apura;
Não creais que não vejo aquella imagem
Que as gentes nunca vêem,
Se de humanos não tem muita vantagem.
Que se os olhos ausentes
Não vêem a compassada
Proporção, que das côres excellentes
De pureza, e vergonha é variada;

Da qual a Poesia que cantou
Até qui só pinturas,
Com mortaes formosuras igualou:
  Se não vêem os cabellos
Que o vulgo chama de ouro;
E se não vêem os claros olhos bellos,
De quem cantam que são do Sol thesouro;
E se não vêem do rosto as excellencias,
A quem dirão que deve
Rosa, e crystal, e neve as apparencias?
  Vem logo a graça pura,
A luz alta, e severa,
Que é raio da divina formosura,
Que na alma imprime, e fóra reverbera;
Assi como crystal do Sol ferido,
Que por fóra derrama
A recebida flamma esclarecido.
  E vem a gravidade,
Com a viva alegria,
Que misturada tem de qualidade,
Que uma da outra nunca se desvia;
Nem deixa de ser uma receada
Por léda, e por suave,
Nem outra por ser grave muito amada.
  E vem do honesto siso
Os altos resplandores
Temperados co'o doce, e ledo riso,
A cujo abrir abrem no campo as flores
As palavras discretas, e suaves,
Das quaes o movimento
Fará deter o vento, e as altas aves.

Dos olhos o virar
Que torna tudo raso,
Do qual não sabe o engenho divisar
Se foi por artificio, ou feito acaso:
Da presença os meneos, e a postura,
O andar, e o mover-se,
Donde póde aprender-se formosura.
Aquelle não sei que,
Que aspira não sei como;
Que invisivel sahindo, a vista o vê,
Mas para o comprender não lhe acha tomo;
E que toda a Toscana Poesia,
Que mais Phebo restaura,
Em Beatriz, nem Laura nunca via:
Em vós a nossa idade,
Senhora, o póde ver,
Se engenho, se sciencia, e habilidade.
Iguaes a vossa formosura der,
Qual a vi no meu longo apartamento,
Qual em ausencia a vejo.
Taes azas dá o desejo ao pensamento.
Pois se o desejo afina
Uma alma accesa tanto,
Que por vós use as partes da divina;
Por vós levantarei não visto canto,
Que o Betis me ouça, e o Tibre me levante:
Que o nosso claro Tejo,
Envolto um pouco o vejo, e dissonante.
O campo não o esmaltam
Flores, mas só abrolhos
O fazem feio; e cuido que lhe faltam

Ouvidos para mi, para vós olhos:
Mas faça o que quizer o vil costume,
Que o Sol, que em vós está,
Na escuridão dará mais claro lume.

ODE IX

Fogem as neves frias
Dos altos montes quando reverdecem
As arvores sombrias;
As verdes hervas crecem,
E o prado ameno de mil côres tecem.
Zephyro brando espira;
Suas séttas amor afia agora;
Progne triste suspira,
E Philomela chora;
O Ceo da fresca terra se namora.
Já a linda Cytheréa
Vem, do coro das Nymphas rodeada;
A branca Pasitéa
Despida, e delicada,
Com as duas irmãs acompanhada.
Em quanto as officinas
Dos Cyclopas Vulcano está queimando,
Vão colhendo boninas
As Nymphas, e cantando;
A terra co'o ligeiro pé tocando.
*

Desce do aspero monte
Diana, já cansada da espessura,
Buscando a clara fonte,
Onde por sorte dura
Perdeu Actéo a natural figura.
Assi se vai passando
A verde Primavera, e o secco Estio:
O Outomno vem entrando;
E logo o Inverno frio,
Que tambem passará por certo fio.
Ir-se-ha embranquecendo
Com a frigida neve o secco monte;
E Jupiter chovendo
Turbará a clara fonte,
Temerá o marinheiro o Oriente.
Porque, em fim, tudo passa;
Não sabe o tempo ter firmeza em nada:
E a nossa vida escassa
Foge tão apressada,
Que quando se começa é acabada.
Que se fez dos Troianos
Heitor temido, Enéas piedoso?
Consumiram-te os annos,
Ó Cresso tão famoso,
Sem te valer teu ouro precioso.
Todo o contentamento
Crias que estava em ter thesouro ufano!
Oh falso pensamento,
Que á custa de teu damno
Do Sabio Solon creste o desengano!
O bem que aqui se alcança,

Não dura por possante, nem por forte:
Que a bemaventurança
Duravel, de outra sorte
Se ha de alcançar na vida para a morte.
  Porque, em fim, nada basta
Contra o terrivel fim da noite eterna;
Nem póde a deosa casta
Tornar á luz superna
Hippolyto da escura sombra averna.
  Nem Theseo esforçado,
Ou com manha, ou com força valerosa,
Livrar póde o ousado
Perithoo da espantosa
Prisão Lethéa escura, e tenebrosa.

ODE XI

  Naquelle tempo brando
Em que se vê do Mundo a formosura,
Que Tethys descansando
De seu trabalho está, formosa, e pura,
Cansava amor o peito
Do mancebo Peleo, de um duro affeito.
  Com impeto forçoso
Lhe havia já fugido a bella Nympha,
Quando no tempo aquoso
Noto irado revolve a clara lympha,

Serras no mar erguendo,
Que os cumes das da terra vão lambendo.
  Esperava o mancebo,
Com a profunda dor que na alma sente,
Um dia em que já Phebo
Começava a mostrar-se ao Mundo ardente,
Soltando as tranças de ouro
Em que Clicie de amor faz seu thesouro.
  Era no mez que Apollo
Entre os irmãos celestes passa o tempo:
O vento enfrêa Eolo,
Para que o deleitoso passatempo
Seja quieto, e mudo;
Que a tudo amor obriga, e vence tudo.
  O luminoso dia
Os amorosos corpos despertava
Á cega idolatria
Que ao peito mais contenta, e mais aggrava;
Onde o cego menino
Faz que os humanos creiam que é divino:
  Quando a formosa Nympha,
Com todo o ajuntamento venerando,
Na crystallina lympha
O corpo crystallino está lavando;
O qual nas aguas vendo,
Nelle, alegre de o ver, se está revendo.
  O peito diamantino,
Em cuja branca teta amor se cria;
O gesto peregrino,
Cuja presença torna a noite em dia;
A graciosa bocca

Que a amor com seus amores mais provoca.
  Os rubins graciosos;
As pérolas que escondem vivas rosas
Dos jardins deleitosos,
Que o Ceo plantou em faces tão formosas;
O transparente collo,
Que ciumes a Daphne faz de Apollo.
  O subtil mantimento
Dos olhos, cuja vista a amor cegou;
A amor, que com tormento
Glorioso, nunca d'elles se apartou,
Pois elles de continuo
Nas meninas o trazem por menino.
  Os fios derramados
De aquelle ouro que o peito mais cubiça,
Donde amor enredados
Os corações humanos traz, e atiça;
E donde com desejo
Mais ardente começa a ser sobejo.
  O mancebo Peleo,
Que de Neptuno estava aconselhado,
Vendo na terra o Ceo
Em tão bella figura trasladado,
Mudo um pouco ficou,
Porque amor logo a falla lhe tirou.
  Emfim, querendo ver
Quem tanto mal de longe lhe fazia,
A vista foi perder,
Porque de puro amor, amor não via:
Viu-se assi cego, e mudo,
Por a força de amor que póde tudo.

Agora se apparelha
Para a batalha, agora remettendo;
Agora se aconselha,
Agora vai, agora está tremendo,
Quando já de Cupido
Com nova sétta o peito viu ferido.
Remette o moço logo
Para onde estava a chaga sem socego,
E co'o sobejo fogo
Quanto mais perto estava, então mais cego:
E cego, e co'um suspiro,
Na formosa donzella emprega o tiro.
Vingado assi Peleo,
Nasceu d'este amoroso ajuntamento
O forte Larisseo,
Destruição do Phrygio pensamento,
Que por não ser ferido
Foi nas aguas Estygias submergido.

ODE XII

Já a calma nos deixou
Sem flores as ribeiras deleitosas:
Já de todo seccou
Candidos lirios, rubicundas rosas:
Fogem do grave ardor os passarinhos
Para o sombrio amparo de seus ninhos.

Meneia os altos freixos
A branda viração de quando em quando;
E de entre varios seixos
O liquido crystal sahe murmurando;
As gottas que das alvas pedras saltam,
O prado, como pérolas, esmaltam.
Da caça já cansada
Busca a casta Titanica a espessura;
Onde á sombra inclinada
Logre o doce repouso da verdura;
E sobre o seu cabello ondado e louro
Deixe cahir o bosque o seu thesouro.
O Ceo desimpedido
Mostrava o lume eterno das estrellas;
E de flores vestido
O campo, brancas, rôxas, e amarellas,
Alegre o bosque tinha, alegre o monte,
O prado, o arvoredo, o rio, a fonte.
Porém como o menino,
Que a Jupiter por a aguia foi levado,
No cêrco crystallino
Fôr do amante de Clicie visitado;
O bosque chorará, chorará a fonte,
O rio, o arvoredo, o prado, o monte.
O mar, que agora brando
É das Nereides candidas cortado,
Logo se irá mostrando
Todo em crespas escumas empolado:
O suberbo furor do negro vento
Fará por toda parte movimento.
Lei é da natureza

Mudar-se d'esta sorte o tempo leve:
Succeder á belleza
Da primavera o fructo; a elle a neve;
E tornar outra vez por certo fio
Outomno, Inverno, Primavera, Estio.
  Tudo, emfim, faz mudança
Quanto o claro Sol vê, quanto allumia;
Não se acha segurança
Em tudo quanto alegra o bello dia:
Mudam-se as condições, muda-se a idade,
A bonança, os estados, e a vontade.
  Sómente a minha imiga
A dura condição nunca mudou;
Para que o Mundo diga
Que nella lei tão certa se quebrou:
Em não ver-me ella só sempre está firme,
Ou por fugir d'Amor, ou por fugir-me.
  Mas já soffrivel fôra
Qu'em matar-me ella só mostre firmeza,
Se não achára agora
Tambem em mi mudada a natureza;
Pois sempre o coração tenho turbado,
Sempre d'escuras nuvens rodeado.
  Sempre exprimento os fios
Qu'em contino receio Amor me manda;
Sempre os dous caudaes rios,
Qu'em meus olhos abriu quem nos seus anda,
Correm, sem chegar nunca o Verão brando,
Que tamanha aspereza vá mudando.
  O sol sereno e puro,
Que no formoso rosto resplandece,

Envolto em manto escuro
Do triste esquecimento, não parece;
Deixando em triste noite a triste vida,
Que nunca de luz nova é soccorrida.
  Porém seja o que for,
Mude-se por meu damno a natureza;
Perca a inconstancia Amor;
A Fortuna inconstante ache firmeza;
Tudo mudavel seja contra mi,
Mas eu firme estarei no qu'emprendi.

ELEGIAS

(ESCOLHIDAS)

ELEGIA I

O Poeta Simonides fallando
Co'o Capitão Themistocles um dia,
Em cousas de sciencia praticando;
Um'arte singular lhe promettia,
Qu'então compunha, com que lh'ensinasse
A lembrar-se de tudo o que fazia;
Onde tão subtis regras lhe mostrasse,
Que nunca lhe passassem da memoria
Em nenhum tempo as cousas que passasse.
Bem merecia, certo, fama, e gloria
Quem dava regra contra o esquecimento,
Que sepulta qualquer antigua historia.
Mas o Capitão claro, cujo intento
Bem differente estava, porque havia
Do passado as lembranças por tormento:
Oh illustre Simonides! (dizia)
Pois tanto em teu engenho te confias,
Que mostras á memoria nova via;
Se me désses um'arte, qu'em meus dias
Me não lembrasse nada do passado,
Oh quanto melhor obra me farias!
Se este excellente dito ponderado
Fosse por quem se visse estar ausente,
Em longas esperanças degradado;

Oh como bradaria justamente,
Simonides, inventa novas artes;
Não midas o passado co'o presente!
Que se é forçado andar por varias partes
Buscando á vida algum descanço honesto,
Que tu, Fortuna injusta, mal repartes;
E se o duro trabalho, é manifesto
Que por grave que seja, ha de passar-se
Com animoso esprito e ledo gesto;
De que serve ás pessoas o lembrar-se
Do que se passou já, pois tudo passa,
Senão d'entristecer-se e magoar-se?
Se em outro corpo um'alma se traspassa,
Não como quiz Pythagoras na morte,
Mas como quer Amor na vida escassa;
E se este Amor no Mundo está de sorte,
Que na virtude só um lindo objecto
Tem um corpo, sem alma, vivo e forte;
Onde este objecto falta, que é defecto
Tamanho para a vida, que já nella
Me está chamando á pena a dura Alecto;
Porque me não criára a minha Estrella
Selvatico no Mundo, e habitante
Na dura Scythia, e no mais duro d'ella?
Ou no Caucaso horrendo fraco infante,
Criado ao peito de uma tigre Hircana,
Homem fora formado de diamante?
Porque a cerviz ferina, e inhumana,
Não submettêra ao jugo, e dura lei,
De aquelle que dá vida quando engana.
Ou em pago das aguas que estilei,

As que passei do mar, foram do Lethe,
Para que me esquecêra o que passei.
  Porque o bem que a esperança vã promette,
Ou a morte o estorva, ou a mudança,
Que é mal que um'alma em lagrimas derrete.
  Já, Senhor, cahirá como a lembrança
No mal do bem passado é triste, e dura,
Pois nasce aonde morre a esperança.
  E se quizer saber como se apura
Em almas saudosas, não se enfade
De ler tão longa, e misera escriptura.
  Soltava Eolo a rede, e liberdade,
Ao manso Favonio brandamente,
E eu a tinha já solta á saudade.
  Neptuno tinha posto o seu tridente;
A proa a branca escuma dividia,
Com a gente maritima contente.
  O Coro das Nereidas nos seguia;
Os ventos, namorada Galatéa,
Comsigo socegados os movia.
  Das argenteas conchinhas Panopéa
Andava por o mar fazendo molhos,
Melanto, Dinamene, com Ligea.
  Eu trazendo lembranças por antolhos,
Trazia os olhos na agua socegada,
E a agua sem socego nos meus olhos.
  A bemaventurança já passada,
Diante de mi tinha tão presente,
Como se não mudasse o tempo nada.
  E com o gesto immoto, e descontente,
Co'um suspiro profundo, e mal ouvido,

Por não mostrar meu mal a toda a gente;
  Dizia: Oh claras Nymphas! Se o sentido
Em puro amor tivestes, e inda agora
Da memoria o não tendes esquecido;
  Se por ventura fordes algum'hora
Adonde entra o grão Tejo a dar tributo
A Tethys, que vós tendes por Senhora;
  Ou já por ver o verde prado enxuto,
Ou já por colher ouro rutilante,
Das Tagicas aréas rico fructo;
  Nellas, em verso erotico, e elegante,
Escrevei co'uma concha o que em mi vistes,
Póde ser que algum peito se quebrante.
  E contando de mi memorias tristes,
Os Pastores do Tejo, que me ouviam,
Ouçam de vós as mágoas que me ouvistes.
  Ellas, que já no gesto me entendiam,
Nos meneos das ondas me mostravam
Que em quanto lhes pedia consentiam.
  Estas lembranças que me acompanhavam
Por a tranquillidade da bonança,
Nem na tormenta triste me deixavam.
  Porque chegando ao Cabo da Esperança,
Começo da saudade, que renova,
Lembrando a longa, e aspera mudança:
  Debaixo estando já da Estrella nova,
Que no novo Hemispherio resplandece,
Dando do segundo axe certa prova;
  Eis a noite com nuvens se escurece;
Do ar subitamente foge o dia;
E todo o largo Oceano se embravece.

A máchina do Mundo parecia,
Que em tormentas se vinha desfazendo;
Em serras todo o mar se convertia.
Lutando Boreas fero, e Noto horrendo,
Sonoras tempestades levantavam,
Das náos as velas concavas rompendo.
As cordas co'o ruido assoviavam;
Os marinheiros, já desesperados,
Com gritos para o Ceo o ar coalhavam.
Os raios por Vulcano fabricados,
Vibrava o fero, e aspero Tonante,
Tremendo os Polos ambos de assombrados.
Amor alli, mostrando-se possante,
E que por algum medo não fugia,
Mas quanto mais trabalho mais constante;
Vendo a morte presente, em mi dizia:
Se algum'hora, Senhora, vos lembrasse,
Nada do que passei me lembraria.
Emfim, nunca houve cousa que mudasse
O firme amor intrinseco de aquelle,
Em quem alguma vez de siso entrasse.
Uma cousa, Senhor, por certa asselle,
Que nunca amor se afina, nem se apura,
Em quanto está presente a causa d'elle.
D'esta arte me chegou minha ventura
A esta desejada, e longa terra,
De todo pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nós se encerra,
E nos proprios quão pouca, contra quem
Foi logo necessario termos guerra.
Uma Ilha que o Rei de Porcá tem,
*

E que o Rei da Pimenta lhe tomára,
Fomos tomar-lh'a, e succedeu-nos bem.
  Com uma grossa armada, que juntára
O Viso-Rei, de Goa nos partimos,
Com toda a gente de armas que se achára.
  E com pouco trabalho destruimos
A gente no curvo arco exercitada;
Com morte, com incendios os punimos.
  Era a Ilha com aguas alagada,
De modo que se andava em almadias;
Emfim, outra Veneza trasladada.
  Nella nos detivemos sós dous dias,
Que foram para alguns os derradeiros.
Pois passaram de Estyge as ondas frias.
  Que estes são os remedios verdadeiros
Que para a vida estão apparelhados
Aos que a querem ter por cavalleiros.
  Oh Lavradores bemaventurados!
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo socegados!
  Dá-lhes a justa terra o mantimento;
Dá-lhes a fonte clara da agua pura,
Mungem nas ovelhas cento a cento.
  Não vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente;
Não temem o furor da guerra dura.
  Vive um com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o somno repousado
A grão cobiça de ouro reluzente.
  Se lhe falta o vestido perfumado,
E da formosa côr de Assyria tinto,

E dos torsaes Attalicos lavrado:
  Se não tem as delicias de Corinto,
E se de Pario os marmores lhe faltam,
O pyropo, a esmeralda, e o jacinto:
  Se suas casas, de ouro não se esmaltam,
Esmalta-se-lhe o campo de mil flores
Onde os cabritos seus comendo saltam.
  Alli lhe mostra o campo várias côres;
Vêm-se os ramos pender co'o fructo ameno;
Alli se afina o canto dos Pastores.
  Alli cantára Tityro, e Sileno:
Emfim, por estas partes caminhou
A sã justiça para o Ceo sereno.
  Ditoso seja aquelle que alcançou
Poder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas que criou.
  Este, bem facilmente alcançaria
As causas naturaes de toda cousa;
Como se gera a chuva, e neve fria:
  Os trabalhos do Sol, que não repousa;
E porque nos dá a Lua a luz alhêa,
Se tolher-nos de Phebo os raios ousa:
  E como tão depressa o Ceo rodêa;
E como um só os outros traz comsigo;
E se é benigna ou dura Cytheréa.
  Bem mal póde entender isto que digo,
Quem ha de andar seguindo o fero Marte,
Que sempre os olhos traz em seu perigo.
  Porém seja, Senhor, de qualquer arte,
Pois posto que a fortuna possa tanto,
Que tão longe de todo o bem me aparte;

Não poderá apartar meu duro canto
D'esta obrigação sua, em quanto a morte
Me não entrega ao duro Radamanto;
Se para tristes ha tão leda sorte.

ELEGIA II

Aquella que de amor descomedido
Por formoso moço se perdeu,
Que só por si de amores foi perdido:
Depois que a deusa em pedra a converteu,
De seu humano gesto verdadeiro,
A ultima voz só lhe concedeu.
Assi meu mal do proprio ser primeiro,
Outra cousa nenhuma me consente,
Que este canto que escrevo derradeiro.
E se uma pouca vida estando ausente
Me deixa amor, é porque o pensamento
Sinta a perda do bem de estar presente.
Senhor, se vos espanta o soffrimento
Que tenho em tanto mal para escrevel-o,
Furto este breve espaço a meu tormento.
Porque quem tem poder para soffrel-o,
Sem se acabar a vida, co'o cuidado,
Tambem terá poder para dizel-o.
Nem eu escrevo um mal já acostumado;
Mas na alma triste, e saudosa,

A saudade escreve, e eu traslado.
  Ando gastando a vida trabalhosa,
E esparzindo a continua soidade
Ao longo de uma praia soidosa.
  Vejo do mar a instabilidade,
Como com seu ruido impetuoso
Retumba na maior concavidade.
  De furibundas ondas poderoso,
Na terra, a seu pesar, está tomando
Logar em que se estenda cavernoso.
  Ella, como mais fraca, lhe está dando
As concavas entranhas, onde esteja
Sempre com som profundo suspirando.
  A todas estas cousas tenho inveja
Tamanha, que não sei determinar-me,
Por mais determinado que me veja.
  Se quero em tanto mal desesperar-me,
Não posso, porque amor e saudade,
Nem licença me dão para matar-me.
  Ás vezes cuido em mi, se a novidade,
E estranheza das cousas, co'a mudança,
Poderiam mudar uma vontade.
  E com isto figuro na lembrança
A nova terra, o novo trato humano,
A estrangeira progenie, a estranha usança.
  Subo-me ao monte que Hercules Thebano
Do altissimo Calpe dividiu,
Dando caminho ao mar Mediterrano.
  De alli estou tanteando aonde viu
O pomar das Hesperides matando
A serpe que a seu passo resistiu.

Estou-me em outra parte figurando
O poderoso Antheo, que derribado
Mais força se lhe vinha accrescentando.
Porém do Herculeo braço sobjugado,
No ar deixando a vida, não podendo
Dos soccorros da mãe ser ajudado.
Mas nem com isto, emfim, qu'estou dizendo,
Nem com as armas tão continuadas,
D'amorosas lembranças me defendo.
Todas as cousas vejo demudadas,
Porque o tempo ligeiro não consente
Qu'estejam de firmeza acompanhadas.
Vi já que a Primavera, de contente,
Em variadas côres revestia
O monte, o campo, o valle, alegremente.
Vi já das altas aves a harmonia,
Que até duros penedos convidava
A algum suave modo d'alegria.
Vi já que tudo, emfim, me contentava,
E que, de muito cheio de firmeza,
Um mal por mil prazeres não trocava.
Tal me tem a mudança e estranheza,
Que se vou por os prados, a verdura
Parece que se sécca de tristeza.
Mas isto é já costume da ventura;
Porque aos olhos que vivem descontentes,
Descontente o prazer se lhes figura.
Oh graves e insoffriveis accidentes
Da Fortuna e d'Amor! que penitencia
Tão grave dais aos peitos innocentes!
Não basta examinar-me a paciencia

Com temores e falsas esperanças,
Sem que tambem me tente o mal de ausencia?
  Trazeis um brando espirito em mudanças,
Para que nunca possa ser mudado
De lagrimas, suspiros, e lembranças.
  E s'estiver ao mal acostumado,
Tambem no mal não consentis firmeza,
Para que nunca viva descansado.
  Já quieto m'achava co'a tristeza;
E alli não me faltava um brando engano,
Que tirasse desejos da fraqueza.
  Mas vendo-me enganado estar ufano,
Deu á roda a Fortuna; e deu comigo
Onde de novo chóro o novo dano.
  Já deve de bastar o que aqui digo,
Para dar a entender o mais que calo
A quem já viu tão aspero perigo.
  E se nos brandos peitos faz abalo
Um peito magoado, e descontente,
Que obriga a quem o ouve a consolal-o;
  Não quero mais senão que largamente,
Senhor, me mandeis novas d'essa terra,
Que alguma d'ellas me fará contente.
  Porque se o duro fado me desterra
Tanto tempo do bem, que o fraco esprito
Desampare a prisão onde se encerra;
  Ao som das negras aguas de Cocito,
Ao pé dos carregados arvoredos,
Cantarei o que na alma tenho escripto.
  E por entre estes horridos penedos,
A quem negou Natura o claro dia,

Entre tormentos asperos, e medos;
  Com a tremula voz, cansada, e fria,
Celebrarei o gesto claro, e puro,
Que nunca perderei da phantasia.
  O Musico de Thracia já seguro
De perder sua Eurydice, tangendo
Me ajudará ferindo o ar escuro.
  As namoradas sombras, revolvendo
Memorias do passado, me ouvirão;
E com seu choro o rio irá crescendo.
  Em Salmonéo as penas faltarão,
E das filhas de Belo juntamente
De lagrimas os vasos se encherão.
  Que se amor não se perde em vida ausente,
Menos se perderá por morte escura:
Porque, emfim, a alma vive eternamente;
  E amor é effeito da alma, e sempre dura.

ELEGIA III

  O Sulmonense Ovidio desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Ver-se de seus Penates apartado:
  Sua chara mulher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento;
De sua Patria os olhos apartando:
  Não podendo encobrir o sentimento,

Aos montes já, já aos rios se queixava
De seu escuro, e triste nascimento.
  O curso das Estrellas contemplava,
E aquella ordem com que discorria
O Ceo, e o ar, e a terra adonde estava.
  Os peixes por o mar nadando via,
As feras por o monte, procedendo
Como seu natural lhes permittia.
  De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de crystal,
Á sua natureza obedecendo.
  Assi só de seu proprio natural
Apartado se via em terra estranha,
A cuja triste dôr não acha igual.
  Só sua doce Musa o acompanha,
Nos soidosos versos que escrevia,
E nos lamentos com que o campo banha.
  D'esta arte me figura a phantasia
A vida com quem morro, desterrado
Do bem que em outro tempo possuia.
  Aqui contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará por a memoria
De quem o traz na mente debuxado.
  Aqui vejo caduca, e debil gloria
Desenganar meu erro co'a mudança
Que faz a fragil vida transitoria.
  Aqui me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho: me entristece
Ver sem razão a pena que me alcança.
  Que a pena que com causa se padece,
A causa tira o sentimento d'ella;

Mas muito dóe a que se não merece.
  Quando a rôxa manhã, dourada, e bella,
Abre as portas ao Sol, e cahe o orvalho,
E torna a seus queixumes Philomela;
  Este cuidado que co'o somno atalho,
Em sonhos me parece, que o que a gente
Por seu descanso tem me dá trabalho.
  E depois de acordado cegamente,
(Ou, por melhor dizer, desacordado,
Que pouco acordo logra um descontente)
  De aqui me vou, com passo carregado,
A um outeiro erguido, e alli me assento,
Saltando toda a redea a meu cuidado.
  Depois de farto já de meu tormento,
Estendo estes meus olhos saudosos
Á parte donde tinha o pensamento.
  Não vejo senão montes pedregosos;
E sem graça, e sem flor, os campos vejo,
Que já floridos vira, e graciosos.
  Vejo o puro, suave, e rico Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito o seu desejo.
  Umas com brando vento navegando,
Outras com leves remos brandamente
As crystallinas aguas apartando.
  De alli fallo com a agua que não sente,
Com cujo sentimento esta alma sahe
Em lagrimas desfeita claramente.
  Ó fugitivas ondas, esperai;
Que pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levai.

Até que venha aquelle alegre dia
Que eu vá onde vós ides, livre, e ledo.
Mas tanto tempo, quem o passaria?
Não póde tanto bem chegar tão cedo:
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tão aspero degredo.
Mas essa triste morte que virá,
Se em tão contrario estado me acabasse,
Esta alma assi impaciente adonde irá?
Que se ás portas Tartaricas chegasse,
Temo que tanto mal por a memoria
Nem ao passar do Lethe lhe passasse.
Que se a Tantalo, e Ticio for notoria
A pena com que vai, e que a atormenta,
A pena que lá tem terão por gloria.
Essa imaginação, emfim, me augmenta
Mil mágoas no sentido, porque a vida
De imaginações tristes se contenta.
Que pois de todo vive consumida,
Porque o mal que possue se resuma,
Imagina na gloria possuida.
Até que a noite eterna me consuma,
Ou veja aquelle dia desejado
Em que a fortuna faça o que costuma;
Se nella ha hi mudar-se um triste estado.

ELEGIA V

Aquelle mover de olhos excellente,
Aquelle vivo espirito inflammado
Do crystallino rosto transparente:
Aquelle rosto immoto, e repousado,
Que estando na alma propriamente escrito,
Não póde ser em verso trasladado:
Aquelle parecer, que é infinito
Para se comprender de engenho humano,
O qual offendo em quanto tenho dito:
Tanto a inflammar-me vem de um doce engano,
E tanto a engrandecer-me a phantasia,
Que não vi maior gloria que meu damno.
Oh bemaventurado seja o dia
Em que tomei tão doce pensamento,
Que de todos os outros me desvia!
E bemaventurado o soffrimento
Que soube ser capaz de tanta pena,
Vendo que o foi da causa o entendimento.
Faça-me quem me mata, o mal que ordena,
Trate-me com enganos, desamores;
Que então me salva quando me condena.
E se de tão suaves desfavores,
Penando vive um'alma consumida,
Oh que doce penar! Que doces dores!
E se uma condição endurecida,

Tambem me nega a morte por meu damno,
Oh que doce morrer! Que doce vida!

. . . .

Se, emfim, os meus espritos, de pequenos,
A merecer não chegam seu tormento,
Que quero eu mais, que o mais não seja menos?
A causa, pois, me esforça o soffrimento;
Porque, a pezar do mal que me resiste,
De todos os trabalhos me contento;
Que a razão faz a pena alegre, ou triste.

ELEGIA VI

Entre rusticas serras, e fragosas,
Compostas de asperissimos rochedos,
De salitradas lapas cavernosas;
Onde gretando os humidos penedos
Orvalhados de neve branca, e fria,
Brotando estão de si mil arvoredos;
Uma floresta fez verde e sombria,
A natureza experta, que rodêa
Como elevado muro a serrania.
Neste formoso sitio se recrêa
O lascivo Cupido entre as boninas,
Que sempre um brando Zephyro menêa.
Da candida cecem, das clavellinas,
Da salva, mangerona, e das mosquetas,

Das rubicundas flores hyacinthinas;
  Muitas capellas tece, que de setas
Lhe servem contra peitos de donzellas,
A quem de inveja traz sempre inquietas.
  Não são de uma só côr as flores bellas,
Que umas esmalta verde, outras rosado,
Entre as azues crescendo as amarellas.
  Dos agrestes loureiros rodeado
Faz o valle uma sombra deleitosa,
Quando apparece o Sol mais levantado.
  E por cima da relva bem graciosa,
As gottas de crystal quasi imitando
Estão do aljofar puro a luz formosa.
  As crystallinas fontes, que brotando
Por entre alvos seixinhos se derivam,
Das arvores os troncos vão banhando.
  Entre as limpidas aguas, que inda esquivam
O formoso Pastor que se perdeu
Preso das falsas mostras que o captivam;
  Cresce a por cuja causa se esqueceu
A linda Cytheréa de Vulcano,
Quando presa de amor se lhe rendeu.
  Na brancura do rosto soberano,
Inda as cruéis feridas apparecem
Do javalí cerdoso, e deshumano.
  As rosas que de sangue resplandecem
Nas candidas boninas marchetadas,
Qual rôxo esmalte á vista bem se offerecem.
  Do matutino orvalho rociadas
As flores rutilantes, e cheirosas,
Estão como por cima prateadas.

Os humidos botões abrindo as rosas,
Que os agudos espinhos vão cercando,
No prado se vêm rindo deliciosas.
A mellifera abelha sussurrando
Por cima das boninas, que rodêa,
Está co'o som das aguas concertando.
Do trémulo regato a branda arêa
De jacinthos se cobre, e de vieiras,
Que encrespam da corrente a branca vêa.
Os alamos se abraçam co'as videiras
De sorte que se enxerga escassamente
Se são os cachos seus, se das parreiras,
E pendendo por cima da corrente,
Outro formoso bosque debuxando
Estão no fundo d'ella brandamente.
Ouve-se o rouxinol aqui lembrando
Do perfido cunhado a crueldade,
Mágoas em melodias transformando.
A solitaria rola com soidade
Desfaz o rouco peito já cansada
De que não move a morte a piedade.
A domestica Progne anda banhada
No sangue de seus filhos, em vingança
Da triste Philomela profanada.
De competir co'o melro não descança
O gárrulo calhandro, que enrouquece
Por não perder caliado a confiança.
Em quanto o pobre ninho ajuncta, e tece
O sonoro canario, modulando
Engana a grave pena que padece.
Alguns versos se escuta derramando

O vário pintasirgo, tão saudaveis,
Que produzem memorias de amor brando.
  Por os direitos troncos ha notaveis
Epigrammas; alguns de antigua historia,
Que contra o duro tempo são duraveis.
  Uns de cruel tormento, outros de gloria,
Conforme á liberdade do que escreve,
Estranhos casos mostram á memoria.
  O que neste logar contente esteve,
Contente declarou seu pensamento,
E os prazeres tambem que nelle teve.
  Mas outros declarando o sentimento
Que dos olhos distilla tristes aguas
Deixaram mil lembranças de tormento.
  Abrazando-se alguns em vivas frágoas,
Escreveram, do bosque em muitas partes,
Gostos de amor agora, agora mágoas.
  Porque, cruel menino, o premio partes,
A quem serás tyranno se lh'o negas;
E injusto, e desigual, se lh'o repartes?
  Porque enganas as almas que tão cegas
Arrastas após ti, de error captivas?
Porque a crueis rigores as entregas?
  Para que contra um peito assi te esquivas,
Que humilde se sujeita a teu cuidado,
Com enganos de sombras fugitivas?
  Levas como a menino um pobre a nado,
Numa apparencia falsa embevecido,
Quando co'os braços corta o mar inchado.
  Querendo-se tornar, vê-se perdido,
Já grita que se afoga, e tu zombando

Da praia entre os penedos escondido.
  O triste, que conhece ir-se afogando,
No meio da arriscada zombaria,
Por divino soccorro está clamando.
  Mas eu de que me espanto, se dizia
Um Sabio, que de enganos se temesse
O que tomasse a um cego tal por guia?
  Nunca nelle a firmeza permanece;
Se nos dá gosto algum, muda-se logo;
Já chora, já se ri, já se enfurece.
  Anda co'os corações sempre em um jogo;
Umas vezes os faz de pedra fria,
Outras os faz de neve, outras de fogo.
  Tornando ao bosque meu, que descrevia,
Depois de ter contado da frescura
Que nelle tão pomposa apparecia;
  Referir quero agora uma aventura
Que nelle ao vão Narciso aconteceu,
Digna de se chorar com mágoa pura.
  Castigo foi que o moço mereceu
Por se mostrar esquivo com aquella
Que em viva pedra Juno converteu.
  Ardia em fogo da alma a vã donzella,
Soffrendo um duro peito; que a Narciso
Quando ella mais se abraza, mais congela.
  E quando a fraca Nympha mais de siso
Mostrava um signal certo de firmeza,
Então se provocava o moço a riso.
  Já de uma profundissima tristeza
A descora o rigor que a consumia.
Como diz desfavor mal com belleza!

*

O gelado Pastor folgava, e ria;
Mas vendo-a de seu gosto andar contente,
Por não a contentar se entristecia.
É tal o seu rigor que não consente
Que seja o gosto proprio festejado,
Antes d'isso se mostra descontente.
Mas o cego Cupido, de affrontado,
Em vingança da fé que desprezou,
Fez que fosse de si mesmo enganado.
Casualmente um dia se chegou
A beber numa fonte crystallina,
Que de si nova sêde lhe causou.
Vendo a sua figura peregrina,
Que a fonte dentro em si representava,
Se perdeu por imagem tão divina.
Como já, de elevado, não cuidava
Nos enganos que a sombra lhe fazia,
Vendo o formoso rosto, suspirava.
Por as avaras aguas se mettia,
E quanto mais molhava os tenros braços,
Então mais vivamente o fogo ardia.
Vendo-se assi prender em duros laços,
Ao sentimento obriga a paciencia,
Dando fóra de si ao vento abraços.
Embevecido todo na apparencia,
Sem saber do cuidado o que sentia,
Não fez ao doce engano resistencia.
Ao ver-se longe mais, mais perto via
O peregrino gesto; e se chegava,
Então para mais longe lhe fugia.
Vendo, emfim, como em tudo o remedava,

Cahiu no torpe engano que tivera,
A tempo que de si já preso estava.
  A belleza que a tantas morte dera,
De si mesma se abraza e se captiva.
Quão longe então de si ver-se quizera!
  Ella se abranda propria; ella se esquiva;
E sendo ella sómente a que se amava,
Ella se chama ingrata e fugitiva.
  A formosura, pois, que namorava,
Com tal difficuldade era seguida,
Que estando dentro em si, mui longe estava.
  A solitaria Nympha, que escondida
Já nas cavernas concavas se via,
Dos males que lhe ouviu foi commovida.
  Das namoradas mágoas que dizia
O namorado moço, ella sómente
Os ultimos accentos repetia.
  Elle vendo-se estar alli presente,
As crystallinas aguas accusava
De que ellas o faziam descontente.
  Outras vezes á fonte, quando a olhava,
Já cego, e sem juizo, agradecia
A figura que dentro lhe mostrava.
  Mas vendo que ella em nada se doia
De seu grave tormento, grita e chora.
Quanto erra quem de sombras se confia!
  Já lhe pede que sáia para fóra,
Ignorando que sempre fóra esteve
A belleza que nelle proprio mora.
  Despois que longo espaço se deteve
Nestes queixumes seus tão lastimosos,

Que com tão longo ser, julgou por breve;
  Co'os olhos bellos si, mas lagrimosos,
Do valle se despede e da espessura,
Dando soluços da alma vagarosos.
  Entregue na vontade da ventura,
Ou, por melhor dizer, de seus enganos,
Ao centro se arrojou da fonte pura.
  D'est'arte feneceu em tenros annos
Narciso, dando exemplo á formosura
De que tema, se é tal, tambem seus damnos.
  Sentimento mostrou da sorte dura
O namorado Jupiter, mudando
Ao moço em flor purpurea, que inda dura.
  Aquellas claras aguas rodeando,
Onde por seus amores se perdeu,
Está despois da morte acompanhando.
  Tanto no seu engano procedeu,
Que não sabe na morte inda apartar-se
Dos erros que na vida commetteu.
  Bem póde o coração desenganar-se,
Que o fogo d'um querer, nalma inflammado,
Não costuma na morte resfriar-se.
  Porque despois do corpo sepultado,
Prisão onde s'encerra o fraco esprito,
Eternamente chora o seu cuidado.
  E das escuras aguas de Cocyto
A rapida corrente refreando,
Celebra o lindo gesto na alma escripto.
  Lá se está co'os favores recreando;
E se foi desprezado, lá padece,
As duras esquivanças lamentando.

Nem dos avaros olhos lá s'esquece,
Que de formoso verde a terra esmaltam,
Por não ver os do triste que endoudece.
Assi que os desfavores nunca faltam,
Até despois da morte perseguindo
Um triste coração que desbaratam.
Triste de quem em vão lhe vai fugindo!

ELEGIA X

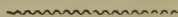
Que tristes novas, ou que novo damno,
Que inopinado mal incerto sôa,
Tingindo de temor o vulto humano?
Que vejo? as praias humidas de Goa
Ferver com gente attonita e turbada
Do rumor que de bocca em bocca vôa!
É morto D. Miguel (ah crua espada!)
E parte da lustrosa companhia
Que alegre se embarcou na triste Armada:
E de espingarda ardente e lança fria
Passado por o torpe e iniquo braço,
Que nossas altas famas injuría.
Não lhe valeu escudo, ou peito d'aço,
Não animo d'avós claros herdado,
Com que temer se fez por longo espaço.
Não ver-se em redor todo cercado
De irados inimigos, que exhalavam

A negra alma do corpo traspassado.
  Não as fortes palavras que voavam
A animar os incertos companheiros,
Que timidos as costas lhe mostravam.
  Mas já postos, nos termos derradeiros,
(Rotos por partes mil e traspassados
Os membros, no valor sómente inteiros)
  Os olhos (de furor acompanhados,
Que inda na morte as vidas amedrentam
Dos duros inimigos espantados)
  Postos no Ceo, parece que presentam
A alma pura á suprema Eternidade,
Por quem os ceos e a terra se sustentam.
  E pedindo dos erros, que na idade
Immatura e innocente já fizera,
Perdão á pia e justa Majestade,
  As rosas apartou da neve fria;
E, como debil flor, a quem fallece
O radical humor de que vivia,
  Nas mãos do Coro Angelico, que desce,
Se entrega; e vai lograr a vida eterna,
Que com morte tão justa se merece.
  Vae-te, alma, em paz á gloria sempiterna;
Vae, que quem por a Lei sacra e divina
A sólta, áquelle a dá que o Ceo governa.
  Mas se de tal valor foi morte dina,
A ausencia que do gosto nos saltêa,
A perpétua saudade nos inclina.
  Deixa pois tu, formosa Cytheréa,
Do gentil filho e neto de Cyniras
O pranto por a morte horrida e fêa.

E tu, dourado Apollo, que suspiras
Por o crespo Jacintho, moço charo,
Por quem a clara luz ao mundo tiras;
Vinde e chorae um moço em tudo raro,
Não de ferino dente vulnerado,
Nem de risco sujeito a algum reparo:
Mas só de ferro imigo traspassado,
Que sem dúvida incerta, ou frio medo,
A vida poz nas mãos de Marte irado.
Tambem tu, moço Idalio, assiste quedo,
Deixa de dar o venenoso mel
A beber por os olhos, triste, e lédo:
Pois os formosos olhos de Miguel,
Já cobertos se vêem do escuro manto
Da lei geral, a todos mais cruel.
E vós, filhas de Thespis, que com canto
Podeis bem mitigar a dor immensa
Dos irmãos generosos, e alto pranto;
Não consintais que façam larga offensa
Á grande integridade, a que se devem
Aguas não só do damno recompensa.
Que já diante os olhos me descrevem
Quando as boccas da fama voadora,
Ao patrio, e claro Tejo as novas levem;
A profunda tristeza, que em um'hora
Tal posse tomará dos altos peitos,
Que d'elles o discurso lance fóra.
Alli de dor os corações sujeitos
Hão de lançar de si toda a memoria
De exemplos claros, solidos respeitos.
Mas, porém se igualais a vida á gloria,

O claro Dom Philippe, e pretendeis
Deixar-nos de acções vossas larga historia;
  Eu não vos persuado a que estreiteis
O coração na estoica disciplina,
Onde livre d'affectos vos mostreis.
  Que mal a natureza determina
Medo, esperanças, dores, e alegria,
Como o cynico velho nos ensina.
  Immanidade estupida (dizia
O Sulmonense canto) e vil rudeza,
É não sentir affectos que a alma cria.
  Porém se o sentir nada for bruteza,
E se paixão devida se consente,
Tambem o sentir muito é já fraqueza.
  Em vós um soffrer alto s'exprimente,
Qual nos fortes varões foi conhecido,
Como em estranha, em lusitana gente.
  Bem conheço que o corpo assi perdido,
Como de illustre tumulo carece,
Será de brutas feras consumido.
  Mas consola-me, emfim, que se parece
Ao grande bisavô, que por a vida
Real, a sua á Maura lança offrece.
  Em pedaços a gente enfurecida
O corpo alli lhe deixa; e com mão dura
Lhe nega a sepultura merecida.
  Facil é a perda aqui da sepultura:
Diogenes prudente, e Theodoro
Pouco sentem do corpo essa jactura.
  Assi formoso e inteiro, assi decoro
Adora quem o tem, como o tomou,

Quando se ouvir o extremo som sonoro.
Mas ai! qual temor subito occupou
O vosso claro peito, ó portuguezes?
Qual pavido temor vos congelou?
Que lançadas, que golpes, que revezes
Vos fizeram fazer tamanha injuria
Aos fortes lusitanicos arnezes?
Ou já de capitão sobeja incuria,
Ou fraqueza? Não: qu'elle sustentava
Com seu peito dos barbaros a furia.
Ou já do ferreo cano a força brava
Com estrondos que atroam mar e terra,
Os corações ardentes congelava?
Ah! quem vos fez que os impetos da guerra
Não sustentasseis com valor ousado,
Desprezando o furor que a vida encerra?
A vida por a patria e por o éstado
Pondo vossos avós, a nós deixaram,
Em terra e mar, exemplo sublimado.
Elles a desprezar nos ensinaram
Todo temor. Pois como agora os netos
Subitamente assi degeneraram?
Não podem, certo, não, viver quietos
Com feia infamia peitos generosos,
Já em publicos logares, já em secretos.
Mortos d'Esparta os heroes valerosos
Da fera multidão, fazendo extremos,
Taes epitaphios tinham gloriosos:
Dirás, Hospede, tu, que aqui jazemos
Passados do inimigo ferro, em quanto
Ás santas Leis da Patria obedecemos.

Fugindo os Persas vão com frio espanto,
Mas acham as mulheres no caminho,
Mostrando-lhes o ventre, em terror tanto.
Pois do damno fugis, vendo-o visinho,
Fracos! vinde a esconder-vos (lhes diziam)
Outra vez no materno e escuro ninho.
Vêde quaes com mais gloria ficariam,
Se aquelles que morreram por o estado,
Se estes a quem mulheres injuriam?
Mas tu, claro Miguel, que já acordado
D'este sonho tão breve, estás naquella
Torre do Ceo, seguro e repousado;
Onde, com Deos unida a forte e bella
Alma, com teus Maiores reluzindo,
Trocaste cada chaga em clara estrella;
Co'os pés o crystallino Ceo medindo,
Nada d'essas altissimas Espheras,
Nem da terrestre aos olhos encobrindo;
Agora um curso e outro consideras,
Agora a vaidade dos mortaes,
Que tu tambem passáras se viveras,
....

ELEGIA XI

Se quando contemplamos as secretas
Causas, por que este mundo se sustenta,
E o revolver dos Ceos, e dos Planetas;
E se quando á memoria se presenta
Este curso do Sol tão bem medido,
Que um ponto só não míngua, nem se augmenta;
Aquelle effeito, tarde conhecido,
Da Lua na mudança tão constante,
Que minguar e crescer é seu partido;
Aquella natureza tão possante
Dos Ceos, que tão conformes e contrarios
Caminham, sem parar um breve instante;
Aquelles movimentos ordinarios,
A que responde o tempo, que não mente,
Co'os effeitos da terra necessarios;
Se quando, emfim, revolve subtilmente
Tantas cousas a leve phantasia,
Sagaz escrutadora e diligente;
Bem vê, se da razão se não desvia,
Aquelle unico Ser, alto e divino,
Que tudo póde, manda, move, e cria.
Sem fim e sem principio, um Ser contino;
Um Padre grande, a quem tudo é possibil,
Por mais que o difficulte humano atino:
Um saber infinito, incomprehensibil;

Uma verdade que nas cousas anda,
Que mora no visibil e invisibil.
  Esta potencia, emfim, que tudo manda,
Esta Causa das causas, revestida
Foi d'esta nossa carne miseranda.
  Do amor e da justiça compellida,
Por os erros da gente, em mãos da gente
(Como se Deos não fosse) deixa a vida.
  Oh Christão descuidado e negligente!
Pondera-o com discurso repousado;
E ver-te-has advertido facilmente.
  Olha aquelle Deos alto e increado,
Senhor das cousas todas, que fundou
O ceo, a terra, o fogo, o mar irado;
  Não do confuso chaos, como cuidou
A falsa Theologia, o povo escuro,
Que nesta só verdade tanto errou;
  Não dos atomos leves d'Epicuro;
Não do fundo Oceano, como Thales,
Mas só do pensamento casto e puro.
  Olha, animal humano, quanto vales,
Pois este immenso Deos por ti padece
Novo estylo de morte, novos males.
  Olha que o Sol no Olympo se escurece,
Não por opposição de outro planeta;
Mas só porque virtude lhe fallece.
  Não vês que a grande machina inquieta
Do mundo se desfaz toda em tristeza,
E não por causa natural secreta?
  Não vês como se perde a natureza?
O ar se turba? o mar batendo geme,

Desfazendo das pedras a dureza?
  Não vês que cahe o monte, a terra treme?
E que lá na remota e grande Athenas
O docto Areopagita exclama e teme?
  Oh summo Deos! tu mesmo te condemnas,
Por o mal em que eu só sou culpado,
A tamanhas affrontas, tantas penas?
  Por mi, Senhor, no Mundo reputado
Por falso, e violador da sacra Lei?
A fama a ti se põe do meu peccado?
  Eu, Senhor, sou ladrão, tu justo Rei.
Pois como entre ladrões eu não padeço?
A pena a ti se dá do que eu errei?
  Eu servo sem valor, tu immenso preço,
Em preço vil te pões, por me tirares
Do captiveiro eterno que mereço?
  Eu por perder-te, e tu por me ganhares
Te dás aos soltos homens, que te vendem,
Só para os homens presos resgatares?
  A ti, que as almas sóltas, a ti prendem?
A ti summo Juiz, ante Juizes
Te accusam por o error dos que te offendem?
  Chamam-te malfeitor; não contradizes:
Sendo tu dos Prophetas a certeza,
Dizem que quem te fere prophetizes.
  Riem-se de ti; tu choras a crueza
Que sobre elles virá: a gente dura.
Por quem tu vens ao Mundo, te despreza.
  O teu rosto, de cuja formosura
Se veste o ceo e o Sol resplandecente,
Diante quem pasmada está a Natura,

Com cruas bofetadas da vil gente,
De precioso sangue está banhado,
Cuspido, atropellado cruelmente.
Aquelle corpo tenro e delicado,
Sobre todos os Santos sacrosanto,
A açoutes rigorosos desangrado;
Despois coberto mal d'um pobre manto,
Que se pegava ás carnes magoadas
Para dobrar-lhe as dores outro tanto.
Magoavam-n'o as chagas não curadas,
Um tormento causando-lhe excessivo
Ao despir por as mãos crueis e iradas.
As venerandas barbas de Deos vivo
De resplendor ornadas, se arrancavam
Para desempenhar a Adão captivo.
Com cordas por as ruas o levavam,
Levando sobre os hombros o trophéo
Da victoria que as almas alcançavam.
Ó tu, que passas, homem Cyrenêo,
Ajuda um pouco a este Homem verdadeiro,
Que agora, como humano, enfraqueceu.
Olha que o corpo afflicto do marteiro,
E dos longos jejuns debilitado,
Não póde já co'o peso do madeiro.
Oh não enfraqueçais, Deos incarnado!
Essas quédas, que tanto vos magoam,
Supportae Cavalleiro sublimado.
Aquellas altas vozes, que lá soam,
Dos Padres são, que o Limbo tem escuro,
E já de louro e palma vos coroam.
Todos vos bradam que subais o muro

Da cidade infernal, e que arvoreis
Em cima essa bandeira mui seguro.
  Oh Santos Padres! não vos apresseis;
Pois muito mais a Deos, que a vós, custaram
Essas duras prisões em que jazeis.
  Aquellas mãos que o Mundo edificaram,
Aquelles pés que pisam as estrellas,
Com durissimos pregos se encravaram.
  Mas qual será o humano que as querelas
Da angustiada Virgem contemplasse,
Sem se mover a dor e mágoa d'ellas?
  E que dos olhos seus não distillasse
Tanta copia de lagrimas ardentes,
Que carreiras no rosto sinalasse?
  Oh quem lhe vira os olhos refulgentes
Convertendo-se em fontes, e regando
Aquellas faces bellas e excellentes!
  Quem a ouvíra com vozes ir tocando
As estrellas, a quem responde o Ceo,
Co'os accentos dos Anjos retumbando!
  Quem víra quando o puro rosto ergueu
A ver o Filho, que na Cruz pendia,
Donde a nossa saude descendeu!
  Que mágoas tão chorosas que diria!
Que palavras tão miseras e tristes
Para o Ceo, para a gente espalharia!
  Pois que seria, Virgem, quando vistes
Com fel nojoso, e com vinagre amaro
Matar a sêde ao Filho que paristes?
  Não era este o licor suave e claro,
Que para o confortar então darieis

A quem vos era, mais que a vida, charo.
  Como, Virgem Senhora, não corrieis
A dar as puras tetas ao Cordeiro,
Que padecer na Cruz com sêde vieis?
  Não era só, não, esse o verdadeiro
Póto, que vosso Filho desejava,
Morrendo por o Mundo em um madeiro;
  Mas era a salvação que alli ganhava
Para o misero Adão, que alli bebia
Na fonte que do peito lhe manava.
  Pois, ó pura e Sanctissima Maria,
Que, emfim, sentistes esta mágoa quanto
A grave causa d'ella o requeria;
  De essa Fonte sagrada, e peito santo,
Me alcançae uma gotta, com que lave
A culpa que me aggrava, e pésa tanto.
  Do licor salutifero, e suave,
Me abrangei, com que mate a sêde dura
D'este Mundo tão cego, torpe, e grave.
  Assi, Senhora, toda creatura
Que vive, e vivirá, e que não conhece
A Lei de vosso Filho a abrace pura;
  O falsissimo herege, que carece
Da graça, e com damnado, e falso esprito
Perturba a Sancta Igreja, que florece;
  O povo pertinaz no antiguo rito,
Que só o desterro seu, que tanto dura,
Lhe diz que é pena igual ao seu delicto;
  O torpe Ismaelita, que mistura
As Leis, e com preceitos tão viciosos
Na terra estende a seita falsa, e impura;

Os idolatras máos, supersticiosos.
Varios de opiniões, e de costumes,
Levados de conceitos fabulosos;
As mais remotas gentes onde o lume
Da nossa Fé não chega, nem que tenham
Religião alguma se presume;
Assi todos, emfim, Senhora, venham
A confessar um Deos crucificado,
E por nenhum respeito se detenham.
E de um, e de outro o vicio já deixado,
O seu Nome, co'o vosso neste dia,
Seja por todo o Mundo celebrado:
E respondam os Ceos: Jesus, Maria.

ELEGIA XX

Sáiam d'esta alma triste, e magoada,
Palavras magoadas de tristeza,
E seja ao Mundo a causa declarada.
Sáia do peito a voz, com que a graveza
Subjuga, doma, e as gentes move tanto,
Por mais, e mais que tenham de dureza.
E vós, meus olhos tristes, entretanto
Em lagrimas esta alma derretida
Chorae, que amargo choro é o meu canto.
Quanto de mi a causa foi sentida,
Seja de vós chorada, e juntamente

*

Choremos uma morte, e uma vida.
  A bondade choremos innocente,
Cortada em flor, que pela acerba morte
Nos foi arrebatada dentre a gente;
  E aquella immensa dor, e dura sorte
Da magoada mãi, cuja alma triste
Tambem cortada foi co'o agudo córte.
  Ó espirito gentil, que ao Ceo subiste;
Porque engeitaste a minba companhia,
E acompanhar-te eu não consentiste?
  Este é o canto heroico, e de alegria,
Que já em teu louvor apparelhava.
Como o tornou a morte em Elegia?
  Esta é a esperança que nos dava
De ti, tua tenra, e alegre mocidade,
De quem tão grandes cousas se esperava?
  O Hymeneo, que em mais perfeita idade
Com honras mil te andava apparelhando
A mãi, de quem não houveste piedade?
  Que agora, como Hecuba, anda bramando,
Buscando em vão a casa em toda a parte,
Amado filho meu, por ti bradando.
  Quem me vedou os olhos teus cerrar-te,
Que em tão amarga, e triste despedida
Pudera esta alma minha acompanhar-te?
  Quem te privou da chara, e doce vida,
Meu filho tão formoso, e mal logrado?
Dous corações passou uma ferida.
  Em terra de desterro, ai filho amado,
Deixando-me em ti desamparada,
Quizeste ser de estranhos sepultado.

Se ias para fazer tão grão jornada,
Não leváras em tua companhia
Esta misera mãi desconsolada?
Quiçá que algum soccorro te seria;
Que vendo vir a espada em alto erguida
Filho, com um grito meu te avisaria.
Ou recebêra o golpe nesta vida,
Mettendo-me no meio, e tu vivêras;
Fartára de meu sangue esse homicida.
Ai filho, meu amor, que tu só eras
Quem com tua vida alegre algum descanso
A meu viver cansado dar puderas!
E tu serás tambem quem manso a manso
Me acabarás a vida que eu queria
Sem ti ver acabada de um só lanço.
E vós tambem, mulheres, que soffrestes,
Ajudae-me a chorar, porque em mal tanto
Não satisfazem só meus olhos tristes.
Assi com grave dor de canto a canto
Até nos corações de mór dureza
Soa uma voz confusa, um amargo pranto.
Ó tu, honra, e primor da natureza,
Illustre, e formosissima Maria;
Não trates mal, Senhora, tal belleza.
Pois só custodia és, donde alegria
Defuncta, e tal chorada em dia amargo
Resurgirá em outro alegre dia.
Que a ti deu o movedor do Mundo o cargo
De alegrares a mãe chorosa, e triste,
Que alegre vivirá por tempo largo.
Postoque a dor do irmão muito sentiste,

Não destruas as lindas tranças bellas,
Pois o remedio nisso não consiste.
  Não trates mal as minhas estrellas
Dos olhos teus, com lagrimas ardentes,
Pois tem mais resplendor que todas ellas.
  Não offendas as faces refulgentes,
Obra de Deus, com mão despiedosa,
Da patria honra, se louvor das gentes.
  Mas vae com doce voz, branda, e amorosa,
Consola a triste mãe, desconsolada,
Com tua vista alegre, e tão formosa.
  Promette-lhe, que em si resuscitada
Verá sua alegria já perdida,
De todos tão sentida, e tão chorada.
  Pois teu remedio está só em sua vida,
Que haja de ti materna piedade,
Não dê tanto logar á dor crescida.
  Bem se permitte á fraca humanidade
Por filho tal, e tanto tempo ausente,
Um moderado pranto, uma saudade.
  Mas tão continua dor, que espante a gente,
E põe em tal extremo a vida amada,
Nem Mundo o quer, nem Deus não o consente.
  Não foi a morte de Heitor sempre chorada
Da triste mãi, que além de filho amado,
Era por elle só Troia amparada.
  Mas já despois de morto, e arrastado
Com Grego applauso, vozes, e alarido,
O corpo houve ás mãos desconjunctado.
  Perdida a côr, o collo recahido,
Não parecia Heitor, que d'antes era,

De pó, de sangue, e de suor tingido.
  Com seus olhos lavou-lhe a chaga fera,
Com suas mãos o rosto lhe alimpava,
Sem alma, e sangue, já de côr de cera.
  Mas vendo, emfim, quão pouco aproveitava
Seu choro, e nem por mais que em vão bradando
Chamava Heitor, Heitor resuscitava.
  De lagrimas os olhos enxugando,
Desenganada já do filho amado,
Se foi co' amada filha consolando.
  Nem sempre o fero Achilles foi chorado
De Tethys sua mãi, do branco coro,
Principe Grego tão assignalado.
  Tambem pagou á morte o antigo foro,
E á deusa não valeu ser prevenida,
Nem suspiros valeram, nem seu choro.
  Tambem a este acabou mortal ferida,
Sendo meio immortal, e filho amado
Da deusa de Nereo tão querida.
  Nas aguas de Acheronte foi banhado,
Porque em batalhas, como o fero Marte,
Do ferro não pudesse ser cortado.
  Mas a agua não chegou áquella parte,
Que esquadrinhou a sétta aguda, e forte,
Que contra ella não val engenho, e arte.
  Choraram as Gregas gentes sua morte,
Os Phocas, e Delphins tambem choraram,
Chorou do grão Nereo toda a Côrte.
  Tantas lagrimas tristes derramaram,
Tanto chorou a mãe, que muito o amava,
Que o Xanto, e o Simois accrescentaram.

Mas vendo que o chorar não aproveitava,
E que era dor perdida, e desatino,
Os seus formosos olhos alimpava.
E com alegre rosto de ar benino
O Ceo, a terra, o mar, tudo alegrando,
E os Cidadãos do Reino crystallino;
Os seus verdes cabellos espalhando
Ao vento, de mil Nymphas rodeada,
Tornando a vista atraz de quando em quando;
De Pausilipe, e Oricia acompanhada,
De Doris, Menalipe, e de Melanto,
Se foi para Nereo consolada.
Deixae pois já, Senhora, o amargo pranto,
A pena, a dor, o mal, que tanto crece,
E dai logar ao meu inculto canto.
Com grão difficuldade se offerece
A grandes desventuras, taes como esta,
A dar-lhe iguaes palavras, quaes merece.
Portanto eu, Senhora, agora nesta
Não as hei de buscar por consolar-te,
Que aos tristes consolar só a razão presta.
Tambem serão perdidas nesta parte
Consolações, que em choro de amargura
Força não tem, por mais que tenham d'arte.
Se as lagrimas não vence a razão pura,
Fortuna sempre a outras accrescenta;
Guarde-te Deos de mór desventura.
Não digo, que a alma estê de mágoa isenta,
Porque humano é sentir, mas é fraqueza
Não soffrer o que Deus nos apresenta.
Não é este Mundo a nossa natureza;

Estrada si, por onde caminhamos,
Pretendendo chegar á summa Alteza.
  Neste caminho um passo estreito achamos;
Morte se chama, horrenda, e desabrida,
Divida que Adão fez, e nós pagamos.
  A todos é commum esta partida:
Quem morre, não morreu, partiu primeiro,
E o que ha depois da morte é eterna vida.
  Todo o animal que nasce está foreiro
A passar este passo estreito tanto.
Todos lá havemos de ir por derradeiro.
  Deixa, Senhora, deixa o amargo pranto,
Teu filho está no Ceo resplendecente,
Já entre os Cidadãos de Côro sancto.
  Nossas memorias tristes não as sente,
Já livre, e de theatro está olhando
Com olhos immortaes a immortal gente.
  Da visão beatifica gozando,
Sem medo, ou sobresalto de perdel-a
O Mundo e seus afagos desprezando.
  D'alli contempla de uma e de outra estrella,
Ou fixa e errante, o curso e movimento,
Tendo, sem se mover, os pés soboe ella.
  Veloz, qual o ligeiro pensamento,
Passa de polo a polo, e o Ceo conhece
Que seu caminho faz com passo lento.
  E porque o mar continuo mingua e crece,
Comprende, e a quinta essencia pura e neta,
E com que luz a Lua resplendece.
  Nem o espanta no ar qualquer cometa,
Os pontos sabe de um e de outro signo,

Por onde faz seu curso o grão Planeta.
  Um anjo novo tens, sancto e benino,
Vive, Senhora, alegre e consolada,
Que por ti roga ao Padre de contino.
  Ó alma pura em alto alevantada,
Que lá estás nesse Ceo luzente e claro,
D'esta mortal prisão já desatada.
  Ó Senhor meu Dom Tello, amigo charo
Que do terreno Sol, onde viveste
Te arrebatou sem tempo o tempo avaro.
  Se ao passar do Lethe não perdeste
A memoria de mim, que tanto te amo,
E por intimo amigo me tiveste,
  Com attenção escuta o meu reclamo,
Não desprezes de ouvir lá d'essa altura
A baixa e rouca voz, com que te chamo.
  Que quando concedido da ventura
Me for o que eu por ti agora peço,
Não borrará o teu nome a fama escura.
  Em tanto as baixas Rhythmas te offereço
Em penhor da vontade, e amor profundo,
Até cumprir o que ora aqui professo.
  Que então te cantará por todo o Mundo,
Com linguas mil a fama soberana,
E occupará teu nome sem segundo
  Do patrio Tejo além da Taprobana.

ECLOGAS

(ESCOLHIDAS)

ECLOGA I

INTERLOCUTORES

UMBRANO, FRONDELIO, AONIA

Que grande variedade vão fazendo,
Frondelio amigo, as horas apressadas!
Como se vão as cousas convertendo
Em outras cousas várias, e inesperadas!
Um dia a outro dia vai trazendo
Por suas mesmas horas já ordenadas:
Mas quão conformes são na quantidade,
Tão differentes são na calidade.

Eu vi já d'este campo as várias flores
Ás Estrellas do Ceo fazendo inveja:
Adornados andar vi os Pastores
De quanto pelo Mundo se deseja:
E vi co'o campo competir nas côres
Os trajes de obra tanta, e tão sobeja,
Que se a rica materia não faltava,
A obra de mais rica sobejava.

E vi perder seu preço ás brancas rosas,
E quasi escurecer-se o claro dia
Diante de umas mostras perigosas,
Que Venus mais que nunca engrandecia.
As Pastoras, emfim, vi tão formosas,

Que o amor de si mesmo se temia:
Mas mais temia o pensamento falto
De não ser para ter temor tão alto.
  Agora tudo está tão differente:
Que move os corações a grande espanto;
E parece que Jupiter potente
Se enfada já de o Mundo durar tanto.
O Tejo corre turvo, e descontente,
As aves deixam seu suave canto:
E o gado, inda que a herva lhe fallece,
Mais que da falta d'ella se emmagrece.

FRONDELIO

  Umbrano irmão, decreto é da natura,
Inviolavel, fixo, sempiterno,
Que a todo o bem succeda desventura,
E não haja prazer que seja eterno:
Ao claro dia segue a noite escura,
Ao suave Verão o duro Inverno;
E se ha cousa que saiba ter firmeza,
É sómente esta lei da natureza.
  Toda alegria grande, e sumptuosa,
A porta abrindo vem ao triste estado:
Se um'hora vejo alegre, e deleitosa,
Temendo a estou do mal apparelhado.
Não vês que mora a serpe venenosa
Entre as flores do fresco, e verde prado?
Ah não te engane algum contentamento,
Que mais estavel é que o pensamento!
  E praza a Deos que o triste, e duro fado

De tamanhos desastres se contente;
Que sempre um grande mal inopinado
É mais do que o espera a incauta gente.
Que vejo este carvalho que queimado
Tão gravemente foi do raio ardente.
Não seja ora prodigio que declare
Que o barbaro cultor meus campos are.

UMBRANO

Em quanto do seguro azambujeiro
Nos Pastores de Luso houver cajados,
Com o valor antiguo, que primeiro
Os fez no Mundo tão assignalados;
Não temas tu, Frondelio companheiro,
Que em algum tempo sejam sobjugados,
Nem que a cerviz indomita obedeça
A outro jogo qualquer que se lhe offreça.
E postoque a soberba se levante
De inimigos a torto, e a direito,
Não crêas tu que a força repugnante
Do fero, e nunca já vencido peito;
Que desde quem possue o monte Atlante,
Adonde bebe o Hydaspe tem sujeito,
O possa nunca ser de força alhêa,
Em quanto o Sol, a terra, e o Ceo rodêa.

FRONDELIO

Umbrano, a temeraria segurança
Que em força, ou em razão, não se assegura,

É falsa, e vã, que a grande confiança
Não é sempre ajudada da ventura.
Que lá junto das aras da esperança,
Nemesis moderada, justa, e dura,
Um freio lhe está pondo, e lei terribil,
Que os limites não passe de possibil.
E se attentares bem os grandes damnos
Que se nos vão mostrando cada dia,
Porás freio tambem a esses enganos
Que te está figurando a ousadia.
Tu não vês como os lobos Tingitanos,
Apartados de toda cobardia,
Matam os cães do gado guardadores,
E não sómente os cães, mas os Pastores?
Pois o grande curral, seguro, e forte,
Do alto monte Atlas não ouviste
Que com sanguinolenta, e fera morte,
Despovoado foi por caso triste?
Oh triste caso! Oh desastrada sorte!
Contra quem força humana não resiste!
Que alli tambem da vida foi privado
O meu Tionio, ainda em flor cortado!

UMBRANO

Em lagrimas me banha rosto, e peito,
De esse caso terrivel a memoria,
Quando vejo quão sabio, e quão perfeito,
E quão merecedor de longa historia
Era esse teu Pastor, que sem direito
Deu ás Parcas a vida transitoria:

Mas não ha hi quem de herva o gado farte,
Nem de juvenil sangue o fero Marte.

Porém, se te não for muito pesado,
(Já que esta triste morte me lembraste)
Canta-me d'esse caso desastrado
Aquelles brandos versos que cantaste,
Quando hontem, recolhendo o manso gado,
De nós outros Pastores te apartaste:
Que eu tambem que as ovelhas recolhia,
Não te podia ouvir como queria.

FRONDELIO

Como queres renove ao pensamento
Tamanho mal, tamanha desventura?
Porque espalhar suspiros vãos ao vento,
Para os que tristes são, é falsa cura.
Mas, pois, te move tanto o sentimento
Da morte de Tionio, triste, e escura,
Eu porei teu desejo em doce effeito,
Se a dor me não congela a voz no peito.

UMBRANO

Canta agora, Pastor, que o gado pace
Entre as humidas hervas socegado;
E lá nas altas serras onde nace
O sacro Tejo á sombra recostado,
Co'os seus olhos no chão, a mão na face,
Está para te ouvir apparelhado;
E com silencio triste estão as Nymphas.

Dos olhos distillando claras lymphas.
  O prado, as flores brancas, e vermelhas,
Está suavemente presentando:
As doces, e solicitas abelhas,
Com sussurro agradavel vão voando:
As candidas, pacificas ovelhas,
Das hervas esquecidas, inclinando
As cabeças estão ao som divino
Que faz passando o Tejo crystallino.
  O vento de entre as arvores respira,
Fazendo companhia ao claro rio:
Nas sombras a ave gárrula suspira,
Sua mágoa espalhando ao vento frio.
Toca, Frondelio, toca a doce lyra,
Que de aquelle verde álamo sombrio
A branda Philomela entristecida
Ao mais saudoso canto te convida.

FRONDELIO

  Aquelle dia as aguas não gostaram
As mimosas ovelhas; e os cordeiros
O campo encheram de amorosos gritos.
E não se penduraram dos salgueiros
As cabras, de tristeza; mas negaram
O pasto a si, e o leite aos cabritos.
Prodigios infinitos
Mostrava aquelle dia,
Quando a Parca queria
Principio dar ao fero caso triste.
E tu tambem (ó corvo) o descobriste,

Quando da mão direita em voz escura,
Voando, repetiste
A tyrannica lei da morte dura.
  Tionio meu, o Tejo crystallino,
E as arvores que já desamparaste
Choram o mal de tua ausencia eterna.
Não sei porque tão cedo nos deixaste!
Mas foi consentimento do Destino,
Por quem o mar e a terra se governa.
A noite sempiterna,
Que tu tão cedo viste
Cruel, acerba, e triste,
Sequer de tua idade não te dera
Que lográras a fresca Primavera?
Não usára comnosco tal crueza,
Que nem nos montes fera,
Nem pastor ha no campo sem tristeza.
  Os Faunos, certa guarda dos Pastores,
Já não seguem as Nymphas na espessura,
Nem as Nymphas aos cervos dão trabalho.
Tudo, qual vês, é cheio de tristura:
Ás abelhas o campo nega as flores,
Como ás flores a Aurora nega o orvalho.
Eu que cantando espalho
Tristezas todo o dia,
A frauta que soia
Mover as altas arvores tangendo,
Se me vai de tristeza enrouquecendo;
Que tudo vejo triste neste monte:
E tu tambem correndo
Manas involta, e triste, ó clara fonte.

*

As Tagides no rio, e na aspereza
Do monte as Orcadas, conhecendo
Quem te obrigou ao duro, e fero Marte;
Como em geral sentença vão dizendo,
Que não póde no Mundo haver tristeza
Em cuja causa amor não tenha parte.
Porque elle, emfim, d'esta arte,
Nos olhos saudosos,
Nos passos vagarosos,
E no rosto que amor com phantasia
Da pallida viola lhe tingia,
A todos de si dava signal certo
Do fogo que trazia.
Que nunca soube amor ser encoberto.
Já diante dos olhos lhe voavam
Imagens, e phantasticas pinturas,
Exercicios do falso pensamento.
Já por as solitarias espessuras,
Entre os penedos sós, que não fallavam,
Fallava, e descobria seu tormento.
Em longo esquecimento
De si todo embebido,
Andava tão perdido,
Que quando algum Pastor lhe perguntava
A causa da tristeza que mostrava;
Como quem para penas só vivia,
Sorrindo, lhe tornava:
Se não vivesse triste, morreria.
Mas como este tormento o signalou,
E tanto no seu rosto se mostrasse,
Entendendo-o já bem o Pae sisudo,

Porque do pensamento lh'o tirasse,
Longe da causa d'elle o apartou,
Porque, emfim, longa ausencia acaba tudo.
Oh falso Marte rudo,
Das vidas cobiçoso!
Que donde o generoso
Peito resuscitava em tanta gloria
De seus Antecessores a memoria,
Alli, fero e cruel, lhe destruiste,
Por injusta victoria,
Primeiro que o cuidado, a vida triste.
  Parece-me, Tionio, que te vejo,
Por tingires a lança cobiçoso
Naquelle infido sangue Mauritano,
No Hispanico ginete bellicoso,
Que ardendo tambem vinha no desejo
De atropellar por terra ao Tingitano.
Oh confiado engano!
Oh encurtada vida!
Que a virtude opprimida
Da multidão forçosa do inimigo
Não póde defender-se do perigo:
Porque assi o Destino o permittiu;
E assi levou comsigo
O mais gentil Pastor que o Tejo viu.
  Qual mancebo Euryalo enredado
Entre o poder dos Rutulos, fartando
As iras da soberba, e dura guerra,
Do crystallino rosto a côr mudando,
Cujo purpureo sangue derramado
Por as alvas espaldas tinge a serra;

Que como flor, que a terra
Lhe nega o mantimento,
Porque o tempo avarento
Tambem o largo humor lhe tem negado,
O collo inclina languido, e cansado;
Tal te pinto, ó Tionio, dando o esprito
A quem t'o tinha dado;
Que este é sómente eterno, e infinito.
Da congelada bocca a alma pura,
Co'o nome juntamente da inimiga
E excellente Marfida derramava.
E tu, gentil Senhora, não te obriga
A pranto sempiterno a morte dura
De quem por ti sómente a vida amava?
Por ti aos ecos dava
Accentos numerosos:
Por ti aos bellicosos
Exercicios se deu do fero Marte.
E tu, ingrata, o amor já noutra parte
Porás, como acontece ao fraco intento:
Que, emfim, emfim, d'esta arte
Se muda o feminino pensamento.
Pastores d'este valle ameno, e frio,
Que de Tionio o caso desastrado
Quereis nas altas serras que se conte;
Um Tumulo, de flores adornado
Lhe edificae ao longo d'este rio,
Que a véla enfrêe ao duro navegante:
E o lasso caminhante,
Vendo tamanha mágoa,
Arraze os olhos de agua,

Lendo na pedra dura o verso escrito,
Que diga assi: *Memoria sou, que grito*
Para dar testimunho em toda parte
Do mais gentil Esprito
Que tiraram do Mundo Amor, e Marte.

UMBRANO

Qual o quieto somno aos cansados
Debaixo de algum'arvore sombria;
Ou qual aos sequiosos encalmados
O vento respirante, e a fonte fria;
Taes me foram teus versos delicados,
Teu numeroso canto, e melodia:
E ainda agora o tom suave, e brando,
Os ouvidos me fica adormentando.
Em quanto os peixes humidos tiverem
As areosas covas d'este rio,
E correndo estas aguas conhecerem
Do largo mar o antiguo Senhorio;
E em quanto estas hervinhas pasto derem
Ás petulantes cabras, eu te fio
Que em virtude dos versos que cantaste
Sempre viva o Pastor que tanto amaste.
Mas já que pouco a pouco o Sol nos falta,
E dos montes as sombras se accrescentam,
De flores mil o claro Ceo se esmalta,
Que tão ledas aos olhos se presentam;
Levemos por o pé d'esta serra alta
Os gados, que já agora se contentam
Do que comido têm, Frondelio amigo:
Anda, que até o outeiro irei comtigo.

FRONDELIO

Antes por este valle, amigo Umbrano,
Se te aprouver, levemos as ovelhas:
Porque se eu por acerto não me engano,
De lá me sôa um eco nas orelhas.
O doce accento não parece humano:
E, se em contrario tu não me aconselhas,
Eu quero descobrir que cousa seja;
Que o tom me espanta, e a voz me faz inveja.

UMBRANO

Comtigo vou, que quanto mais me chego,
Mais gentil me parece a voz que ouviste;
Peregrina, excellente; e não te nego
Que me faz cá no peito a alma triste.
Vês como tem os ventos em socego?
Nenhum rumor da serra lhe resiste:
Nenhum passaro vôa, mas parece
Que do canto vencido lhe obedece.
Porém, irmão, melhor me parecia
Que não fossemos lá, que estorvaremos:
Mas subidos nesta arvore sombria,
Todo o valle de aqui descobriremos.
Os çurrões, e cajados, todavia,
Neste comprido tronco penduremos:
Para subir fica homem mais ligeiro.
Deixa-me tu, Frondelio, ir primeiro.

FRONDELIO

Espera assi, dar-te-hei de pé, se queres?
Subirás sem trabalho, e sem ruido;
E depois que subido lá estiveres,
Dar-me-has a mão de cima, que é partido.
Mas primeiro me dize, se o pudéres
Ver, donde nasce o canto nunca ouvido;
Quem lança o doce accento delicado.
Falla; que já te vejo estar pasmado.

UMBRANO

Cousas não costumadas na espessura,
Que nunca vi, Frondelio, vejo agora.
Formosas Nymphas vejo na verdura,
Cujo divino gesto o Ceo namora.
Uma de desusada formosura,
Que das outras parece ser Senhora,
Sobre um triste sepulchro, não cessando,
Está perlas dos olhos distillando.
De todas estas altas semidéas,
Que em torno estão do corpo sepultado,
Umas, regando as humidas arêas,
De flores tem o Tumulo adornado:
Outras, queimando lagrimas Sabéas,
Enchem o ar de cheiro sublimado:
Outras em ricos pannos, mais avante,
Envolvem brandamente um novo infante.
Uma, que de entre as outras se apartou,
Com gritos, que a montanha entristeceram,

Diz, que despois que a morte a flor cortou,
Que as estrellas sómente mereceram;
Este penhor carissimo ficou
De aquelle, a cujo imperio obedeceram
Douro, Mondego, Tejo, e Guadiana,
Até o remoto mar da Taprobana.
  Diz mais, que se encontrar este menino
A noite intempestiva, amanhecendo,
O Tejo agora claro, e crystallino,
Tornará a fera Alecto em vulto horrendo:
Mas que, a ser conservado do Destino,
As benignas estrellas promettendo
Lhe estão o largo pasto de Ampelusa,
Co'o monte, em que máo ponto viu Medusa.
  Este prodigio grande Nympha bella
Com abundantes lagrimas recita.
Porém, qual a eclipsada clara estrella,
Que entre as outras o Ceo primeiro habita,
Tal coberta de negro vejo aquella,
A quem só na alma toca grão desdita.
Dá cá, Frondelio, a mão; e sobe a ver
Tudo o mais que eu de dor não sei dizer.

FRONDELIO

  Oh triste morte, esquiva, e mal olhada,
Que a tantas formosuras injurias!
Áquella deusa bella, e delicada,
Sequer algum respeito ter devias.
Esta é, por certo, Aonia filha amada
De aquelle grão Pastor, que em nossos dias

Danubio enfrêa; manda o claro Ibero;
E espanta o morador do Euxino fero.
Morreu-nos o excellente, e poderoso,
(Que a isto está sujeita a vida humana)
Doce Aonio, de Aonia caro Esposo.
Ah lei dos fados, aspera, e tyranna!
Mas o som peregrino, e piedoso,
Com que a formosa Nympha a dor engana,
Escuta um pouco. Nota, e vê, Umbrano,
Quão bem que sôa o verso Castelhano.

AONIA

Alma, y primero amor del alma mia,
Espiritu dichoso, en cuya vida
La mia estuvo en quanto Dios queria!
Sombra gentil de su prision salida,
Que del Mundo a la Patria te bolviste,
Donde fuiste engendrada, y procedida!
Recibe allá este sacrificio triste,
Que te offerecen los ojos que te vieron,
Si la memoria dellos no perdiste.
Que pues los altos Cielos permitieron,
Que no te acompañasse en tal jornada,
Y para ornarse solo a ti quisieron;
Nunca permitirán, que acompañada
De mi no sea esta memoria tuya,
Que está de tus despojos adornada.
Ni dexáran, por más que el tiempo huya
De estar en mi com sempiterno llanto,
Asta que vida y alma se destruya.

Mas tu, gentil Espiritu, entretanto
Que outros campos y flores vás pisando,
Y otras zampoñas oyes, y outro canto:
Agora embevecido estés mirando
Allá en el Empyreo aquella Idea,
Que el Mundo enfrena, y rige con su mando:
Agora te possuya Citheréa
En el tercero assiento, o porque amaste,
O porque nueva amante allá te sea:
Agora el Sol te admire, si miraste
Como vá por los Signos encendido,
Las tierras alumbrando, que dexaste:
Si en ver estos milagros no has perdido
La memoria de mi, o fue en tu mano
No passar por las aguas del olvido:
Buelve un poco los ojos a este llano,
Verás una, que a ti con triste lloro
Sobre este marmol sordo llama en vano.
Pero si entraren en los Signos de oro,
Lagrimas, y gemidos amorosos,
Que muevan el supremo y santo Coro;
La lumbre de tus ojos tan hermosos
Yo la veré muy presto; y podré verte.
Que a pesar de los hados enojosos
Tambien para los tristes ubo muerte.

ECLOGA II

INTERLOCUTORES

ALMENO, E AGRARIO

Ao longo do sereno
Tejo, suave, e brando,
Num valle de altas arvores sombrio,
Estava o triste Almeno,
Suspiros espalhando
Ao vento, e doces lagrimas ao rio.
No derradeiro fio
O tinha a esperança,
Que com doces enganos
Lhe sustentára a vida tantos annos
Numa amorosa, e branda confiança.
Que quem tanto queria,
Parece, que não erra, se confia.
A noite escura dava
Repouso aos cansados
Animaes esquecidos da verdura;
O valle triste estava
Co'uns ramos carregados,
Que inda a noite faziam mais escura.
Offrecia a espessura
Um temeroso espanto:
As roucas rãs soavam

Num charco de agua negra, e ajudavam
Do passaro nocturno o triste canto;
O Tejo com som grave
Corria mais medonho que suave.
  Como toda a tristeza
No silencio consiste,
Parecia que o valle estava mudo;
E com esta graveza
Estava tudo triste,
Porém o triste Almeno mais que tudo:
Tomando por escudo
De sua doce pena,
Para poder soffrel-a,
Estar imaginando a causa d'ella:
Que em tanto mal é cura bem pequena:
Maior o é o tormento,
Que toma por allivio um pensamento.
  Ao rio se queixava
Com lagrimas em fio,
Com que as ondas cresciam outro tanto:
Seu doce canto dava
Tristes aguas ao rio,
E o rio triste som ao doce canto.
Ao sonoroso pranto,
Que as aguas enfreava,
Responde o valle umbroso:
De tanta voz o accento temeroso
Na outra parte do rio retumbava,
Quando da phantasia
O silencio rompendo, assi dizia:

....

Por ti o alegre prado
Me é penoso, e duro,
Abrolhos me parecem suas flores:
Por ti do manso gado,
Como de mi, não curo
Por não fazer offensa a teus amores.
Os jogos dos Pastores,
As lutas entre a rama,
Nada me faz contente:
E sou já do que fui tanto differente,
Que quando por meu nome alguem me chama,
Pasmo, porque conheço,
Que inda comigo proprio me pareço.
O gado, que apascento,
São na alma os meus cuidados;
As flores, que no campo sempre vejo,
São no meu pensamento
Teus olhos debuxados,
Com que estou enganando o meu desejo.
Do frio, e doce Tejo
As aguas se tornam
Ardentes, e salgadas,
Despois que minhas lagrimas cansadas
Com seu puro licor se misturaram;
Como quando mistura
Hyppanis co'o Exampéo sua agua pura.
Se ahi no Mundo houvesse
Ouvires-me algum'hora,
Assentados na praia d'este rio;
E de arte te dissesse
O mal, que passo agora,

Que podesse mover-te o peito frio.
Oh quanto desvario,
Que estou imaginando!
Já agora meu tormento
Não póde pedir mais ao pensamento,
Que este phantasiar, donde penando
A vida me reserva.
Querer mais de meu mal será soberba.
  Já a esmaltada Aurora
Descobre o negro manto
Da sombra, que as montanhas encobria.
Descansa, frauta, agora,
Pois meu escuro canto
Não merece que veja o claro dia.
Não canse a phantasia
De estar em si pintando
O gesto delicado,
Em quanto traz ao pasto o manso gado
Esse Pastor, que lá só vem fallando.
Callar-me-hei sómente;
Que o meu mal nem ouvir se me consente.

AGRARIO

  Formosa manhã clara, e deleitosa,
Que como fresca rosa na verdura
Te mostras bella, e pura, marchetando
As Nymphas, espalhando seus cabellos
Nos verdes montes bellos; tu só fazes,
Quando a sombra desfazes triste, e escura,
Formosa a espessura, e a clara fonte,

Formoso o alto monte, e o rochedo,
Formoso o arvoredo, e deleitoso,
E, emfim tudo formoso co'o teu rosto,
De ouro, e rosas composto, e claridade,
Trazes a saudade ao pensamento,
Mostrando em um momento o rôxo dia,
Com a doce harmonia nos cantares
Dos passaros a pares, que voando
Seu pasto andam buscando nos raminhos,
Para os amados ninhos que mantêm.
Oh grande, e summo bem da natureza!
Estranha subtileza de pintora,
Que matiza em um'hora, de mil côres,
O Ceo, a terra, as flores, monte, e prado!
Oh tempo já passado! Quão presente
Te vejo abertamente na vontade!
Quão grande saudade tenho agora
Do tempo que a Pastora minha amava,
E de quanto prezava a minha dor!
Então tinha o amor maior poder,
Quando em um só querer nos igualava:
Porque quando um amava a quem queria,
Logo echo respondia de affeição
No brando coração da doce imiga.
Nesta amorosa liga concertavam
Os tempos, que passavam com prazeres.
Mostrava a flava Ceres por as eiras
Das brancas sementeiras lêdo fruto,
Pagando seu tributo aos Lavradores:
E enchia aos Pastores todo o prado
Pales do manso gado guardadora:

Iam Zéphiro, e Flora passeando,
Os campos esmaltando de boninas.
Nas fontes crystallinas triste estava
Narciso, que inda olhava na agua pura
Sua linda figura, e delicada:
Mas Echo namorada de tal gesto,
Com pranto manifesto, seu tormento
No derradeiro accento lamentava.
Alli tambem se achava o sangue tinto
Do purpureo jacintho; e o destroço
De Adonis bello moço; morte fea
Da bella Cytheréa tão chorada;
Toda a terra esmaltada d'estas rosas.
Iam Nymphas formosas por os prados;
E os Faunos namorados apoz ellas,
Mostrando-lhes capellas de mil côres,
Ornadas das flores que colhiam:
As Nymphas lhe fugiam espantadas,
As faldas levantadas por os montes.
Via-se a agua das fontes espalhar-se;
Verumno transformar-se alli se via;
Pomona, que trazia os doces fruitos:
Alli Pastores muitos, que tangiam
Gaitas, que bem se ouviam, e cantando
Estavam enganando as suas penas,
Tomando das Sirenas o exercicio.
Ouvia-se Salicio lamentar-se;
Da mudança quaivar-se crua, e feia,
Da dura Galathéa, tão formosa:
E da morte invejosa Nemoroso
Ao monte cavernoso se querela,

Que a sua Elisa bella em pouco espaço
Cortou inda em agraço. Ah dura sorte!
Oh immatura morte, que a ninguem
De quantos vida têm já mais perdoas!
Mas tu, tempo, que voas apressado,
Um deleitoso estado quão asinha
Nesta vida mesquinha transfiguras
Em mil desaventuras, e a lembrança
Nos deixas por herança do que levas!
Assi que se nos cevas com prazeres,
É para nos comeres no melhor.
Cada vez em peor te vás mudando
Quanto vens inventando, que hoje approvas,
Logo ámanhã reprovas com instancia.
Oh perversa inconstancia, e tão profana,
De toda cousa humana, inferior,
A quem o cego error sempre anda annexo!
Mas eu de que me queixo? Ou eu que digo?
Vive o tempo comigo? Ou elle tem
Culpa no mal que vem da cega gente?
Por ventura elle sente, ou elle entende
Aquillo que defende o ser divino?
Elle usa de contino seu officio,
Que já por exercicio lhe é devido:
Dá-nos fructo colhido na sazão
Do formoso Verão; e no Inverno;
Com seu humor eterno congelado
Do vapor levantado co'a quentura
Do Sol, a terra dura lhe dá alento,
Para que o mantimento produzindo
Estê sempre cumprindo seu costume:

*

Assi que não consume de si nada,
Nem muda da passada vida um dedo:
Antes sempre está quedo no devido,
Porque este é seu partido, e sua usança;
E nelle esta mudança é mais firmeza.
Mas quem a Lei despreza, e pouco estima,
De quem de lá de cima está movendo
O Ceo sublime, e horrendo, o Mundo puro,
Este muda o seguro, e firme estado
Do tempo não mudado da verdade.
Não foi naquella idade de ouro claro;
O firme tempo charo, e excellente?
Vivia então a gente moderada;
Sem ser a terra arada dava pão;
Sem ser cavado o chão as fructas dava;
Nem aguas desejava, nem quentura;
Suppria então natura o necessario.
Pois quem foi tão contrário a esta vida?
Saturno, que perdida a luz serena,
Causou, que em dura pena desterrado,
Fosse do Ceo lançado, onde vivia;
Porque os filhos comia, que gerava.
Por isso se mudava o tempo igual
Em mais baixo metal: e assi descendo
Nos veio, emfim, trazendo a este estado.
Mas eu, desatinado, aonde vou?
Para onde me levou a phantasia,
Que estou gastando o dia em vãs palavras?
Quero ora minhas cabras ir levando
Ao Tejo claro, e brando; porque achar
No Mundo que emendar, não é de agora.

Basta que a vida fóra d'elle tenho;
Com meu gado me avenho, e estou contente.
Porém, se me não mente a vista, eu vejo
Nesta praia do Tejo estar deitado
Almeno, que elevado em pensamentos,
As horas, e os momentos vai gastando:
Vou-me a elle chegando, só por ver
Se poderei fazer, que o mal que sente,
Um pouco se lhe ausente da memoria.
. . . .

ECLOGA VII

INTERLOCUTORES

SATYRO I, SATYRO II

As doces cantilenas, que cantavam
Os semicapros deoses, amadores
Das Napéas, que os montes habitavam;
Cantando escreverei: que se os amores
A sylvestres deidades maltrataram,
Já ficam desculpados os Pastores.
Vós, Senhor D. Antonio, em quem acharam
O claro Apollo, e Marte, um ser perfeito,
E suas altas mentes assignaram;
Se o meu engenho é rudo, ou imperfeito,
Bem sabe onde se salva, pois pretende

Levantar com a causa o baixo effeito.
  Em vós minha fraqueza se defende;
Em vós instilla a fonte do Pegáso,
O que o meu canto por o Mundo estende.
  Vêdes que as altas Musas do Parnaso
Cantando vos estão na doce lyra,
Tomando-me das mãos tão alto caso.
  Vêdes o louro Apollo, que me tira
De louvar vossa estirpe, e escurece,
O que a vosso louvor meu canto aspira.
  Ou por me haver inveja me fallece,
Ou por não ver soar na frauta ruda,
O que a sonora cithara merece.
  Pois sei dizer, Senhor, que a lingua muda,
Em quanto Progne triste o sentimento
Da corrompida irmã co'o pranto ajuda;
  E em quanto a Galatéa ao manso vento
Solta os cabellos louros da cabeça,
E Tityro nas sombras faz assento,
  E em quanto flor aos campos não falleça,
(Se não recebeis isto por affronta)
Fará que o Douro, e o Ganges vos conheça.
  E já que a lingua nisto fica pronta,
Consenti que a minha Ecloga se conte,
Em quanto Apollo as vossas cousas conta.
  No cume do Parnaso, duro monte,
De sylvestre arvoredo rodeado,
Nasce uma crystallina, e clara fonte,
  Donde um manso Ribeiro derivado,
Por cima de alvas pedras mansamente
Vai correndo suave, e socegado.

O murmurar das ondas, excellente,
Os passaros incita, que cantando
Fazem o verde monte mais contente.
Tão claras vão as aguas caminhando,
Que no fundo as pedrinhas delicadas
Se podem, uma e uma estar contando.
Não se verão em de redor pizadas
De fera, ou de Pastor, que alli chegasse,
Porque do espesso monte são vedadas.
Herva se não verá, que alli criasse
O monte ameno, triste, ou venenosa,
Senão que lá no centro as igualasse.
O rôxo lirio a par da branca rosa,
A cecem pura, a flor que dos amantes
A côr tem magoada, e saudosa.
Alli se vêem os myrtos circumstantes,
Que a crystallina Venus encobriram,
Escondendo-a dos Faunos petulantes.
Hortelã, mangerona, alli respiram,
Onde nem frio Inverno, ou quente Estio,
As murcharam jámais, ou seccas viram.
D'esta arte vai seguindo o curso o rio,
O monte inhabitado, e o deserto,
Sempre com verdes arvores sombrio.
Aqui uma linda Nympha, por acerto
Perdida da fragueira companhia,
A quem este lugar era encoberto:
Cansada já da caça vindo um dia,
Quiz descansar á sombra da espessura,
E tirar nas mãos alvas, da agua fria.
A novidade vendo manifesta

Do sitio, e como as arvores co'o vento
As calmas defendiam da alta sésta,
  Das aves o lascivo movimento,
Que em seus módulos versos occupadas
As azas dão ao doce pensamento.
  Tendo notado tudo, já passadas
As horas da grão sésta, se tornou
A buscar as irmãs no centro amadas.
  Despois que largamente lhes contou
Do não visto legar, que perto estava,
E tanto por extremo a namorou;
  Que ao outro dia fossem, lhes rogava,
A lavar-se em aquella fonte amena,
Que tão formosas aguas distillava.
  Já tinha dado um gyro a luz serena
Do grão Pastor de Admèto, e já nascia
Aos ditosos amantes nova pena:
  Quando as formosas Nymphas em porfia
Para o logar do monte caminhavam,
Rompendo a manhã rôxa, alegre, e fria.
  De uma os louros cabellos se espalhavam
Por o formoso collo sem concerto,
E com mil nós suaves se enlaçavam.
  Outra levando o collo descoberto,
Por mais despejo em tranças os atára,
Havendo por pezado o desconcerto.
  Dinamene, e Ephire, a quem topára
Nuas Phebo em um rio, e encobriram
Seus delicados corpos na agua clara.
  Sirene, e Nise, que das mãos fugiram
Do Tégeo Pan; Amanta, e mais Elisa,

Destras nos arcos mais que quantas tiram.
  A linda Daliana, com Belisa,
Ambas vindas do Tejo; que como ellas
Nenhuma tão formosa as hervas pisa.
  Todas estas angelicas donzellas,
Por o viçoso monte alegres iam,
Quaes no Ceo largo as nitidas Estrellas.
  Mas dous sylvestres deoses, que traziam
O pensamento em duas occupado,
A quem de longe, mais que a si queriam:
  Não lhes ficava monte, valle, ou prado,
Nem arvore, por onde quer que andavam,
Que não soubesse d'elles seu cuidado.
  Quantas vezes os rios, que passavam,
Detiveram seu curso ouvindo os danos,
Que aos proprios duros montes magoavam!
  Quantas vezes amor de tantos annos
Abrandára qualquer vontade isenta,
Se em Nymphas corações houvesse humanos!
  Mas quem de seu cuidado se contenta,
Offereça de longe a paciencia,
Que amor de alegres mágoas se sustenta.
  Que o moço Idalio quiz nesta sciencia,
Que se compadecessem dous contrários
Diga-o quem tiver d'elle experiencia.
  Indo os deoses, emfim, por montes varios,
Exercitando os olhos saudosos,
Ao crystallino rio tributarios;
  Toparam dos pés alvos, e mimosos,
As pizadas na terra conhecidas,
As quaes foram seguindo pressurosos.

Mas encontrando as Nymphas, que despidas
Na clara fonte estavam, não cuidando
Que de alguem fossem vistas, ou sentidas;
Deixaram-se estar quedos, contemplando
As feições nunca vistas, de maneira,
Que vissem sem ser vistos, espreitando.
Porém a espessa mata mensageira
Da cilada dos dous, com o rugido
Dos raminhos de uma aspera aveleira,
Manifestando claro o escondido,
Todas uma alta grita levantaram,
Que o monte pareceu ser destruido.
Assi despidas logo se lançaram
Por a espessura tão ligeiramente,
Que mais que o proprio vento então voaram.
Qual o bando das pombas quando sente
A rapida aguia, cuja vista pura
Não obedece ao Sol resplendecente;
Empresta-lhe o temor da morte dura
Nas azas novo alento; e não parando,
Veloz rompendo o ar fugir procura:
D'esta arte as deosas timidas, deixando
De seu despojo os ramos carregados,
Nuas por entre as sylvas vão voando.
Mas os amantes já desesperados,
Que para as alcançar, emfim, se viam
Nada dos pés caprinos ajudados;
Com amorosos brados as seguiam.
Um só (que o outro ainda não tomava
Folego algum da pressa que traziam)
D'esta sorte sentido se queixava.

SATYRO PRIMEIRO

Ah Nymphas fugitivas,
Que só por não usar humanidade,
Os perigos dos matos não temeis!
Para que sois esquivas?
Que inda de nós não peço piedade,
Mas d'essas alvas carnes, que offendeis.
Ah Nymphas? Não vereis,
Que Eurydice fugindo d'essa sorte,
Fugiu do amante, e não da fera morte?
Tambem assi Eperie foi mordida
Da vibora escondida.
Olhai a serpe occulta na herva verde.
Quem o rigor não perde, perde a vida.
Que tigre, ou que leão,
Que peçonhenta fera venenosa,
Ou que inimigo, emfim, vos vai seguindo?
De um brando coração,
Que preso d'essa vista rigorosa
De si para vós foge, andais fugindo?
Olhai, que em gesto lindo
Não se consente peito tão disforme,
Senão quereis, que tudo se conforme.
Postoque bellas na agua vos vejais,
Á fonte não creais,
Que vos traz enganadas por vingança
D'esta nossa esperança, que enganais.
Mas ah! Que não consinto,
Que nem palavra minha vos offenda,
Postoque me desculpe a mágoa pura.

Digo, Nymphas, que minto:
Pois mal póde haver nunca quem pretenda
Negar-vos essa rara formosura.
Se amor de tanta dura
Por tanto mal tão pouco bem merece,
Não estranheis, minha alma se endoudece:
Que se doudices falla de improviso,
Sem tento, e sem aviso,
Queira Deos, que dureza tão crescida
Me não prive da vida além do siso.
  Cousas grandes, e estranhas,
Por o Mundo tem feito, e faz natura,
Que a quem vos não viu, Nymphas, muito espantam.
Nas Libycas montanhas
As Scitales são feras, de pintura
Tão singular, que só co'a vista encantam.
As hienas levantam
A voz tão natural á voz humana,
Que a quem as ouve, facilmente engana.
E vós (ó gentis feras) cujo aspeito
O Mundo tem sujeito,
Tendes de natureza juntamente
A vista, e voz de gente, e fero o peito.
  Das amorosas leis,
Com que liga natura os corações,
Andais fugindo (ó Nymphas) na espessura?
Como? E não vos correis
De haver em vós tão duras condições,
Que possam mais que a próvida natura?
Se vossa formosura
É sobrenatural, não é forçado,

Que assi tenha tambem o peito irado:
Antes ao puro amor, em cuja mão
Os corações estão,
Por vossa gentileza tão formosa,
Lhes deveis amorosa condição.
  Amor é um brando affecto,
Que Deos no Mundo poz, e a natureza,
Para augmentar as cousas que creou.
De amor está sujeito,
Tudo quanto possue a redondeza:
Nada sem este affecto se gerou.
Por elle conservou
A causa principal o Mundo amado,
Donde o pae famulento foi deitado.
As causas elle as ata, e as conforma
Com o Mundo, e reforma
A materia. Quem ha que não o veja?
Quanto meu mal deseja sempre fórma.
  Entre as plantas do prado
Não ha machos, e femeas conhecidas,
Que junto uma da outra permanece?
Não estão carregados
Os ulmeiros de vides retorcidas,
Onde o cacho enforcado amadurece?
Não vêdes, que padece
Tanta tristeza *a rola por a morte*
Da sua amada, *e unica consorte?*
Pois lá no Olympo, a quantos captivou
Cupido, e maltratou?
Melhor que eu o dirá a subtil donzella,
Que já na sua téla o debuxou.

Ah caso grande, e grave!
Ah peitos de diamante fabricados!
E das leis, absolutas, naturaes!
Aquelle amor suave;
Aquelle poder alto, que forçados
Os deoses obedecem, desprezais?
Pois quero que saibais,
Que contra o fero amor nunca houve escudo.
Costume é seu tomar vingança em tudo.
Eu vos verei lançar em um momento
Suspiros mil ao vento,
Lagrimas, triste pranto, e nova dor,
Por quem tenha outro amor no pensamento.
Mais quizera dizer
O desditoso amante, que ajudado
Se via então da mágoa, e da tristeza;
Mas foi-lh'o defender
O outro companheiro, como irado,
Com tão disforme, e aspera dureza.
Aquillo que a rudeza
De uma sciencia agreste lhe ensinára,
Disse, qual se em tal ponto despertára,
De horrendo sonho com pezado grito.
O mais que alli foi dito,
Vós, montes, o direis; e vós, penedos;
Que em vossos arvoredos anda escripto.

SATYRO SEGUNDO

Nem vós nascidas sois de gente humana,
Nem foi humano o leite que mamastes,

Mas de alguma disforme fera Hyrcana:
Lá no Caucaso horrendo vos criastes:
De aqui trouxestes a aspereza insana;
De aqui os calidos peitos congelastes.
Sois Esphinges nos gestos naturaes,
Que de humanas os rostos só mostrais.
Se vós fostes criadas na espessura,
Onde não houve cousa que se achasse,
Agua, pedra, arbor, flor, ave, alma dura,
Que em seu passado tempo não amasse;
Nem a quem a affeição suave, e pura,
Nessa presente fórma não mudasse;
Porque não deixareis tambem memoria
De vós em namorada, e longa historia?
Olhai como na Arcadia, soterrando
O namorado Alpheo sua agua clara,
Lá na ardente Sicilia vai buscando
Por debaixo do mar a Nympha chara.
Assi tambem vereis passar nadando
Atys, que Galatéa tanto amára,
Por onde do Cyclope a grande mágoa
Converteu do mancebo o sangue em agua.
Virai os olhos, Nymphas, á Erycina
Espessura; vereis alli mudar-se
Egeria, e em fonte clara, e crystallina,
Por a morte de Numa distillar-se.
Olhai, que a triste Byblis vos ensina,
Com perder-se de todo, e transformar-se
Em lagrimas, que, emfim, puderam tanto,
Que accrescentaram sempre o verde manto.
E se entre as claras aguas houve amores,

Os penedos tambem foram perdidos.
Olhai os dous conformes amadores
Lá no monte Ida em pedra convertidos.
Lethéa, por cahir em vãos errores
De sua formosura procedidos;
Oleno, porque a culpa em si tomava,
Por escusar a pena a quem amava.
  Tomai exemplo, e vêde em Cypro aquella,
Por quem Iphis no laço poz a vida.
Tambem vereis em pedra a Nympha bella,
Cuja voz foi por Juno consumida:
E se queixar-se quer de sua estrella,
A voz extrema só lhe é concedida.
E tu tambem (ó Daphnis), que trouxeste
Primeiro ao monte o doce verso agreste.
  Tamanho amor lhe tinha a branda amiga,
Que em inimiga, emfim, se foi tornando:
Porque outra Nympha estranha já o sogiga,
Suas magicas hervas vai buscando.
Olhai a quanto a crua dor obriga!
Por vingar-se assi irada, transformando
O foi em pedra. Oh dura confusão!
Despois lhe pezaria; mas em vão.
  Olhai (Nymphas) as arvores alçadas,
A cuja sombra andais colhendo flores,
Como em seu tempo foram namoradas,
Do que inda agora o tronco sente as dores.
Vereis entre as de fructo matizadas:
Como a côr das amoras é de amores:
O sangue dos amantes na verdura
Testimunha de Tisbe a sepultura.

E lá por a odorifera Sabéa,
Não vêdes, que de lagrimas de aquella,
Que com seu pae se junta, e se recrêa,
Arabia se enriquece, e vive d'ella?
Lembrai-vos da verde arvore Penéa,
Que foi já noutro tempo Nympha bella;
E Cyparisso angelico mancebo;
Ambos verdes com lagrimas de Phebo.
De Phrygia vêde o moço delicado,
No mais alto arvoredo convertido,
Que tantas vezes fere o vento irado,
Galardão de seus erros merecido:
Pois da alta Berecynthia sendo amado,
Por uma Nympha baixa foi perdido:
E a deosa, a quem perdeu do pensamento,
Quiz que tambem perdesse o entendimento.
O subito furor lhe figurava,
Que as arvores, e os montes se cahiam:
Já dos pudicos membros se privava,
Que os horrores a tanto o constrangiam:
Já indignado no monte se lançava:
De sua morte as feras se doíam.
D'est'arte perdeu Atys na espessura,
Despois de tantas perdas, a figura.
Lembre-vos quando as gentes celebravam
Em Grecia as grandes festas de Liêo,
Onde as formosas Nymphas se juntavam,
E os sacros moradores do Licêo.
Todos em doce somno se occupavam
Por o monte, despois que anoiteceu;
Mas o deos do Hellesponto não dormia:

11

Que um novo amor o somno lhe impedia.
  Mas ella, emfim, os braços estendendo,
Em ramos se lhe foram transformando;
Em raizes os pés se vão torcendo;
E o nome Loto só lhe vai ficando.
Vêde, Napêas, este caso horrendo,
Que vos está de longe ameaçando.
Assi tambem d'aquella, a quem seguia
O sacro Pan, a fórma se perdia.
  Que vos direi de Filis, pois perdida
Da saudosa dor com que vivia,
A desesperação emfim trazida
Do comprido esperar de dia em dia?
Por desatar do corpo a triste vida
Atava ao collo a cinta que trazia.
Mas o tronco sem folha por o monte
Rhodope abraça o lento Demophonte.
  Nas boninas tambem vereis Jacintho,
Por quem Phebo de si se queixa em vão!
Vereis o monte Idalio em sangue tinto
Do neto de seu pae, da mãe irmão.
Chora Venus a dor do moço extincto,
Maldiz o Ceo, e a terra, com razão;
A terra, porque logo não se abriu;
O Ceo, porque tal morte permittiu.
  E tu, constante Clicie, a quem fallece
A fé de teus amores enganosos,
No louro amante, que de ti se esquece,
Se esquecem os teus olhos saudosos.
Nenhum alegre estado permanece;
Que são do mundo os gostos mentirosos;

E á tua clara luz, por quem suspiras,
Ainda agora em herva a folha viras.
  Trago-vos estas cousas á lembrança,
Porque se estranhe mais vossa crueza
Com ver que a criação e longa usança
Vos não perverte e muda a natureza.
Dou as lagrimas minhas em fiança,
Que em tudo quanto está na redondeza,
Cousa do amor isenta, se attentais,
Em quanto vos não virdes, não vejais.
  Já disse, que de amor sempre tiveram
As cousas insensiveis pena e gloria.
Vêde as sensiveis como se perderam.
E dir-vos-hei das aves larga historia:
As penas, que em sua alma se soffreram,
Nas azas lhe ficaram por memoria;
E aquelle altivo e leve movimento
Lhes ficou do voar do pensamento.
  O doce rouxinol e a andorinha,
Donde lhes veio o ir-se transformando,
Senão do puro amor que o Thracio tinha,
Que em poupa ainda a amada vai chamando?
Clama sem culpa a misera avesinha,
Que na arêa de Phasis habitando,
Do rio toma o nome; e quando clama,
Cruel á mãe, ao pae injusto chama.
  Vêde a que engeitou Pallas por fallar,
Que dos amores é maior defeito,
E aquella, que succede em seu logar,
Ambas aves, de amor usado effeito;
Uma, porque fugia ao deos do mar;

Outra, porque tentára o patrio leito:
E Scylla, que a seu pae poz em perigo,
Só por ser muito amiga do inimigo.
  E Pico, a quem ficaram inda as cores
Da purpura Real, que antes vestia.
Esaco, que o seguir de seus amores
O trouxe a ver tão cedo o extremo dia.
Ou vêde os dous tão firmes amadores,
Que amor aves tornou na praia fria.
Do Rei dos ventos era genro o triste;
Mas contra o fado, emfim, nada resiste.
  Estava a triste Halcyone, esperando
Com longos olhos o marido ausente;
Mas os ventos indomitos soprando,
Nas aguas o afogaram tristemente.
Em sonhos se lhe está representando;
Que o coração preságo nunca mente:
Só do bem as suspeitas mentirão,
Mas as do mal futuro certas são.
  Ao pranto os olhos seus a triste ensaia;
Buscando o mar com elles ia e vinha:
Quando o corpo sem alma achou na praia;
Sem alma o corpo achou, que na alma tinha!
Ó Nereidas do Egêo, consolai-a,
Pois este pio officio vos convinha.
Consolai-a; sahi das vossas aguas;
Se consolação ha em grandes mágoas.
  Mas oh nescio de mi, que estou fallando
Das avesinhas mansas e amorosas!
Pois tambem teve amor natural mando
Entre as feras montezes venenosas.

O leão e a leoa, como, ou quando
Taes fórmas alcançaram temerosas?
Sabe-o da deosa Dindymene o templo,
E a que a Adonis o dava por exemplo.
  Quem fosse a mansa vacca dil-o-ia;
Mas o grão Nilo o diga, pois a adora.
Que fórma teve Ursa, saber-se-ia
Do Pólo Boreal, onde ella mora.
O caso d'Acteon tambem diria
Em cervo transformado; e melhor fôra
Se dos olhos perdera a vista pura,
Que em seus galgos achar a sepultura.
  Tudo isto Acteon viu na fonte clara,
Onde a si de improviso em cervo viu:
Que quem assi d'est'arte alli o topára,
Que se mudasse em cervo permittiu.
Mas, como o triste Principe em si achára
A desusada fórma, se partiu.
Os seus, desconhecendo-o, vão chamando;
E, tendo-o alli presente, o vão buscando.
  Co'os olhos e co'o gesto lhes fallava;
Que a voz humana já perdida tinha.
Qualquer d'elles por elle então chamava,
E a multidão dos cães contra elle vinha.
Um cervo acude a ver (qualquer gritava)
Acteon, donde estás? acude asinha,
Que tardar tanto é este? (repetia)
É este, é este, o eco respondia.
  Quantas cousas em vão estou fallando
(Oh Napêas esquivas!) sem que veja
O peito de diamante um pouco brando

De quem meu damno tanto só deseja.
Pois, por mais que de mi me andais tirando,
E por mais longa emfim que a vida seja,
Nunca de mi se verá tamanha dor,
Que amor a não converta em mais amor.

Aqui (formosas Nymphas) vos pintei
Todo d'amores um jardim suave;
De aguas, de pedras, de arvores contei,
De flores, de almas feras, de uma, outra ave.
Se este amor, que no peito aposentei,
Que dos contentamentos tem a chave,
Por dita em tempo algum determinasse
Que de tão longos damnos vos pezasse:

Quanto mais devagar vos contaria
De minha larga historia e não alheia?
E com quanta mais agua regaria,
Que o rio, de contente, a branca areia?
Novo contentamento me seria
Formar de meu cuidado a nova ideia:
E vós, gostando d'este estado ufano,
Zombarieis então de vosso engano.

Mas com quem fallo já? que estou gritando,
Pois não ha nos penedos sentimento?
Ao vento estou palavras espalhando;
A quem as digo, corre mais que o vento.
A voz e a vida a dor me está tirando,
E o tempo não me tira o pensamento.
Direi, emfim, ás duras esquivanças
Que só na morte tenho as esperanças.

Aqui, sentido, o Satyro acabou,
Com uns soluços que a alma lhe arrancavam:

Os montes insensiveis, que abalou,
Nas ultimas respostas o ajudavam.
Então Phebo nas aguas se encerrou
Co'os animaes que o Mundo alumiavam;
E co'o luzente gado appareceu
A candida Pastora por o Ceo.

ECLOGA VIII

PISCATORIA

SERENO SÓ

Arde por Galatéa, branca e loura,
Sereno pescador pobre, forçado
De uma estrella, que quer á mingoa moura.
Os outros pescadores têm lançado
No Tejo as redes: elle só fazia
Este queixume ao vento descuidado:
Quando virá (formosa Nympha) um dia,
Em que te possa dar conta estreita
D'esta doudice triste e vã porfia!
Não vês que me foge a alma e que m'engeita,
Buscando em um só riso d'essa bocca,
Nos teus olhos azues mansa colheita?
Se ao teu esprito alguma mágoa toca,
Se de amor fica nelle uma pégada,
Que te vai, Galatéa, nesta troca?

Dar-te-hei minh'alma? lá m'a tens roubada:
Não t'a demandarei: dá-me por ella
Uma só volta d'olhos descuidada.
Se muito te parece, e minha estrella
Não consentir ventura tão ditosa,
Dou-te as azas do amor perdidas nella.
Que mais te posso dar, Nympha formosa,
Inda que o mar de aljofar me cubríra
Toda esta praia leda e graciosa?
Amansam-se ondas, quebra o vento a ira:
Minha tormenta só nunca socega;
O meu peito arde em vão, em vão suspira.
Anda no romper d'alva a nevoa cega
Sobre os montes d'Arrabida viçosos,
Em quanto o solar raio lhes não chega.
Eu, vendo apparecer outros formosos
Raios, que a graça e côr ao Ceo roubaram,
Se os olhos cegos vi, vejo saudosos.
Quantas vezes as ondas se encresparam
Com meus suspiros! Quantas com meu pranto
As fiz parar de mágoa, e me escutaram!
Se na força da dor a voz levanto,
E se ao som do remo, que agua vai ferindo,
Per ante a Lua meu cuidado canto;
Os maviosos delphins me estão ouvindo;
A noite socegada; o mar calado:
Tu só foges de ouvir-me, e te vaes rindo.
Estranhas, por ventura, o mar cercado
Da fraca rede; a barca ao vento solta;
E um pobre Pescador aqui lançado?
Antes que o Sol no Ceo cerre uma volta

Se póde melhorar minha ventura,
Como a outros succede na agua envolta.
  Igual preço não é da formosura
De ouro a arêa, que o rico Tejo espraia,
Mas um amor, que para sempre dura.
  Vejam teus olhos (bella Nympha) a praia;
Verás teu nome na mimosa arêa,
Nunca sobre elle o mar com furia sáia!
  Vento algum até agora o não saltêa:
Tres dias ha, que escripto aqui o deixou
Amor, e o véda a toda força alhêa.
  Elle com suas mãos proprio ajudou
A escolher estas conchas, affirmando
Que o Sol para ti só as matizou.
  Um ramo te colhi de coral brando;
Antes que o ar lhe désse, parecia
O que de tua bocca estou cuidando.
  Ditoso se o soubesse inda algum dia!

REDONDILHAS

(ESCOLHIDAS)

REDONDILHAS (*)

Sobre os rios, que vão
Por Babylonia, me achei,
Onde sentado chorei
As lembranças de Sião,
E quanto nella passei.
Alli o rio corrente
De meus olhos foi manado;
E tudo bem comparado,
Babylonia ao mal presente,
Sião ao tempo passado.
Alli lembranças contentes
Na alma se representaram;
E minhas cousas ausentes
Se fizeram tão presentes,
Como se nunca passaram.
Alli, despois de acordado,
Co'o rosto banhado em agua,
D'este sonho imaginado,

(*) Escreveu o Poeta estas maravilhosas e inimitaveis Redondilhas nas margens do Rio Mecon, depois de ahi mesmo haver escapado de um naufragio, no anno de 1560, quando voltava de Macáo a Goa.

Vi que todo o bem passado,
Não é gosto, mas é mágoa.
  E vi, que todos os damnos
Se causavam das mudanças,
E as mudanças dos annos;
Onde vi quantos enganos
Faz o tempo ás esperanças.
Alli vi o maior bem,
Quão pouco espaço que dura,
O mal quão depressa vem,
E quão triste estado tem,
Quem se fia da ventura.
  Vi aquillo que mais val,
Que então se entende melhor,
Quando mais perdido for:
Vi o bem succeder mal,
E o mal muito peor.
E vi com muito trabalho
Comprar arrependimento:
Vi nenhum contentamento,
E vejo-me a mi, que espalho
Tristes palavras ao vento.
  Bem são rios estas aguas,
Com que banho este papel:
Bem parece ser cruel
Variedade de mágoas,
E confusão de Babel.
Como homem, que por exemplo
Dos trances, em que se achou,
Despois que a guerra deixou,
Pelas paredes do templo

Suas armas pendurou:
  Assi, despois que assentei,
Que tudo o tempo gastava,
Da tristeza que tomei,
Nos salgueiros pendurei
Os orgãos com que cantava.
Aquelle instrumento lédo,
Deixei da vida passada;
Dizendo: Musica amada,
Deixo-vos neste arvoredo
Á memoria consagrada.
  Frauta minha, que tangendo
Os montes fazieis vir
Para onde estaveis, correndo;
E as aguas, que iam descendo,
Tornavam logo a subir;
Jámais vos não ouvirão
Os tigres que se amansavam,
E as ovelhas, que pastavam,
Das hervas se fartarão,
Que por vos ouvir deixavam.
  Já não fareis docemente
Em rosas tornar abrolhos,
Na ribeira florecente;
Nem poreis freio á corrente,
E mais se for dos meus olhos.
Não movereis a espessura.
Nem podereis já trazer
Atraz vós a fonte pura,
Pois não pudeste mover
Desconcertos da ventura.

Ficareis offerecida
Á fama, que sempre véla,
Frauta de mi tão querida;
Porque mudando-se a vida,
Se mudam os gostos d'ella.
Acha a tenra mocidade
Prazeres accommodados;
E logo a maior idade
Já sente por pouquidade
Aquelles gostos passados.
Um gosto, que hoje se alcança,
Ámanhã já o não vejo:
Assi nos traz a mudança
De esperança em esperança,
E de desejo em desejo.
Mas em vida tão escassa,
Que esperança será forte?
Fraqueza de humana sorte,
Que quanto da vida passa,
Está recitando a morte.
Mas deixar nesta espessura
O canto da mocidade,
Não cuide a gente futura,
Que será obra da idade
O que é força da ventura.
Que idade, tempo, e espanto,
De ver quão ligeiro passe,
Nunqua em mi puderam tanto,
Que postoque deixo o canto,
A causa d'elle deixasse.
Mas em tristezas e nojos,

Em gosto, e contentamento,
Por Sol, por neve, por vento,
Tendrè presente a los ojos
Por quien muero tan contento.
Orgãos, e frauta deixava,
Despojo meu tão querido,
No salgueiro, que alli estava,
Que para tropheo ficava
De quem me tinha vencido.
Mas lembranças da affeição,
Que alli captivo me tinha,
Me perguntaram então,
Que era da musica minha,
Que eu cantava em Sião:
Que foi d'aquelle cantar,
Das gentes tão celebrado,
Porque o deixava de usar,
Pois sempre ajuda a passar
Qualquer trabalho passado.
Canta o caminhante lédo,
No caminho trabalhoso,
Por entre o espesso arvoredo;
E de noite o temeroso
Cantando refrêa o medo.
Canta o preso docemente,
Os duros grilhões tocando;
Canta o segador contente;
E o trabalhador cantando,
O trabalho menos sente.
Eu que estas cousas senti
N'alma, de mágoas tão cheia,

Como dirá, respondi,
Quem alheio está de si,
Doce canto em terra alheia?
Como poderá cantar
Quem em choro banha o peito?
Porque, se quem trabalhar,
Canta por menos cansar,
Eu só descansos engeito.
  Que não parece razão,
Nem seria cousa idonia,
Por abrandar a paixão
Que cantasse em Babylonia
As cantigas de Sião.
Que quando a muita graveza
De saudade quebrante
Esta vital fortaleza,
Antes morra de tristeza,
Que por abrandal-a cante.
  Que se o fino pensamento
Só na tristeza consiste,
Não tenho medo ao tormento:
Que morrer de puro triste,
Que maior contentamento?
Nem na frauta cantarei
O que passo, e passei já,
Nem menos o escreverei;
Porque a penna cansará,
E eu não descansarei.
  Que se vida tão pequena
Se accrescenta em terra estranha;
E se amor assi o ordena,

Razão é que canse a penna
De escrever pena tamanha.
Porém, se para assentar
O que sente o coração,
A penna já me cansar,
Não canse para voar
A memoria em Sião.
  Terra bemaventuroda,
Se por algum movimento
Da alma me fores tirada,
Minha penna seja dada
A perpetuo esquecimento.
A pena d'este desterro,
Que eu mais desejo esculpida
Em pedra, ou em duro ferro,
Essa nunca seja ouvida,
Em castigo de meu erro.
  E se eu cantar quizer
Em Babylonia sujeito,
Hierusalem, sem te ver,
A voz, quando a mover,
Se me congele no peito;
A minha lingua se apegue
Ás fauces, pois te perdi,
Se em quanto viver assi
Houver tempo, em que te negue,
Ou que me esqueça de ti.
  Mas ó tu, terra de gloria,
Se eu nunca vi tua essencia,
Como me lembras na ausencia,
Não me lembras na memoria,

*

Senão na reminiscencia?
Que a alma é táboa rasa,
Que com a escripta doutrina
Celeste tanto imagina,
Que vôa da propria casa,
E sobe á patria divina.
  Não é logo a saudade
Das terras onde nasceu
A carne, mas é do Ceo,
D'aquella santa Cidade,
D'onde esta alma descendeu.
E aquella humana figura,
Que cá me póde alterar,
Não é quem se ha de buscar;
É raio da formosura,
Que só se deve de amar.
  Que os olhos, e a luz que ateia
O fogo que cá sujeita,
Não do Sol, mas da candeia,
É sombra d'aquella ideia,
Que em Deos está mais perfeita.
E os que cá me captivaram,
São poderosos affeitos
Que os corações têm sujeitos;
Sophistas, que me ensinaram
Máos caminhos por direitos.
  D'estes o mando tyranno
Me obriga com desatino
A cantar ao som do damno
Cantares de amor profano,
Por versos de amor divino.

Mas eu, lustrado co'o santo
Raio na terra de dor,
De confusões, e de espanto,
Como hei de cantar o canto,
Que só se deve ao Senhor?
  Tanto póde o beneficio
Da graça que dá saude,
Que ordena que a vida mude:
E o que eu tomei por vicio,
Me faz gráo para a virtude;
E faz que este natural
Amor, que tanto se préza,
Suba da sombra ao real,
Da particular belleza
Para a belleza geral.
  Fique logo pendurada
A frauta com que tangi,
Ó Hierusalem sagrada,
E tome a lyra douroda
Para só cantar de ti.
Não captivo e forrolhado
Na Babylonia infernal,
Mas dos vicios desatado,
E cá d'esta a ti levado,
Patria minha natural.
  E se eu mais der a cerviz
A mundanos accidentes,
Duros, tyrannos, e urgentes,
Risque-se quanto já fiz
Do grão livro dos viventes.
E tomando já na mão

A lyra santa, e capaz
De outra mais alta invenção,
Cale-se esta confusão,
Cante-se a visão de paz.
  Ouça-me o Pastor e o Rei,
Retumbe este accento santo,
Mova-se no Mundo espanto;
Que do que já mal cantei
A palinodia já canto.
A vós só me quero ir,
Senhor e grão Capitão
Da alta torre de Sião,
Á qual não posso subir,
Se me vós não dais a mão.
  No grão dia singular,
Que na lyra em douto som
Hierusalem celebrar,
Lembrae-vos de castigar
Os ruins filhos de Edom.
Aquelles que tintos vão
No pobre sangue innocente,
Soberbos co'o poder vão,
Arrazae-os igualmente:
Conheçam que humanos são.
  E aquelle poder tão duro
Dos affectos com que venho,
Que incendem alma e engenho;
Que já me entraram o muro
Do livre arbitrio que tenho;
Estes, que tão furiosos
Gritando vêm a escalar-me,

Máos espiritos damnosos,
Que querem como forçosos
Do alicerce derribar-me;
  Derribae-os, fiquem sós,
De forças fracos, imbelles;
Porque não podemos nós,
Nem com elles ir a vós,
Nem sem vós tirar-nos d'elles.
Não basta minha fraqueza
Para me dar defensão,
Se vós, santo Capitão,
Nesta minha Fortaleza
Não puzerdes guarnição.
  E tu, ó carne, que encantas,
Filha de Babel tão feia,
Toda de miseria cheia,
Que mil vezes te levantas
Contra quem te senhoreia;
Beato só póde ser
Quem co'a ajuda celeste
Contra ti prevalecer,
E te vier a fazer
O mal que lhe tu fizeste:
  Quem com disciplina crua
Se fere mais que uma vez;
Cuja alma, de vicios nua,
Faz nodas na carne sua,
Que já a carne n'alma fez.
E beato quem tomar
Seus pensamentos recentes,
E em nascendo os afogar,

Por não virem a parar
Em vicios graves e urgentes:
Quem com elles logo der
Na pedra do furor santo,
E batendo os desfizer
Na Pedra, que veio a ser
Emfim cabeça do canto:
Quem logo, quando imagina
Nos vicios da carne má,
Os pensamentos declina
Áquella Carne divina,
Que na Cruz esteve já.
Quem do vil contentamento
Cá d'este Mundo visibil,
Quanto ao homem for possibil,
Passar logo entendimento
Para o Mundo intelligibil;
Alli achará alegria
Em tudo perfeita, e cheia
De tão suave harmonia,
Que nem por pouca recreia,
Nem por sobeja enfastia.
Alli verá tão profundo
Mysterio na summa Alteza,
Que, vencida a natureza,
Os móres faustos do Mundo
Julgue por maior baixeza.
Ó tu, divino aposento,
Minha patria singular,
Se só com te imaginar,
Tanto sobe o entendimento,

Que fará se em ti se achar?
  Ditoso quem se partir
Para ti, terra excellente,
Tão justo, e tão penitente,
Que despois de a ti subir,
Lá descanse eternamente!

CARTA A UMA DAMA

  Querendo escrever um dia
O mal, que tanto estimei,
Cuidando no que poria,
Vi Amor que me dizia:
Escreve, que eu notarei.
E como para se ler
Não era historia pequena
A que de mi quiz fazer,
Das azas tirou a penna
Com que me fez escrever.
  E, logo como a tirou,
Me disse: Aviva os espritos:
Que pois em teu favor sou,
Esta penna, que te dou,
Fará voar teus escriptos.
E dando-me a padecer
Tudo o que quiz que puzesse,
Pude emfim d'elle dizer,
Que me deu com que escrevesse

O que me deu a escrever.
  Eu, que este engano entendi,
Disse-lhe: Que escreverei?
Respondeu, dizendo assi:
Altos effeitos de ti,
E d'aquella a quem te dei.
E já que manifesto
Todas minhas estranhezas,
Escreve, pois que te prézas,
Milagres de um claro gesto,
E de quem o viu, tristezas.
  Ah Senhora, em quem se apura
A fé de meu pensamento!
Escutae e estae attento,
Que com vossa formosura
Iguala amor meu tormento.
E, postoque tão remota
Estejais de me escutar
Por me não remediar,
Ouvi, que pois amor nota,
Milagres são de notar.
  Escrevem varios Auctores,
Que junto da clara fonte
Do Ganges, os moradores
Vivem do cheiro das flores
Que nascem naquelle monte.
Se os sentidos podem dar
Mantimento ao viver,
Não é logo de espantar,
Se estes vivem de cheirar,
Que viva eu só de vos ver.

Uma arvore se conhece,
Que na geral alegria
Ella tanto se entristece,
Que, como é noite, florece,
E perde as flores de dia.
Eu, que em ver-vos sinto o preço
Que em vossa vista consiste,
Em a vendo me entristeço,
Porque sei que não mereço
A gloria de ver-me triste.

Um Rei de grande poder
Com veneno foi criado,
Porque, sendo costumado,
Não lhe pudesse empecer,
Se despois lhe fosse dado.
Eu, que criei de pequena
A vista a quanto padece,
D'esta sorte me acontece,
Que não me faz mal a pena,
Senão quando me fallece.

Quem da doença real
De longe enfermo se sente,
Por segredo natural
Fica são vendo sómente
Um volatil animal.
Do mal, que amor em mi cria,
Quando aquella Phenix vejo,
São de todo ficaria;
Mas fica-me hydropesia,
Que quanto mais, mais desejo.

....

Querendo amor sustentar-se,
Fez uma vontade esquiva
De uma estatua namorar-se:
Despois, por manifestar-se,
Converteu-a em mulher viva.
De quem me irei eu queixando,
Ou quem direi que me engana
Se vou seguindo, e buscando
Uma imagem, que de humana
Em pedra se vaí tornando?
De uma fonte se sabia,
Da qual certo se provava,
Que quem sobre ella jurava,
Se falsidade dizia,
Dos olhos logo cegava.
Vós, que minha liberdade,
Senhora, tyrannizais,
Injustamente mandais,
Quando vos fallo verdade,
Que vos não possa ver mais.
Da palma se escreve e canta
Ser tão dura e tão forçosa,
Que peso não a quebranta,
Mas antes, de presumpçosa,
Com elle mais se levanta.
Co'o peso do mal que dais,
A constancia que em mi vejo,
Não sómente m'a dobrais,
Mas dobra-se meu desejo,
Com que então vos quero mais.
Se alguem os olhos quizer

Ás andorinhas quebrar,
Logo a mãe, sem se deter,
Uma herva lhe vai buscar
Que lhes faz outros nascer.
Eu que os olhos tenho attento
Nos vossos, que estrellas são,
Cegam-se os do entendimento;
Mas nascem-me os da razão
De folgar com meu tormento.
  Lá para onde o Sol sahe,
Descobrimos, navegando,
Um novo rio admirando,
Que o lenho que nelle cahe,
Em pedra se vai tornando.
Não se espantem d'isto as gentes;
Mais razão será que espante
Um coração tão possante,
Que com lagrimas ardentes
Se converte em diamante.
  Póde um mudo nadador
Na linha, e canna influir
Tão venenoso vigor,
Que faz mais não se bulir
O braço do pescador.
Se começam de beber
D'este veneno excellente
Meus olhos, sem se deter,
Não se sabem mais mover
A nada que se apresente.
  Isto são claros signaes
Do muito que em mi podeis,

Nem podeis desejar mais,
Que se ver-vos desejais,
Em mi claro vos vereis.
E quereis ver a que fim,
Em mi tanto bem se poz?
Porque quiz amor assim,
Que por vos verdes a vós,
Tambem me visseis a mim.

Dos males que me ordenais,
Que inda tenho por pequenos,
Sabei, se m'os escutais,
Que já não sei dizer mais,
Nem vós podeis saber menos.
Mas já que a tanto tormento
Não se acha quem resista,
Eu, Senhora, me contento
De terdes meu soffrimento
Por alvo de vossa vista.

Quantos contrarios consente
Amor, por mais padecer;
Que aquella vista excellente,
Que me faz viver contente,
Me faça tão triste ser.
Mas dou este entendimento
Ao mal, que tanto me offende,
Como na véla se entende,
Que se se apaga co'o vento,
Co'o mesmo vento se accende.

Experimentou-se algum'hora,
D'ave que chamam Camão,
Que se da casa, onde mora,

Vê adultera Senhora,
Morre de pura paixão:
A dor é tão sem medida
Que remedio lhe não val.
Mas oh ditoso animal,
Que póde perder a vida,
Quando vê tamanho mal!
  Nos gostos de vos querer
Estava agora enlevado,
Senão fora salteado
Das lembranças de temer
Ser por outrem desamado.
Estas suspeitas tão frias,
Com que o pensamento sonha,
São assi como as harpias,
Que as mais doces iguarias
Vão converter em peçonha.
  Faz-me este mal infinito,
Não poder jámais dizer,
Por não vir a corromper
Os gostos que tenho escripto,
Co'os males que hei de escrever.
Não quero que se apregôe
Mal tanto para encobrir,
Porque em quanto aqui se ouvir,
Nenhuma outra cousa soe,
Que a gloria de vos servir.

ESTANCIAS

(ESCOLHIDAS)

ESTANCIAS

I

Quem póde ser no Mundo tão quieto?
Ou quem terá tão livre o pensamento?
Quem tão exprimentado, ou tão discreto?
Tão fóra, emfim, de humano entendimento,
Que ou com publico effeito, ou com secreto,
Lhe não revolva, e espante o sentimento,
Deixando-lhe o juizo quasi incerto,
Ver, e notar do Mundo o desconcerto?

II

Quem ha que veja aquelle que vivia
De latrocinios, mortes, e adulterios,
Que ao juizo das gentes merecia
Perpétua pena, immensos vituperios;
Se a fortuna em contrario o seva, e guia,
Mostrando, emfim, que tudo são mysterios
Em alteza de estados triumphante,
Que por livre que seja não se espante?

*

III

Quem ha que veja aquelle que tão clara
Teve a vida, que em tudo por perfeito
O proprio Momo ás gentes o julgára,
Inda quando lhe visse aberto o peito;
Se a má fortuna, ao bem sómente avara,
O reprime, e lhe nega seu direito,
Que lhe não fique o peito congelado,
Por mais, e mais, que seja exprimentado?

IV

Demócrito dos deoses proferia
Que eram sós dous; a Pena, e Beneficio.
Segredo algum será da phantasia,
De que eu achar não posso claro indicio.
Que se ambos vêm por não cuidada via
A quem os não merece, é grande vicio
Em deoses sem justiça, e sem razão.
Mas Demócrito o disse, e Paulo não.

V

Dir-me-heis, que se este estranho desconcerto
Novamente no Mundo se mostrasse,
Que por livre que fosse, e mui experto,
Não era de espantar se me espantasse.
Mas que se já de Socrates foi certo,
Que nenhum grande caso lhe mudasse
O vulto, (ou de prudente, ou de constante)
Exemplo tome d'elle, e não me espante.

VI

Parece a razão boa; mas eu digo
D'este uso da fortuna tão damnado,
Que quanto é mais usado, e mais antigo,
Tanto é mais estranho, e blasphemado.
Porque se o Ceo, das gentes tão amigo,
Não dá á fortuna tempo limitado,
Bem é para causar um grande espanto,
Que mal tão mal olhado dure tanto.

VII

Outro espanto maior aqui me enlêa;
Que com quanto fortuna tão profana
Com estes desconcertos senhorêa,
A nenhuma pessoa desengana.
Não ha ninguem que assente, nem que crêa
Este discurso vão da vida humana,
Por mais que philosophe, nem que entenda,
Que algum pouco do Mundo não pretenda.

VIII

Diogenes pisava de Platão
Com seus sórdidos pés o rico estrado,
Mostrando outra mais alta presumpção
Em desprezar o fausto tão prezado.
Diogenes, não vês que extremos são
Esses que segues de mais alto estado?
Pois se de desprezar te prézas muito,
Já pretendes do Mundo fama, e fruito.

IX

Deixo agora Reis grandes, cujo estudo
É fartar esta sede cubiçosa
De querer dominar, e mandar tudo,
Com fama larga, e pompa sumptuosa.
Deixo aquelles que tomam por escudo
De seus vicios, e vida vergonhosa,
A nobreza de seus antecessores,
E não cuidam de si que são peores.

X

Aquelle deixo, a quem do somno esperta
O grão favor do Rei que serve, e adora,
E se mantém d'esta aura falsa, e incerta,
Que de corações tantos é senhora.
Deixo aquelles que estão co'a bocca aberta
Por se encher de thesouros de hora em hora;
Doentes d'esta falsa hydropesia,
Que quanto mais alcança, mais queria.

XI

Deixo outras obras vãs do vulgo errado,
A que já não ha alguem que contradiga;
Nem de outra cousa alguma é governado,
Que de uma opinião, e usança antiga.
Mas pergunto ora a Cesar esforçado,
Ora a Platão divino, que me diga,
Este das muitas terras em que andou,
Aquelle de vencel-as, que alcançou?

XII

Cesar dirá: Sou digno de memoria,
Vencendo povos varios, e esforçados:
Fui Monarca do Mundo; e larga historia
Ficará de meus feitos sublimados.
É verdade: mas esse mando, e gloria,
Lograste-o muito tempo? Os conjurados
Bruto, e Cassio dirão, que se venceste,
Emfim, emfim, ás mãos dos teus morreste.

XIII

Dirá Platão: Por ver o Etna, e o Nilo,
Fui a Sicilia, a Egypto, e outras partes,
Só por ver, e escrever em alto estylo
Da natural sciencia em muitas artes.
O tempo é breve, e queres consumil-o,
Platão, todo em trabalhos; e repartes
Tão mal de teu estudo as breves horas,
Que, emfim, do falso Phebo o filho adoras?

XIV

Pois quantos des que vive já apartada
A alma d'esta prisão terreste, e escura,
Está em tamanhas cousas occupada,
Que da fama que fica nada cura.
E se o corpo terreno sinta nada
O Cynico dirá se por ventura
No campo onde lançado morto estava
De si os cães, ou as aves, enxotava.

XV

Quem tão baixa tivesse a phantasia,
Que nunca em mores cousas a mettesse
Que em só levar seu gado á fonte fria,
E mugir-lhe do leite que bebesse!
Quão bemaventurado que seria,
Que por mais que a fortuna revolvesse,
Nunca em si sentiria maior pena,
Que pezar-lhe de a vida ser pequena!

XVI

Veria erguer do Sol a róxa face,
Veria correr sempre a clara fonte,
Sem imaginar a agua donde nace,
Nem quem a luz occulta no Horizonte:
Tangendo a frauta donde o gado pace,
Conheceria as hervas do alto monte:
Em Deos creria simples, e quieto,
Sem mais especular algum secreto.

XVII

De um certo Trasilao se lê, e escreve,
Entre as cousas da velha Antiguidade,
Que perdido grão tempo o siso teve,
Por causa de uma grave enfermidade:
E em quanto de si fóra doudo esteve,
Tinha por teima, e cria por verdade,
Que eram suas, das náos que navegavam,
Quantas no porto Píreo ancoravam.

XVIII

Por um Senhor mui grande se teria,
(Além da vida alegre que passava)
Pois nas que se perdiam não perdia,
E das que vinham salvas se alegrava.
Não tardou muito tempo, quando um dia
Huncrito, seu irmão, que ausente estava,
Chegando á patria, quando o viu perdido,
Do fraternal amor foi commovido.

XIX

Aos Medicos o entrega, e com aviso
O faz estar á cura refusada.
Triste, que por tornar-lhe o antigo siso
Lhe tira a doce vida descansada!
As hervas Apollineas de improviso
O tornam á saude já passada.
Sisudo Trasilao, ao caro irmão
Agradece a vontade, a obra não.

XX

Porque despois de ver-se no perigo
Do trabalho a que o siso o obrigava;
E despois de não ver o estado antigo,
Que a louca presumpção lhe presentava:
Ó inimigo irmão, com côr de amigo;
Para que me tiraste (suspirava)
Da mais quieta vida, e livre em tudo,
Que nunca pôde ter algum sisudo?

XXI

Por qual Senhor algum eu me trocára,
Ou por qual algum Rei de mais grandeza?
Que me dava que o Mundo se acabára,
Ou que a ordem mudasse a natureza?
Agora me é penosa a vida cara:
Sei que cousa é trabalho, e que tristeza.
Torna-me a meu estado; que eu te aviso
Que na doudice só consiste o siso.

XXII

Vêdes aqui, Senhor, bem claramente
Como a fortuna em todos tem poder,
Senão só no que menos sabe, e sente,
Em quem nenhum desejo póde haver:
Este se póde rir da cega gente;
Neste não póde nada acontecer;
Nem estará suspenso na balança
Do temor máo da perfida esperança.

XXIII

Mas se o sereno Ceo me concedera
Qualquer quieto, humilde, e doce estado,
Onde com minhas Musas só vivera,
Sem ver-me em terra alhêa degradado;
E alli outrem ninguem me conhecêra,
Nem conhecêra eu outro mais honrado,
Senão a vós, tambem, como eu, contente,
Que bem sei que o sereis facilmente:

XXIV

E ao longo de uma clara, e pura fonte,
Que em borbulhas nascendo convidasse
Ao doce passarinho, que nos conte
Quem da cara consorte o apartasse:
Despois, cobrindo a neve o verde monte,
Ao gasalhado o frio nos levasse,
Avivando o juizo ao doce estudo,
Mais certo manjar da alma, emfim, que tudo:

XXV

Cantára-nos aquelle que tão claro
O fez o fogo da arvore Phebea,
A qual elle em estylo grande, e raro,
Louvando, o crystallino Sorga enfrêa,
Tangéra-nos na frauta Sanazaro,
Ora nos montes, ora por a arêa:
Passára celebrando o Tejo ufano
O brando, e doce Lasso Castelhano:

XXVI

E comnosco tambem se achára aquella,
Cuja lembrança, e cujo claro gesto,
Na alma sómente vejo, porque nella
Está em essencia puro, e manifesto,
Por alta influição de minha estrella
Mitigando o rigor do peito honesto,
Entretecendo rosas nos cabellos,
De que tomasse a luz o Sol em vellos:

XXVII

E em quanto por Verão flores colhesse,
Ou por Inverno a fogo accommodado,
O que de mi sentíra nos dissesse,
De puro amor o peito salteado;
Não pedíra então eu, que amor me désse
Do insano Trasilao o doudo estado,
Mas que alli me dobrasse o entendimento,
Por ter de tanto bem conhecimento.

XXVIII

Mas por onde me leva a phantasia?
Porque imagino em bemaventuranças,
Se tão longe a fortuna me desvia,
Que inda não me consente as esperanças?
Se um novo pensamento amor me cria,
Onde o logar, o tempo, as esquivanças
Do bem, me fazem tão desamparado,
Que não póde ser mais que imaginado?

XXIX

Fortuna, emfim, co'o amor se conjurou
Contra mi, porque mais me magoasse:
Amor a um vão desejo me obrigou,
Só para que a fortuna m'o negasse:
O tempo a tal estado me chegou,
E nelle quiz que a vida se acabasse;
Se ha em mi acabar-se, o que eu não creio;
Que até da minha vida me receio.

VOLTAS

(ESCOLHIDAS)

VOLTAS

MOTIVO ALHEO

Vós, Senhora, tudo tendes,
Senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Dotou em vós natureza
O summo da perfeição;
Que o que em vós é senão,
É em outras gentileza:
O verde não se despreza,
Que, agora que vós o tendes,
São bellos os olhos verdes.
Ouro e azul é a melhor
Côr, por que a gente se perde;
Mas a graça d'esse verde
Tira a graça a toda côr.
Fica agora sendo a flor
A côr, que nos olhos tendes,
Porque são vossos e verdes.

MOTIVO ALHEO

Perdigão perdeu a penna,
Não ha mal que lhe não venha.

VOLTAS

Perdigão, que o pensamento
Subiu a um alto logar,
Perder a penna de voar,
Ganha a pena do tormento:
Não tem no ar, nem no vento,
Azas com que se sustenha:
Não ha mal que lhe não venha.
Quiz voar a uma alta torre,
Mas achou-se desasado;
E vendo-se despennado,
De puro penado morre.
Se a queixumes se soccorre,
Lança no fogo mais lenha:
Não ha mal que lhe não venha.

Quem ora soubesse
Onde o Amor nasce,
Que o semeasse!

VOLTAS

D'Amor e seus damnos
Me fiz lavrador;
Semeava amor,
E colhia enganos;
Não vi, em meus annos,
Homem que apanhasse
O que semeasse.
Vi terra florida
De lindos abrolhos,
Lindos para os olhos,
Duros para a vida.
Mas a rez perdida,
Que tal herva pasce,
Em forte hora nasce.
Com quanto perdi,
Trabalhava em vão:
Se semeei grão,
Grande dor colhi.
Amor nunca vi
Que muito durasse,
Que não magoasse.

MOTE

Irme quiero, madre,
A aquella galera,
Con el marinero,
A ser marinera.

VOLTAS PROPRIAS

Madre, si me fuere,
Do quiera que vò,
No lo quiero yo,
Que el Amor lo quiere.
Aquel niño fiero,
Hace que me muera
Por un marinero
A ser marinera.
El que todo puede,
Madre, no podrá,
Pues el alma vá,
Que el cuerpo se quede.
Con el porque muero
Voy, porque no muera;
Que si es marinero,
Seré marinera.
Es tirana ley
Del niño Señor,
Que por un amor
Se deseche un Rey.

Pues desta manera
Quiere, irme quiero
Por un marinero
A ser marinera.
 Dezid, ondas, cuando
Vistes vos donzella,
Siendo tierna y bella,
Andar navegando?
Mas que no se espera
De aquel niño fiero?
Vea yo quien quiero,
Sea marinera.

MOTE

Se Helena apartar
Do campo seus olhos,
Nascerão abrolhos.

VOLTAS

A verdura amena,
Gados, que pasceis,
Sabei que a deveis
Aos olhos de Helena.
Os ventos serena,
Faz flores de abrolhos
O ar de seus olhos.

*

Faz serras florídas,
Faz claras as fontes:
Se isto faz nos montes.
Que fará nas vidas?
Tral-as suspendidas,
Como hervas em mólhos,
Na luz de seus olhos.
Os corações prende
Com graça inhumana;
De cada pestana
Uma alma lhe pende.
Amor se lhe rende,
E posto em giolhos,
Pasma nos seus olhos.

MOTE ALHEO

Verdes são os campos
De côr de limão;
Assi são os olhos
Do meu coração.

VOLTAS

Campo, que te estendes
Com verdura bella;
Ovelhas, que nella

Vosso pasto tendes;
De hervas vos mantendes
Que traz o Verão;
E eu das lembranças
Do meu coração.
 Gados, que pasceis
Com contentamento,
Vosso mantimento
Não o entendeis.
Isso que comeis,
Não são hervas, não.
São graça dos olhos
Do meu coração.

MOTE ALHEO

 Verdes são as hortas,
Com rosas, e flores:
Moças, que as regam,
Matam-me d'amores.

VOLTAS

 Entre estes penedos,
Que d'aqui parecem,
Verdes hervas crescem,
Altos arvoredos.

Vai d'estes rochedos
Agua, com que as flores,
D'outras são regadas,
Que matam de amores.
  Com agua, que cai
D'aquella espessura,
Outra se mistura,
Que dos olhos sai:
Toda junta vai
Regar brancas flores,
Onde ha outros olhos,
Que matam de amores.
  Celestes jardins,
As flores estrellas:
Hortelôas d'ellas,
São uns seraphins:
Rosas, e jasmins,
De diversas côres,
Anjos, que as regam,
Matam-me d'amores.

CANTIGA VELHA

Sois formosa, e tudo tendes,
Senão que tendes os olhos verdes.

VOLTAS

Ninguem vos póde tirar
Serdes tão bem assombrada;
Mas heis-me de perdoar,
Que os olhos não valem nada.
Fostes mal aconselhada
Em querer que fossem verdes,
Trabalhae de os esconderdes.
A vossa testa é jardim,
Aonde amor se desenfada;
É tão branca, e bem talhada,
Que parece de marfim.
Assi é; e quanto a mim,
Isso vos nasce de a terdes
Tão perto dos olhos verdes.
Os cabellos desatados
O mesmo sol escurecem;
Senão que por serem ondados,
Algum tanto desmerecem:
Mas á fé, que se parecem
A furto dos olhos verdes,
Não vos peze, não, de os terdes.
As pestanas têm mostrado

Ser raios, que abrazam vidas;
Se não foram tão compridas,
Tudo o mais era pintado:
Ellas me tinham levado
A alma, sem o vós saberdes,
Se não foram os olhos verdes.

....

Esse riso, que é composto
De quantas graças nasceram,
Senão que alguns me disseram,
Vos faz covinhas no rosto.
Na vontade tenho posto
Dar-vos a alma, se quizerdes,
A trôco dos olhos verdes.

Nunca se viu, nem se escreve
Bocca co'uma graça igual,
Se não fôra de coral,
E os dentes de côr de neve.
Dou-me eu a Deos, que me leve,
Soffrerei quanto tiverdes,
Não me tenhais olhos verdes.

Essa garganta merece
Outras palavras não minhas,
Senão que feita em rosquinhas
De alfenim, o que parece.
Eu sei bem quem se offerece
A tomar tudo o que tendes,
E tambem os olhos verdes.

Essas mãos são ferropeas,
Só o vel-as enfeitiça;
Senão que são alvas, cheias,

E têm a feição roliça;
Com que appellais por justiça,
Para com ellas prenderdes
Quem vê vossos olhos verdes.
A vossa galantaria
Matará a quem fallardes:
Tendes uns desdens e tardes,
Que eu logo vos roubaria.
Oh dou-me a Santa Maria,
Sou cujo de quanto tendes,
E tambem d'esses olhos verdes.

MOTE

Descalça vai para a fonte
Leonor pela verdura;
Vai formosa, e não segura.

VOLTAS

Leva na cabeça o pote,
O testo nas mãos de prata,
Cinta de fina escarlata,
Sainho de chamalote:
Traz a vasquinha de cote,
Mais branca que a neve pura;
Vai formosa, e não segura.

Descobre a touca a garganta,
Cabellos de ouro entrançado,
Fita de côr de encarnado,
Tão linda que o Mundo espanta:
Chove nella graça tanta,
Que dá graça á formosura;
Vai formosa, e não segura.

ENDEIXAS

ENDECHAS A BARBARA ESCRAVA

Aquella captiva,
Que me tem captivo,
Porque nella vivo,
Já não quer que viva.
Eu nunca vi rosa
Em suaves mólhos,
Que para meus olhos
Fosse mais formosa.
Nem no campo flores,
Nem no Ceo estrellas,
Me parecem bellas,
Como os meus amores.
Rosto singular,
Olhos socegados,
Pretos e cansados,
Mas não de matar.
Uma graça viva,
Que nelles lhe mora,
Para ser Senhora
De quem é captiva.

Pretos os cabellos,
Onde o povo vão,
Perde opinião,
Que os louros são bellos.
  Pretidão de amor,
Tão doce a figura
Que a neve lhe jura
Que trocára a côr.
Léda mansidão,
Que o siso acompanha:
Bem parece estranha,
Mas Barbara não.
  Presença serena,
Que a tormenta amansa:
Nella emfim descansa
Toda minha pena.
Esta é a captiva,
Que me tem captivo;
E pois nella vivo,
É força que viva.

MOTE

Lume d'esta vida
Veja-me esse lume
Já que se presume
Sem o ver perdida.

VOLTA

Concedei luz tal
A quem vós cegastes,
Toda me tirastes
E essa só me val:
Razão é querida
Já vir do alto cume
Sorte de tal lume
A alma tão perdida.

Desatando hide
Esta treva escura
Aurora onde pura
Toda luz reside:
Ay que atada a vida
Já com esse lume
Deixa o seu queixume
Estima-se por perdida.

ADDITAMENTO

CCXXXIV

Oh quanto melhor é o supremo dia
Da mansa morte, que o do nascimento!
Oh quanto melhor é um só momento,
Que livre de annos tantos de agonia!

De alcançar outro bem cesse a porfia;
Cesse todo applicado pensamento
De tudo quanto dá contentamento,
Pois só contenta ao corpo a terra fria.

O que do seu fez Deus seu despenseiro,
Tem mais estreita conta que lhe dar:
Então parece rico o ovelheiro.

Triste de quem no dia derradeiro,
Tem o suor alheo por pagar,
Pois a alma ha de vender por o dinheiro!

CCCXXXIX

O dia, e hora em que naci moura e pereça,
Não o queira jámais o tempo dar,
Não torne mais ao mundo, e se tornar
Eclipse nesse passo o sol padeça.

A luz lhe falte, o sol se escureça,
Mostre o mundo sinaes de se acabar,
Naçam-lhe monstros, sangue chova o ar,
A mãe ao proprio filho não conheça.

As pessoas pasmadas de ignorantes,
As lagrimas no rosto, a côr perdida,
Cuidem que o mundo já se destruiu.

Oh gente temerosa, não te espantes,
Que este dia deitou ao mundo a vida
Mais desgraçada que jámais se viu!

NOTA FINAL

A nota, que se lê no fim da pag. 173, é textualmente transcripta da edição de Faria e Sousa, porém não nos conformamos completamente com a opinião alli emittida, como já dissemos na introducção.

Apezar de todo o cuidado que pozemos em mais apurar esta selecção, ainda assim foram impressas algumas poesias, que, tendo o seu merecimento relativo, não nos parecem comtudo das mais primorosas, e que teriamos eliminado, se tivessemos podido rever mais pausadamente esta publicação. Mas bem pouco seria o que teriamos a omittir.

INDICE